



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEdU
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

BIANCA DIAS DE SOUZA

**LITERATURA, NARRATIVA E FORMAÇÃO DOCENTE: AUTORIA SEMEADA
NA EXPERIÊNCIA ANCESTRAL (COM)PARTILHADA**

RIO DE JANEIRO

2021

Bianca Dias de Souza

**Literatura, Narrativa e Formação Docente: autoria semeada na experiência ancestral
(com)partilhada**

Texto dissertativo apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Sanches Sampaio

RIO DE JANEIRO

2021

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

S725 Souza, Bianca Dias de
Literatura, Narrativa e Formação Docente: autoria
semeada na experiência ancestral (com)partilhada /
Bianca Dias de Souza. -- Rio de Janeiro, 2021.
117

Orientadora: Carmen Sanches Sampaio.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Educação, 2021.

1. Formação Docente. 2. Investigação Narrativa. 3.
Literatura. 4. Circulo de Leitura. 5. Práticas
Educativas. I. Sampaio, Carmen Sanches, orient. II.
Titulo.

Bianca Dias de Souza

**Literatura, Narrativa e Formação Docente: autoria semeada na experiência ancestral
(com)partilhada**

Texto dissertativo apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em 30/09/2021.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Carmen Sanches Sampaio – UNIRIO
(Orientadora)

Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno – UFS/Sergipe
(Membro externo)

Profa. Dra. Adrienne Ogêda Guedes – UNIRIO
(Membro interno)

Prof. Dr. Tiago Ribeiro da Silva – UNR/Argentina
(Membro externo)

Profa. Dra. Claudia de Oliveira Fernandes – UNIRIO
(Membro interno)

Rio de Janeiro

2021

Ao meu velho sábio e incentivador de sonhos (*in memoriam*)...
Abraço e faço da poesia de Ryane Leão (2019), uma dedicatória:

*pai,
teus olhos vermelhos me disseram
que o mundo te esqueceu
ali eu te fiz memória
eu canto uma música pra você todos os dias
escrevo sobre seus rastros
falo seu nome inúmeras vezes
enquanto sonho acordada
e não deixo sua energia abandonar
essa existência*

*você falhou muito
partiu cedo
e a sua segunda chance
é o meu ser palavra*

AGRADECIMENTOS

À energia criadora que habita no Universo, que é palavra e realiza através da palavra. Que ecoa: amorosidade, humildade, bondade, solidariedade... Não esqueço de uma música da Lagoinha Worship que ouvi à caminho da última etapa do processo seletivo deste curso de Mestrado, já agradecendo: “Eu grata sou, por tudo o que tens feito. Eu cantarei, tua graça e o teu amor. Amor infalível, Deus, te agradeço!”. E hoje, meu coração transborda gratidão.

Aos seres de luz que me amparam e protegem.

Às/Aos minhas/meus ancestrais... Principalmente, vovó(s) Cléa Caravella e Julia Bruno Pastore.

Ao meu pai querido, rosa mística vermelha da saudade, meu anjo protetor e sonhador, João Carlos Pastore. Receba o meu amor e cada palavra escrita-sentida... Assim é!

À minha mãe Maura Dias, por gerar minha existência e por ter me educado, mesmo com as circunstâncias as quais atravessou. Obrigada por ter feito o melhor que pôde!

Ao meu irmão Diego Cyrino e cunhada Kamila Medeiros, por terem sido rede de apoio, principalmente, nesse finalzinho do Mestrado.

À minha irmã Julia Pastore, obrigada por ser para mim a primeira referência feminina poética.

À professora e amiga Marcela Fernandez, a quem muito admiro e tenho gratidão. Quanta sensibilidade emana! Obrigada pela generosidade, abertura de caminhos, afetos e parcerias desde 2015 no *Ler e Compartilhar*. Obrigada pelas trocas, por acreditar e estarmos juntas no perto-longe contínuo. Não tenho palavras suficientes para agradecer, mas bell hooks (2020) me/nos diz: “[...] sabemos que, ao deixar nossa luz brilhar, atraímos e somos atraídos por outras pessoas que mantêm sua chama acesa. Não estamos sozinhos - p.137”. Vamos juntas!!!

À professora Carmen Sanches Sampaio, pela orientação, escuta e conversa. Pelos questionamentos aos quais, me ajudaram a desejar questionar também. Pelas dicas para interagir mais e realizar anotações no caderno de campo. Pela paciência na minha rigidez inicial e objetiva na escrita deste trabalho. Obrigada por me ajudar a repensar, pelas/os autoras/es partilhadas/os e pelas trocas no GPPF.

Às amigas do *Ler e Compartilhar*: Yasmim Borges – pelas conversas desde 2018, por sonhar junto, apoiar e levantar. Uma levantando a outra e torcendo pela outra!!! Admiro a potência na sua voz ao ler e o seu senso crítico questionador. Maria Luíza – pela escuta atenta, parceria e criações lindas de cartazes que me encantam. Tamy Lopes (recém chegada em 2021) – pela organização ao trabalhar, como também, pela abertura a aprender junto, a trocar. Isso, antes do homi de cobra passar (rs), pois nos estendemos...Obrigada à todas, até por participarem das apresentações, aprendo muito com vocês!

Às amigas do *GPPF*: Anna Beatriz Vecchia – parceira de estágio docente e tudo do Mestrado, desde sempre incentivando, trocando e se dispondo ajudar, me levando pra mureta, amizade

pra vida. Fabiane Florido e Maria Silva – queridas de Niterói/Maricá, aqui do outro lado da ponte. Obrigada pelas conversas, pelos retornos para casa juntas e pelo apoio e partilhas de textos. Natália Romão – pela escuta sensível e por todo levante, pela energia boa que coloca pra cima e dá vontade de sair por aí, desbravando. Obrigada por todo o carinho e por me apresentar a escrita de Upile Chisala.

Às amigas do *GT Mureta*: Anna Beatriz de novo – por me ajudar a desconstruir, por brilhar e vibrar junto. Graciele Galdino – pela abertura desde o início do Mestrado, pelas preocupações e conversas, pela coragem e por encorajar, pela dança até no caos, pela luta inspiradora como mulher e mãe, uma honra nossa troca. Mari López – sensibilidade em pessoa e em escrita, poesia em poucos minutos de conversa, brisa leve que anima, uma querida amiga. Evelyn Lima – pelo bom humor, carinho, incentivo e por todas as dicas. Guilherme Pereira – pelas conversas, áudios longos e partilhas literárias. Super obrigada!!!

À minha amiga Ana Cristina Moledo, por ser uma anja em minha vida desde 2013 no PIBID da UNIRIO. Pelo afeto, escuta, força, conselhos, sorrisos, choros, sopros de vida em conversas. Por me receber em sua casa, por todo o cuidado e orações. Há encontros e sintonias na vida, estamos e somos conectadas!!!

À minha amiga Jucilene Silva, que conheci em 2018 na UFRJ e me apoia desde sempre. Mas, esse apoio é mútuo. Muito obrigada pelas palavras e por estar presente de alguma forma, interagindo e rindo!

À minha amiga Mírian Lopes, residente linda, que sonha junto. Há amigas mais chegadas que irmãs, você é uma delas!!!

À querida Banca Examinadora, pelo aceite, abertura à leitura deste trabalho e pelas contribuições incríveis desde a qualificação. Cada palavra muito me emocionou e moveu. Alberto Roiphe, Adriane Ogêda, Claudia Fernandes, Tiago Ribeiro – uma honra contar com a presença, escuta e falas de vocês, professoras/es. Obrigada pela disponibilidade, pelos apontamentos e partilhas de leitura.

Ao professor Diego Vargas, pela leitura atenciosa e lindo parecer da monografia, incentivando movimentos e publicações futuras que reverberam em mim até hoje.

Às/Aos estudantes de Pedagogia das turmas *Alfabetização, Leitura e Escrita* (2019.1 e 2019.2), *Literatura na formação do leitor* (2019.1) e grupo que migrou para a *Roda Virtual* (2020). Como também, à Silvia Almeida e Francisco Sousa, da Universidade dos Açores. Obrigada pelas trocas nos encontros em círculo e no Clube de Leitura!

À CAPES e ao PPGedu UNIRIO, por possibilitarem o apoio financeiro desta experiência formativa em 2 anos e meio, numa Pandemia. Viva a Universidade Pública!!!

À todas e todes que de alguma forma contribuíram e vibraram por esta dissertação. Só gratidão!!!

“Viver é partir, voltar e repartir...” (Emicida)



Narrativa escrita e imagética de uma estudante-participante do Círculo *Ler e Compartilhar* na turma de Alfabetização, Leitura e Escrita (1º semestre/2019).

SOUZA, Bianca Dias de. **Literatura, Narrativa e Formação Docente:** autoria semeada na experiência ancestral (com)partilhada. 2021. 117p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RESUMO

A presente dissertação partilha sentidos, reflexões e aprendizagens semeadas com um grupo de estudantes vinculados ao curso de Pedagogia da UNIRIO, tendo como aposta a prática educativa *Círculo de Leitura*, experimentada e vivida nas ações do Projeto de Extensão *Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária*, bem como, nas parcerias fecundas desta trilha investigativa. Por meio de uma *pesquisa narrativa*, a escrita deste trabalho é autoral, tendo como processo de caminhada a recuperação da *experiência* pessoal de vida, a qual, se alinhava à trajetória formativa, tecendo histórias singulares e coletivas no encontro com o outro. O mergulho no/com os *Estudos dos Cotidianos*, campo de pesquisas que legitimam as diferenças, complexidades, incompletudes e imprevisibilidades, possibilita a recriação de escolhas teórico-epistemológicas. As memórias, anotações no caderno de campo, fotografias, falas, desenhos e autorias das/dos estudantes enredam a trama de repertórios investigativos, deslocando o repensar da prática docente no *espaçotempo* da Universidade. No movimento de (com)partilhar em roda, culturas ancestrais e *Valores Civilizatórios Afro-brasileiros* – circularidade, coletividade, oralidade, corporalidade, entre outros – são evocados, resgatando a escuta e escrita de múltiplas vozes, principalmente, as de mulheres negras e as sabedorias populares. Assim, a *conversação* entre literatura, ciência e vida é entrelaçada, ecoando *saberes*, sabores e *fazeres* outros. A partir do sentir pulsante e atento com o mundo, potencializa existências no *estar junto* que confessa, questiona e (trans)forma, sendo e praticando, na reinvenção poética, espontânea, amorosa e também, político-afirmativa. Quiçá, convidando a suspender o instante agora na própria ação educativa.

Palavras-chave: Formação Docente. Investigação Narrativa. Literatura. Círculo de Leitura. Práticas Educativas.

SOUZA, Bianca Dias de. **Literatura, Narrativa y Formación Docente:** autoría sembrada en la experiencia ancestral (com)partida. 2021. 117p. Tesis de Maestría (Maestría em Educação) – Centro de Ciencias Humanas y Sociales, Universidad Federal del Estado de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RESUMEN

La presente disertación comparte sentidos, reflexiones y aprendizajes sembrados con un grupo de estudiantes vinculados al curso de Pedagogía de la UNIRIO, basado en la práctica educativa *Círculo de Lectura*, experimentada y vivida en las acciones del Proyecto de Extensión *Leer y Compartir: prácticas de formación solidaria*, así como, en las alianzas fecundas de este camino investigativo. Por medio de una *investigación con enfoque narrativo*, la escritura de este trabajo es autoral, teniendo como proceso de caminar la recuperación de la *experiencia* personal de vida, la cual, se alineaba, a la trayectoria formativa, tejiendo historias singulares y colectivas en el encuentro con el otro. La búsqueda en/ con los *Estudios Cotidianos*, campo de investigaciones que legitiman las diferencias, complejidades, incompletudes e imprevisibilidades, posibilita la recreación de elecciones teórico-epistemológicas. Las memorias, anotaciones en cuaderno de campo, fotografías, charlas, dibujos y autorías de las/los estudiantes enredan la trama de repertorios investigativos, desplazando el repensar de la práctica docente en el *espaciotiempo* de la Universidad. En el movimiento de com(partir) en ronda, culturas ancestrales y *Valores Civilizatorios Afro brasileños* – circularidad, colectividad, oralidad, corporalidad, entre otros, son evocados, rescatando la escucha y escritura de múltiples voces, principalmente, las de mujeres negras y los saberes populares. Así, la conversación entre Literatura, ciencia y vida entrelazada, haciéndose eco en *saberes*, sabores y otros *haceres*. A partir del sentir pulsante y atento con el mundo, potencializa existencias en el *estar junto* que confiesa, cuestiona, y (trans)forma, siendo y practicando, en la reinención poética, espontánea, amorosa y también, político-afirmativa. Quizá, invitándonos a suspender el instante ahora en la propia acción educativa.

Palabras-clave: Formación docente. Investigación narrativa. Literatura. Círculo de lectura. Prácticas Educativas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Tabela de encontros do primeiro semestre de 2019.....	P.37
Figura 2: Tabela de encontros do segundo semestre de 2019.....	P.38
Figura 3: Tabela de encontros do ano de 2020.....	P.40
Figura 4: Organizadoras e Escritor Convidado (Café Literário).....	P.49
Figura 5: Recepção ao Escritor (Café Literário).....	P.50
Figura 6: Escritor Narrando.....	P.51
Figura 7: Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros.....	P.52
Figura 8: Partilha com Açores.....	P.54
Figura 9: Sentido Escrito (Narrativa – Estudante A, 2019.1).....	P.55
Figura 10: Estudante cantando e encantando todas/os no Círculo de Leitura (Cora Coralina).....	P.56
Figura 11: Sentido Escrito (Narrativa – Estudante B, 2019.1).....	P.57
Figura 12: Sentido Escrito (Narrativa – Estudante C, 2019.1).....	P.58
Figura 13: Sentido Escrito (Narrativa – Estudante D, 2019.1).....	P.59
Figura 14: Sentido Escrito (Narrativa – Estudante E, 2019.1).....	P.60
Figura 15: Sentido Escrito (Narrativa – Estudante F, 2019.1).....	P.61
Figura 16: Encontro Luso-Brasileiro com Silvia.....	P.65
Figura 17: Sentido Escrito (Narrativa – Estudante D, 2019.2).....	P.69
Figura 18 : Sentido Escrito (Narrativa – Estudante E, 2019.2).....	P.70
Figura 19: Sentido Escrito (Narrativa – Estudante F, 2019.2).....	P.71
Figura 20: Sentido Escrito (Narrativa – Estudante G, 2019.2).....	P.71

Figura 21: CCH/UNIRIO (Arquivo Pessoal).....	P.73
Figura 22: Sentido Escrito (Narrativa – Estudante H, 2019.1).....	P.76
Figura 23: Sentido Escrito (Narrativa – Estudante I, 2019.1).....	P.78
Figura 24: Sentido Escrito (Narrativa – Estudante J, 2019.1).....	P.79
Figura 25: Sentido Escrito (Narrativa – Estudante K, 2019.1).....	P.80
Figura 26: Sentido Escrito (Narrativa – Estudante L, 2019.1).....	P.81
Figura 27: Janela de Casa (Arquivo Pessoal).....	P.87
Figura 28: Roda de leitura virtual (Infâncias/2020).....	P.88

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciao à Docência

MEC – Ministério da Educao

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

GPPF – Grupo de Pesquisa: Práticas Educativas e Formao de Professores

NEPPEC – Núcleo de Estudos e Pesquisa: Práticas Educativas e Cotidiano

PPGEDU – Programa de Pós-graduao em Educao

PRAE – Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

BIJU – Biblioteca InfantoJuvenil

UAC – Universidade dos Açores

CCH – Centro de Ciências Humanas e Sociais

PUC/RJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

USP – Universidade de São Paulo

ABPN – Associao Brasileira de Pesquisadores Negros

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

NEFI – Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO – O CONHECIMENTO COMO CURA E LIBERTAÇÃO: NARRANDO E RESSIGNIFICANDO A DOR.....	P.15
2. CONSTRUINDO CAMINHOS EM DIREÇÃO À PESQUISA NA UNIVERSIDADE.....	P.24
2.1 ENCONTROS, DESENCONTROS E REENCONTROS COM A NARRATIVA.....	P.28
2.2 TRAJETOS DO CÍRCULO LER E COMPARTILHAR: TECENDO PARCERIAS E TRAVESSIAS.....	P.34
3. LITERATURIZAR PARA INVESTIGAR A COMPLEXIDADE NO/COM O COTIDIANO DA FORMAÇÃO DOCENTE.....	P.41
3.1 SEMEADURA DE PRINCÍPIOS EDUCATIVOS.....	P.47
3.2 DIÁLOGOS LUSO-BRASILEIROS: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS CULTURAIS.....	P.63
3.3 RACISMO INSTITUCIONAL EM QUESTÃO :NARRATIVAS QUE ANUNCIAM E DENUNCIAM.....	P.74
3.4 O CÍRCULO PRESENCIAL VIROU RODA VIRTUAL: EMARANHAR DE INFÂNCIAS NA DISTÂNCIA DA PANDEMIA.....	P.85
4. (IN)CONCLUSÕES DO (TRANS)FORMAR-ME AO PESQUISAR PRATICANDO.....	P.93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	P.97
ANEXOS.....	P.102
ANEXO A: TEXTOS CITADOS POR ESTUDANTES NO ROTEIRO DO DIA 26/06/2019.....	P.102
ANEXO B: TEXTOS CITADOS POR ESTUDANTES NO ROTEIRO DO DIA 04/12/2019.....	P.104
ANEXO C: TEXTOS CITADOS POR ESTUDANTES NO ROTEIRO DO DIA 26/04/2019.....	P.107
ANEXO D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	P.114
ANEXO E: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	P.116
ANEXO F: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO NARRATIVO.....	P.117

1. APRESENTAÇÃO - O CONHECIMENTO COMO CURA E LIBERTAÇÃO: NARRANDO E RESSIGNIFICANDO A DOR

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia esperança.

(Conceição Evaristo, 2005)

Lançando-me ao desafio da escrita desta dissertação, (re)lembro e (re)visito fatos dolorosos da minha vida. Sim, inicio pela dor... Não como uma forma de fortalecer imposições ou dominações, mas para registrá-la e narrá-la como aprendizado e abertura para as possibilidades de superação. Pois, olhar para o sofrimento, perguntando: “O que essa situação tem a ensinar?”, me impulsionou a tecer caminhos em direção à educação, enxergando-a como potência de transformação social. Buscando, assim, uma formação que remeta aos valores humanos, ancestrais e solidários.

Aos quatro anos de idade vivenciei os primeiros impactos: meus avós maternos faleceram e meus pais se separaram em seguida. Desde então, tive uma infância e adolescência conturbada pelos longos processos judiciais (pensão alimentícia x alienação parental) e ausência desses entes queridos. Sentia-me sozinha e ao mesmo tempo oprimida, tendo acesso apenas à uma versão da história, que no caso, era a versão da minha mãe. Não conseguia me abrir para outras pessoas e nem dar a minha própria opinião, mal se escutava a minha voz. E essa voz, ecoando dentro do corpo, queria vir à tona de alguma maneira. Então, eu escrevia, sentada e chorando no chão do quarto as dores e os pensamentos em meus cadernos, diários e até mesmo em cartas.

Essas escrituras, aliviavam a mistura de sentimentos que habitavam em mim e, concomitantemente, deixaram-me apaixonada pela arte de escrever, ou seja, pela maneira de expor a leitura dos fatos que ocorriam comigo e à minha volta. Na escola, recordo que amava as aulas com produção de textos! Porém, na maioria das vezes, não podia me expressar em primeira pessoa, exceto quando era solicitado um texto narrativo, o que era raro. O sistema exigia e ainda exige o texto dissertativo-argumentativo como preparação para a entrada na Universidade e outros concursos, fazendo-me refletir e perceber atualmente que a escrita de meus textos em casa desaguava numa concepção aberta de escrita, numa trama autoral, de

(re)encontro com o meu eu, diferentemente da escrita restritiva e regrada aprendida no cotidiano escolar. Em concordância com o trecho do poema *Das pedras*, de Cora Coralina (2017), entre pedras, obstáculos e problemas da vida, os meus versos floresceram:

*[...] Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.
Entre pedras que me esmagavam
levantei a pedra rude
dos meus versos.*

Recordo-me que ao cursar o Ensino Médio, senti pulsar no coração o desejo e o gosto de ser professora. Não de língua portuguesa, mas de crianças, visto que, olhava e admirava pela janela da sala de aula a “Tia Cláudia” com sua turma de Educação Infantil no pátio, pensando: “um dia também vou trabalhar com as infâncias”. Prestei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e ingressei no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO no segundo semestre de 2012.

Porém, até chegar à UNIRIO, passei por muitas situações... Quando completei quatro anos de idade, como citei inicialmente, descobriram que minha avó materna estava com Câncer. Ao saber que ela teria apenas seis meses de vida, meu avô se suicidou na casa onde cresci, deixando uma carta. O relacionamento de meus pais não estava indo bem e pouco tempo após o falecimento de meu avô e minha avó, eles se separaram. Obviamente que minha mãe sentiu, e muito! Quem não sentiria todos esses impactos? Ainda mais, tendo que criar eu e meu irmão mais velho, sozinha.

Cresci escutando que meu pai não me amava. Eu era responsabilizada e culpabilizada pelos danos emocionais ocorridos em meu seio familiar. Sempre amei muito a minha mãe, mas, me perguntava: “Por que ela age assim comigo?”; “Por que comigo?”; “Qual problema há em mim?”; “Será que sou a única pessoa que passa por isso?”. Questões essas que me norteavam e me habitavam... Era impedida de ver o meu pai, no entanto, escutei muitas vezes que ele não queria me ver. Anos mais tarde, ao entrar em contato com minha família paterna, descobri as outras versões da história.

Esses fatos me deslocam a lembrar o temor do questionamento e confronto. Como também, a importância de estudar e conversar acerca da opressão de gênero em suas faces de deslegitimações e violências advindas do colonialismo, reivindicando o lugar de fala como mulher e a voz corporificada nos gestos (RIBEIRO, 2017). Em tudo eu dizia: “sim, mamãe”, e

abaixava a cabeça, mesmo não concordando. Eu tinha medo, pois através da superproteção recebida na criação, era proibida de ir à rua sozinha, de dormir na casa das colegas da escola... Meu irmão, por ser homem, numa sociedade hegemonicamente patriarcal, enfrentava a nossa mãe e sempre saiu de casa, permanecendo com seus privilégios ao retornar. Conceição Evaristo, nos fragmentos do poema *Vozes-mulheres* (2008) enfatiza a denúncia:

[...] *A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.*

Devido a essas situações todas, cresci achando que minha voz não tinha valor. Contudo, ao longo dos anos sempre me observei sonhadora. Vislumbrava a Universidade Pública como a possibilidade de construir um futuro e conhecer um mundo para além das quatro paredes de casa, para além da varanda que eu brincava de boneca e pulava corda, muitas vezes, sozinha. Para além dos sentimentos que escrevia e guardava somente comigo nas veias, nos poros, em cada sensação, pensamento e ação.

Desde pequena, após ser alfabetizada, eu estudava para as provas e fazia os deveres de casa só, bem como lia os livros que tinha, ganhava e pegava emprestado na caixa de leitura que havia na escola. E, quando chegou a época do vestibular não foi diferente... Estudei individualmente, com todos os materiais que tinha do período de Ensino Médio, simulados e as provas anteriores do ENEM que buscava na Internet. Aos olhos de alguns, parecia algo impossível... Já aos meus, brilhavam com a certeza de que seria aprovada. E assim aconteceu...

O ingresso na graduação aos 17 anos de idade foi fundamental para o meu processo de libertação. E qual seria? Quiçá, do silenciamento e distanciamento de diferentes opiniões, saberes, experiências e formas de ser e estar no mundo. Criada em São Gonçalo, município que resido até os dias atuais, só sabia e podia andar em lugares próximos de casa. Enfrentei cada familiar que dizia: *A UNIRIO é muito longe!* Eu retrucava: *Não importa, é o meu sonho.* Essa narrativa do vivido me faz recordar da parte do conto *O menino que escrevia versos*, de Mia Couto (2003), ao dizer:

— *Dói-te alguma coisa?*
— *Dói-me a vida, doutor.*
(...)
— *E o que fazes quando te assaltam essas dores?*
— *O que melhor sei fazer, excelência.*
— *E o que é?*
— *É sonhar.*

Essa perspectiva de liberdade que narro não é apenas no sentido do acesso ao conhecimento científico, mas, da relação com a minha própria história de vida. Estudar na UNIRIO durante a licenciatura possibilitou outros encontros e outros olhares, ultrapassando os muros e grades presentes. Como meu pai residia no Rio de Janeiro, marcávamos para almoçar e conversar nos dias em que estava na faculdade. Logo, nos aproximamos, resgatando longos anos de afastamento físico.

O sonho de subverter a condição em que me encontrava, movimentada pela realidade de estar num curso pensando a formação, começando pela minha, guiou-me a participar e engajar em projetos na Universidade. Um deles foi o PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência¹, onde tive o privilégio de ver, escutar e acompanhar de perto a realidade de uma escola pública no Rio de Janeiro por três anos e meio, aprendendo com a experiência do dia a dia nesse cotidiano, bem como na troca e parceria com colegas bolsistas e estudantes das turmas atendidas em oficinas pedagógicas.

Ingressar nesse projeto foi um tanto quanto desafiador para mim, pois estava começando uma nova perspectiva: a de professora, bolsista, estagiária e eterna aprendiz. Ao longo desses anos (2013-2017), presenciei trabalhos desenvolvidos em meio à falta de recursos, observei professoras preocupadas com o estado de vulnerabilidade social e na aparência física das crianças. Através disso, o papel delas ultrapassava a relação *ensinar-aprender* (FREIRE, 2013), já que se colocavam à disposição, contribuindo na nutrição de cuidados (cortavam unhas, lembravam os horários dos remédios, etc.). Vi estudantes passando por situações de racismo durante as atividades realizadas, escutei relatos e conversei com as/os estudantes acerca de problemas que elas/eles tinham em família, (re)conheci a

¹ Ingressei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no período de Maio de 2013 à Fevereiro de 2017, inscrevendo-me em dois editais. O primeiro, era referente ao Edital de 2009, criado no final do governo Luiz Inácio Lula da Silva. Já o segundo, refere-se ao Edital nº 61/2013, do governo da presidenta Dilma Rousseff. Na UNIRIO, o PIBID era trabalhado em subprojetos, ou seja, em diferentes segmentos (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Interdisciplinar). Trabalhei no subprojeto “Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Lucia Helena Pralon de Souza (Departamento de Didática/Escola de Educação/UNIRIO), acompanhando o funcionamento da escola (gestão da secretaria, observação em turmas de 1º ao 5º ano, planejamento e realização de oficinas nas mesmas).

importância do trabalho desenvolvido no/com o coletivo, etc. Momentos, memórias e acontecimentos que me mobilizaram e continuam mobilizando.

Outro projeto que participo até os dias atuais, como pesquisadora voluntária, é o Projeto de Extensão *Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária*, coordenado pela professora Dr^a. Marcela Fernandez². Por meio da realização de círculos de leitura, se propõe a contribuir para a ressignificação dos modos de ser leitor/a e viver a leitura literária. A jornada iniciou em Maio de 2015, quando fui recebida pelo primeiro grupo participante: estudantes de licenciatura em Pedagogia. Apesar de ser uma aposta voltada e aberta para a comunidade UNIRIO em geral, o público atendido permaneceu majoritariamente entre estudantes, todavia, também das licenciaturas em Biblioteconomia, Letras e Teatro. Após a participação num dos encontros, atentei que sentada em roda havia um espaço de aproximação e escuta sensível das falas presentes, sentindo-me à vontade para participar e colaborar com a organização desse projeto.

No fio condutor dessa lembrança, noto a relevância em apresentar e narrar o círculo de leitura literária como uma, dentre tantas possibilidades de se pensar a formação docente. A partir dessa prática de leitura oralizada e solidária, há o acolhimento de diferentes pessoas, com histórias de vida e até mesmo culturas distintas. Os encontros ocorrem informalmente, podendo ter intervalos de tempos iguais, como por exemplo: a cada uma semana, uma vez por mês, etc. É sempre coordenado por um/a mediador/a, a/o leitor/a guia, que é a/o responsável por criar as teias interpretativas mediante as conversas e trocas espontâneas entre as/os participantes (FERNANDEZ; SOUZA, 2017). Ela/ele também representa a figura que seleciona a leitura do dia (contos, poemas, crônicas, etc.).

A recepção realiza-se em locais distantes de possíveis movimentações e ruídos (salas, bibliotecas, etc.), onde as/os leitoras/es podem se sentar numa mesma distância, favorecendo a horizontalidade e formando uma roda com as cadeiras. Desta forma, ninguém fica no centro da situação, ninguém fica em posição privilegiada, não há degraus, plataformas, microfones, holofotes, superioridades e nem inferioridades. O que me faz refletir e recordar os costumes dos antepassados, como as *rodas de cirandas*³.

Tecendo esta trajetória, sinto e penso que o *Ler e Compartilhar* se anuncia como um divisor de águas na minha vida... Águas essas que necessitavam jorrar entre as pedras,

² Professora do Departamento de Didática, vinculado à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

³ As rodas de cirandas simbolizam a cultura de nossos ancestrais por se tratarem de danças circulares que unem à todas/todos (crianças, jovens, adultos, idosos).

mudando e transformando as direções que envolvem o percurso. Ao viver o círculo de leitura literária, compreendo que essa prática valoriza não só o ato de ler diversos gêneros, mas as diferentes histórias, culturas, subjetividades e vozes. Mediante a participação enquanto bolsista e leitora, entendo que este era/é um *espaçotempo*⁴ de partilha e solidariedade. Ao escutar as/os colegas falarem o que sentem e lembram ao lerem as obras dos encontros, também me abro e falo, descobrindo-me, identificando-me e enredando-me.

Portanto, a possibilidade de acesso à teoria como (re)criação, autoria e transformação dentro da Universidade, vendo e escutando outras pessoas narrarem seus aprendizados, histórias de vida e experiências deram-me coragem para expor e teorizar a minha história, lembrando o que bell hooks (2017, p. 103) afirma em seus estudos:

Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas. O trabalho delas é libertador. Além de nos permitir lembrar de nós mesmos e nos recuperar...(hooks, 2017, p.103).

Guiando-me na luta feminista e superação de bell enquanto professora e mulher negra e em seus estudos pautados na *Educação como prática de liberdade* proposta por Paulo Freire (1967), considero o conhecimento como a semente que, germinada no solo de cada estudante, pode vir a curar. A educadora enuncia o papel da/do docente como curador/a, se colocando no movimento de (re)pensar práticas educativas, trazendo novas percepções que valorizem o engajamento crítico, a expressão e confissão das/os envolvidas/os na sala de aula (hooks, 2017).

Movimentada e debruçada por essas reflexões, lanço-me, proponho-me e desafio-me ao longo desta pesquisa a pensar a formação docente e uma pedagogia pelo viés da literatura, do poético e da *circularidade* (TRINDADE, 2013) que há no encontro de corpos, vozes, escritas e vidas, narrando e emaranhando acontecimentos de minha trajetória com as experiências no cotidiano da Universidade, sobretudo, nos anos de 2019 e 2020.

Por que pensar a formação de professoras/es que trabalharão com as infâncias? Qual o sentido de tecer uma pesquisa narrativa e a importância da literatura no contexto atual? Que fendas são possibilitadas para educador/a e educanda/o a partir da leitura? Defender uma educação como prática de liberdade e que aposta na desconstrução de padrões hegemônicos é

⁴ A justaposição da palavra se refere à complexidade presente nas trocas e redes de saberes tecidas com o outro. Nessa relação, é impossível pensar o espaço sem o tempo que me/nos abarca e atravessa.

abrir-me para a incerteza e desordem, pois penso que essa ação coopere para a minha e nossa transformação enquanto seres singulares que são pluralizadas/os em sociedade. O professor Paulo Freire (2013) me/nos relata:

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar “quase natural”. Frases como “a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” ou “o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século” expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. (FREIRE, 2013, p. 21).

Inquietudes me atravessam ao longo desse (des)governo⁵ que naturaliza o que não deveria mais ser naturalizado: o racismo, a desigualdade econômica e social, a meritocracia, a homofobia, a intolerância, a ignorância, etc. Além de determinações que vêm sendo realizadas neste decorrer, como fruto desse cunho político antidemocrático: mandato de recolhimento e censura de obras literárias clássicas e relevantes (ex.: *Macunaíma*, de Mário de Andrade) no currículo escolar da Secretaria de Educação do estado de Rondônia (a qual foi recuada após divulgação e críticas na Internet) e proposta de taxaço tributária pelo Governo Federal que geram aumentos na compra de livros e, conseqüentemente, a diminuição do acesso à leitura em âmbito nacional⁶.

Ao ingressar neste curso de Mestrado, no primeiro semestre vivido na disciplina *Temas em Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia*, aprendi que a pesquisa passa pelo imprevisto, imprevisível e improvável. Mas, não imaginava a profundidade que essa jornada, partindo da palavra humanamente sentida para a verbalizada e escrita traria para o momento de incerteza que milhares de países ao redor do mundo, inclusive o Brasil, vêm passando com a crise sanitária da *COVID-19/Coronavírus*⁷.

Como pesquisar com as escolas e Universidades fechadas? Como escrever num cenário Pandêmico? Como investigar uma prática relacionada ao encontro de vidas e vozes,

⁵ Governo do ex-militar Jair Messias Bolsonaro, que cumpre mandato presidencial desde o ano de 2019.

⁶ Ambos os acontecimentos se deram ao longo do ano de 2020, o qual, ainda têm se repercutido em 2021 e no meu movimento de investigar narrativamente. Tendo, sobretudo, relação com o tema pesquisado e interferências no âmbito da Educação. Ambas as notícias são disponíveis em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/02/governo-de-ro-manda-recolher-macunaíma-e-mais-42-livros-e-depois-recua.shtml>> e <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/08/11/taxacao-de-livros-como-proposta-de-reforma-tributaria-pode-encarecer-obras.ghtml>>. Acesso em: 15 de Agosto de 2020.

⁷ No Brasil, o primeiro caso registrado da doença infecciosa recém-descoberta se deu no dia 26 de Fevereiro de 2020. A linha do tempo do contexto Pandêmico no país está disponível em:< <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>>. Acesso em: 15 de Agosto de 2020.

se não podemos estar juntas/os presencialmente? Como dar sequência ao estudo que iniciei no ano de 2019, já que o percurso precisa ser reinventado e redirecionado? Questionamentos esses que se tornaram um vaivém em minha mente e, conseqüentemente, a potência para dar continuidade.

Continuidade essa, sem garantias e seguranças, mas guiada pelo desejo da (re)descoberta e (re)invenção . Sendo assim, (re)penso, reflito e me pergunto: Quais teorias podem abarcar essa investigação? De onde elas vieram? Para onde esses estudos me/nos levarão? Que trilhas serão realizadas? Quais as apostas? Quais os sentidos possíveis? No dia 21 de Março de 2020, escrevi este poema, intitulado como *Quarentena*:

*Um vírus assombra centenas de países e nos paralisa, mobiliza.
Será que nos sensibiliza?
Projetos, planos, viagens, saídas, encontros e festas adiadas/os...
Reclamamos do trabalho e agora, muitas/os não podem trabalhar.
Reclamamos de estudar e, no entanto, presencialmente não podemos.
Postergamos visitas por estarmos ocupadas/os.
E nesse momento, temos vontade de visitar.
Quando saímos, há vontade de voltar pra casa.
Se estamos em casa, queremos sair.
E aí?
Nos vemos presas/os em nossos lares por precaução.
Será que essa é a única solução?
Nunca tivemos o controle de tudo.
Será que nossos interesses e desejos estão mesmo acima do mundo?
Isso mostra o quanto somos insatisfeitas/os.
É, somos imperfeitas/os.
Algumas/uns pensando primeiramente em economia.
Que se dane, eu quero é saúde pra viver dia a dia.
E sem Pandemia!
Que a criatividade venha e nos aconteça.
Eu torço, de verdade, pra que a gente não adoença.*

Penso que a criatividade, os valores que não podem ser medidos e nem calculados, assim como a educação estejam intimamente relacionadas/os. Penso que nossas insatisfações sejam promovidas por um padrão social hegemônico que não lida bem com a sensação de incompletude enquanto seres complexos. Penso que a escrita passa pelo caminho de regresso à infância que mora no coração, sabendo que mesmo na espontaneidade, talvez não consiga ecoar vozes e leituras fiéis a cada detalhe do que me/nos acontece. Penso que essa pesquisa não está aqui para comprovar, ela está sendo construída. E, seus tijolos, pouco a pouco, vão sendo colocados, recolocados e realocados, como uma casa que até o final será habitada por palavras e vidas que a encontram, impregnando histórias.

Ao pensar, já que o meu corpo sente primeiro, procuro aprender e refletir com a morada das memórias, ressignificando e desordenando não apenas as dores, como também os encontros em círculo antes e durante o período pandêmico. Nessas páginas, capítulos, linhas e parágrafos, escrevo solitariamente e isoladamente, aprofundando-me nas raízes do sentir intensamente, ainda que às vezes não veja sentido em nada. “Aquilo que o desassossego busca é uma confissão entre o dizer tudo e não dizer nada, quer dizer, no meio de uma pegada e uma cavidade, no meio do caminho entre a absoluta lucidez e o completo desânimo.” (SKLIAR, 2016, p.25). Entre inquietudes e (des)caminhos, faço da dúvida um lugar de retomada das questões investigativas e peço passagem aos trechos poéticos de Upile Chisala (2020) para levantá-las:

*[...] O seu corpo é feito de memórias,
algumas doces,
outras tristes,
mas, ainda assim, memórias.
Sua alma vive numa caixa de histórias.
Seu corpo é memória.*

Pesquisa-escrita encarnada, pesquisa-escrita lembrança e esperança, pesquisa-escrita que em meio ao avesso vira verso, pesquisa-escrita que narra a trama da minha história com outras histórias, pesquisa-escrita que ecoa a minha voz com outras vozes, pesquisa-escrita que abraça e enlaça o eu com o nós. Pesquisa-escrita com inícios, meios e fins inacabados, pesquisa-escrita que interroga: Através da leitura literária, é possível nutrir e potencializar a relação da/do professor/a com o outro e o saber? Quais os sentidos e narrativas que emergem através da prática círculo de leitura? Estudantes de licenciatura em Pedagogia conhecem e/ou leem textos literários de diferentes matrizes culturais? Quais as contribuições da literatura no cotidiano da formação docente? A narrativa é uma investigação-formação? Eu me formo no movimento de praticar-investigar?

2. CONSTRUINDO CAMINHOS EM DIREÇÃO À PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Não, não é “reconhecer o outro”.
O outro é anterior a todo reconhecimento.
O outro já é, já está, já esteve antes de mim...
(...)Não é “descobrir o outro”...
(...)Não é “nomear o outro”.
É ser chamado por ele.

(Carlos Skliar, 2019)

Nascida no berço de uma família materna com criação reprimida e religiosa, apegada aos valores Cristãos, durante a fase da adolescência minhas atitudes foram regidas pela timidez e submissão, não conseguindo ver potencial em mim. E, conforme narrei anteriormente, o meu ingresso na Universidade foi fundamental, pois, desde então enxerguei que havia em meu ser as asas necessárias para voar em direção à liberdade do saber e viver, indo também ao encontro da solidariedade gestada na coletividade.

Participar do processo seletivo para bolsista no *Projeto Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária* na metade do curso me direcionou a refletir com o papel do Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária. Esses são três pilares significativos para o âmbito da ciência. A Extensão, cada vez mais, vai ganhando forma, força e lugar, imprimindo e exprimindo vozes das comunidades envolvidas que agregadas ao projeto, muito me/nos ensinam. Viver os acontecimentos desse lócus, com corpo e pensamentos presentes, estando à vontade para interagir com outras/outras participantes ecoou e permanece ecoando sentidos formativos e afetivos.

A partir do mergulho no campo, possibilitado pelo *Ler e Compartilhar*, descobri que poderia trazer o vivido para a pesquisa acadêmica, percebendo-o como parte constitutiva de minha formação pessoal, a qual se articula na escolha profissional. Em 2016, no meu trabalho monográfico *O papel da leitura literária na formação do estudante de Pedagogia*, tive como alicerce, as narrativas escritas, denominadas *folhas de sentidos* – que são distribuídas ao final dos círculos de leitura. Esse é um momento em que convidamos as/os participantes para escreverem suas opiniões, memórias, frases de efeito, desenhos, sensações e sentimentos que vieram à tona durante a leitura do(s) texto(s) e conversas acerca dos mesmos, no intuito de atentar para a leitura da *palavramundo* (FREIRE, 2000) na formação de professoras/es. Palavra essa, impregnada de existências e modos singulares de ver o que se passa na vida cotidiana.

Como formar leitoras/es se eu não sou um/a professor/a-leitor/a? Mediante essa pergunta a pesquisa monográfica foi ganhando forma e observei nas narrativas escritas e entrevistas orais realizadas que algumas/alguns colegas participantes do círculo não conheciam obras de outras matrizes culturais, bem como não vivenciaram o contato com a literatura em diálogo com as disciplinas do curso de Pedagogia da UNIRIO. Ou seja, liam em sua maioria, apenas textos teórico-práticos vinculados às matérias cursadas. As/os entrevistadas/os afirmaram que por esse motivo, não possuíam tempo suficiente para ler textos literários, já que os mesmos não faziam parte das ementas curriculares.

Então, indago-me novamente: Por que as/os estudantes não viam a leitura como prazer? A literatura precisa ser obrigatória para haver momentos de se dar a conhecê-la e lê-la? Será que a valorizamos desde os bancos escolares? Como ela tem sido apresentada e experienciada no contexto educativo? Quais os desdobramentos possíveis? Ao reconhecer a arte oriunda da leitura literária em diálogo com a formação como prática libertadora e humana, no sentido crítico de Freire (1967), me deparei com a tradição oral presente nas literaturas africanas, que por sinal, nunca havia lido antes e nem conhecia a matriz cultural. Me encantei!

Estudar, investigar e compreender a leitura em círculos como uma prática de retomada ancestral e de uma Pedagogia de troca, dança e conto (YUNES, 2009), deslocou-me a esse emaranhar e conexão, decidindo cursar a Especialização em Literaturas Portuguesa e Africanas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ no ano de 2018. Assim, segui trilhando caminhos que levam à pesquisa, desdobrando a monografia para outros trabalhos apresentados em eventos, sempre com o apoio da professora Marcela Fernandez.

Neste curso, tive a oportunidade de aprender outros lados da história e outras culturas que não tinham sido contextualizadas na escola. Percebi a riqueza da oralidade como herança dos povos africanos, principalmente em Angola e Moçambique (foco da especialização). Apesar da Literatura Portuguesa ser (re)conhecida pelos diversos clássicos literários, estudei também as marcas coloniais citadas em suas obras (ex.: escravos/os negros/os amantes nos romances, etc.) e os frutos amargos de sua opressão, atrasando a independência desses países, que ocorreu somente no ano de 1975. Contudo, ainda que essa cultura ocidental influenciasse pelas tentativas de “catequização”, os valores e costumes ancestrais, (com)partilhados de geração em geração não foram sucumbidos.

Pautada nos estudos de Laura Cavalcante Padilha (2011), guiando-me através dos horizontes literários africanos, atentei que a arte ritualística de contar *missosso*⁸ em roda e em voz alta, mesmo com a presença do *griot*⁹ relaciona-se com a leitura em círculos. Através da conversa com diferentes pessoas, vivências e idades, acabamos estabelecendo relações de alteridade e de preservação da ancestralidade advinda pelo contato entre *mais velhos* e *mais novos*¹⁰. Portanto, aprendendo a ler e narrar, registrando histórias individuais e coletivas (KRAMER, 2000).

Ressalto a *Lei 10.639/2003*¹¹ que estabelece as diretrizes curriculares para os estudos das histórias e culturas Africanas e Afro-brasileiras nos currículos escolares e a necessidade de uma percepção crítica, política e identitária acerca da diversidade étnico-racial (SOUZA, 2009) e a *Lei 11.645/2008*¹² que amplia a discussão curricular, trazendo essa matriz somada à cultura indígena para outras disciplinas (Artes e Literatura), além de História, bem como para os livros didáticos. Assim, continuamos¹³ trazendo obras que representam ambas as leis e que também vão ao encontro dos interesses das/dos estudantes, (re)afirmando os posicionamentos e rumos do projeto.

Ainda que eu esteja no lugar de jovem mulher branca, numa sociedade que ainda se coloca de forma racista, sexista, machista e com posição de privilégios, em que a fala é sinônimo de poder, proponho-me a escutar outras histórias de luta e me solidarizar, não para reconhecer o que existe na singularidade de cada ser, pois, os outros já são seres de conhecimento. “[...] Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os também são aquelas/es que ‘pertencem’.” (KILOMBA, 2019, p. 42-43).

Por meio também do meu lugar de professora e pesquisadora em formação, atento para as narrativas e corpos que foram e são silenciadas/os, que foram e são subalternizadas/os.

⁸ O *missosso* é uma dentre várias categorias de contos populares Angolanos.

⁹ O *griot* é conhecido e respeitado por ser o narrador oral da tradição em Aldeia. Portanto, aquele que compartilha, dramatizando histórias e saberes construídos e evocados de geração em geração. Não pode ser realizada qualquer pessoa e por vezes, a escolha de quem narra é feita por relações consanguíneas (mesmo grau de parentesco).

¹⁰ Nas literaturas africanas, as figuras de pessoas mais velhas representam a sabedoria e a voz da experiência. Já as mais novas, representam a esperteza e coragem para se lançarem aos desafios e aventuras.

¹¹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 15 de Agosto de 2020.

¹² Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em: 15 de Agosto de 2020.

¹³ A equipe do projeto, que é formada por: Profª. Drª. Marcela Afonso Fernandez (coordenadora), Bianca Dias de Souza (colaboradora/Mestranda em Educação/UNIRIO), Yasmim da Silva Borges Ferreira (colaboradora/Graduanda em Pedagogia/UNIRIO) e Maria Luíza Almeida de Souza (colaboradora/Graduanda em Pedagogia/UNIRIO), em parceria com a Profª. Drª Carmen Sanches Sampaio que generosamente nos acolheu nas aulas de Alfabetização, Leitura e Escrita (Tarde/Noite), componente curricular do 5º período do curso de Pedagogia.

Compreendo que podemos dialogar acerca dessa questão, mas de lugares, experiências e dores distintas. E que o padrão hierarquizado no meio em que vivemos permanece atuando no sentido de visibilizar as pessoas brancas. Logo, a transgressão da hegemonia se faz necessária para subvertermos as formas de subalternização e nos colocarmos em posição de escuta, estando com esses grupos. (RIBEIRO, 2017).

Busco ao longo desta pesquisa, narrar e trabalhar a importância de uma, entre tantas práticas educativas pautadas no encontro entre diferentes vozes, possibilitando a reflexão da realidade, principalmente pensando no papel formativo, crítico e criativo da leitura e escrita em um curso de formação de professoras/es que irão atuar nos Anos Iniciais da Educação Básica¹⁴, como também cooperando e caminhando em direção à educação antirracista. Nesse caminhar, recordo uma fala que me/nos diz: “em uma sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista.” (DAVIS, 1983, p.20, tradução nossa).

Dessa maneira, vejo que a potência artístico-literária pode ser um dos caminhos para a/o professor/a trilhar em meio às frestas de reflexão, questionamento e encorajamento, rumo ao enfrentamento das diferentes situações de exclusão que surgem no cotidiano escolar e com os sujeitos nele inseridos, sejam crianças, jovens e/ou adultos envolvidos. “(...) O aprendizado, em sua forma mais poderosa, tem de fato um potencial libertador.” (hooks, 2017, p.13). Nesse movimento transgressor, a educação semeada na liberdade compreende o papel da reciprocidade e engajamento de cada ser na plantação, criando novas percepções que ultrapassem as fronteiras da sala de aula.

¹⁴ Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

2.1 ENCONTROS, DESENCONTROS E REENCONTROS COM A NARRATIVA

*Quando chegaste mais velhos contavam estórias.
Tudo estava no seu lugar.
A água. O som. A luz. Na nossa harmonia.
O texto oral. E só era texto não apenas pela fala
mas porque havia árvores, paralelas sobre
o crepitar de braços da floresta.
E era texto porque havia gesto.
Texto porque havia dança.
Texto porque havia ritual.
Texto falado ouvido visto...*

(Manuel Rui, Encontro Perfil da Literatura
Negra, SP, 1985)

Ao narrar ações alicerçadas na solidariedade e liberdade vividas num curso de formação de professoras/es é impossível não pensar no papel de uma Universidade que aposta no rompimento com quaisquer perspectivas opressoras. É também pensar no sujeito com sua história pessoal de luta e em seu potencial individual que se agrega com o coletivo. Nessa busca e reflexão, questionei e busquei forças para seguir trilhando a caminhada, participando do processo seletivo para este curso de Mestrado. Mas, desta vez, desafiando-me a pensar numa pesquisa que também se paute na *decolonialidade* como caminho de denúncia dos padrões hierarquizados que permanecem atuando na sociedade, carregando marcas coloniais do passado.

O enlace decolonial e pedagógico valoriza modos outros de pensar, de escrever e de viver. Modos esses, que resgatam a memória coletiva dos povos indígenas e afrodescendentes (WALSH, 2013). Ou seja, me intenciona à uma escrita narrativa que desagua com narrativas outras. Esse fato me faz indagar: Qual a minha relação com a narrativa? Por que de uma pesquisa com narrativa(s)? Como percebo atualmente a narrativa, olhando para o meu próprio percurso formativo?

Desde pequena escrevo em meus diários, cadernos e por meio também de cartas e bilhetes. Pelos fios da memória do passado, me observo como uma menina que se calava e ao mesmo tempo, se sentia calada. Até quando respondia o que queriam escutar, o sentimento de silenciamento habitava dentro de mim. Eu achava que escrever era uma forma de colocar para fora o que me ocorria... E realmente era! Porém, não havia me dado conta de que eu falava narrativamente em meus escritos. Pautada nos estudos de Clandinin & Connelly (2015), compreendi que essa composição da escrita situa a minha experiência num movimento de

olhar para o que se passou e se passa, na minha introspecção e ao mesmo tempo, exteriorização, quando vou expondo o que sinto e me acontece.

A dor de não ter meu pai por perto foi refletida em muitas delas... Até que, ao completar 18 anos, as narrativas foram tomando novos rumos: em conversas. João Carlos Pastore, meu amado pai, filho de italianos que vieram morar no Brasil décadas atrás e um homem um tanto quanto místico... Sim! Em suas conversas comigo, nos sete anos de contato e resgate do vínculo, até sua morte em 2018, contava as suas histórias e escutava as minhas. (Com)partilhou os valores ancestrais africanos e afro-brasileiros, pois, frequentou o Candomblé¹⁵ durante uma parte da sua vida. E, agora, percebo como essas conversas fazem parte da minha formação, relacionando-se com a prática que abre para a espontaneidade da(s) fala(s) presente(s) no círculo de leitura.

Mas, o que a morte do meu pai tem a ver com a minha trajetória na educação? Pois bem... No dia 12 de Julho de 2018, numa manhã fria de inverno, estávamos eu e Marcela chegando à cidade de Campinas – São Paulo. Viajamos para (com)partilhar a experiência que temos tecido em círculos no 21º Congresso de Leitura do Brasil – COLE, na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Eu havia conversado com meu pai meses antes, um dia antes e até mesmo, no dia de minha chegada. Ele estava muito feliz e me incentivando, visto que era um sonho pisar na UNICAMP, que tenho como referência e, sobretudo, a Faculdade de Educação, nela presente.

Todavia, poucas horas após o nosso último contato, recebi ligações de familiares informando o seu falecimento de forma inesperada. Meu pai estava viúvo há dez meses, suas emoções estavam muito afetadas e seu coração não aguentou... Naquele dia, o chão que estava sob os meus pés parecia desmoronar. Aquele sonho parecia não ter mais sentido, a estrada percorrida parecia ser em vão e as lágrimas eram as únicas coisas que falavam por mim... Fiquei dividida entre apresentar o trabalho, pois também era um desejo de meu pai, e me despedir pela última vez.

E, então, a professora Marcela teve uma ideia: trocar nossas passagens para voltarmos ao Rio de Janeiro na parte da tarde e ir até a UNICAMP, na tentativa de conversar com a organização do evento e trocar nossa apresentação que seria no dia seguinte para o próprio dia 12. E assim foi... As/os organizadores do evento ficaram mobilizadas/os e se solidarizaram com a minha dor. Conseguimos apresentar... Faltaram-me palavras nesse momento em que nada fazia sentido e, ao mesmo tempo, voltava a fazer sentido. A melancolia habitava em

¹⁵ Religião originária da África e estabelecida em solo brasileiro. É de cunho espírita e animista, convivendo com forças ancestrais e naturais.

meio peito... Porém, não andava só, a gratidão veio junto com a esperança reavivada pela democracia e solidariedade que enxerguei como ainda possível de se ter na(s) Universidade(s).

Participar do *Ler e Compartilhar* desde 2015 germinou e têm germinado sementes no decorrer de minha jornada. Ao ler diferentes gêneros literários, abro-me para à leitura daquilo que penso e do que os outros pensam. E, ao encontrar com o outro, encontro-me, afeto-me e pelo outro sou afetada, lembro-me de coisas e pelos outros sou lembrada, formando um conjunto de histórias (CLANDININ; CONNELLY, 2015). Assim, compreendo que cada sujeito que narra, vai contando o que se passa consigo e com os outros. Escutando o outro, a/o narrador/a incorpora essas experiências às suas falas (BENJAMIN, 1987).

A poesia e outros textos que lia e permaneço lendo sozinha em casa e pelos lugares que percorro vêm à tona e me trazem a recordação de livros que minha professora alfabetizadora Conceição selecionava e colocava nas caixas de leitura sugeridas semanalmente. E essas diferentes narrativas me trouxeram até aqui. Ryane Leão escreve poeticamente esses fatos (2017):

*quando as palavras me encontraram
eu escrevi em paredes e peles e blocos
e cadernos e muros
e folhas e telas
a poesia
me fez livre.*

O que venho narrando até o momento ampliou a potência que há em mim, despertando outro sonho: participar do processo seletivo para o Mestrado em Educação na UNIRIO, Universidade que sempre me acolheu. Em memória de meu pai, bem como, guiada pelo desejo de continuar experienciando, aprendendo e me libertando, agradecida por todas as oportunidades, encontrei no momento de fragilidade do luto a força para estudar, conquistando a aprovação que atualmente me possibilita a ressignificação dos momentos de dor.

Ao ingressar neste Programa de Pós-graduação em 2019, me vinculo ao Grupo de Pesquisa: Práticas Educativas e Formação de Professores (GPPF)¹⁶, sob a orientação da

¹⁶ Esse grupo de pesquisa é coordenado pelas professoras Carmen Sanches Sampaio e Maria Luiza Süsskind, ambas da Escola de Educação (UNIRIO) e vincula-se ao Núcleo de Estudos e Pesquisa: Práticas Educativas e Cotidiano (NEPPEC/PPGEdu/UNIRIO).

professora Dr^a. Carmen Sanches Sampaio¹⁷. No grupo e com o grupo, tenho aprendido que posso teorizar a partir da dor, expondo corajosamente as minhas feridas e experiências. Como também, atentar para a importância dos *espaçostempos* que são vividos com o cotidiano, campo de estudos que nos inserimos, tendo como modo de se fazer e pensar a pesquisa narrativamente, com ações realizadas por princípios¹⁸ e a dúvida como constitutiva desse trilhar. Carmen (2003) me/nos provoca nesse sentido:

A opção por modos de pensar e fazer pesquisa onde as incertezas e as dúvidas tornam-se constitutivas do processo de conhecer tem me ajudado a perceber as malhas da armadilha da verdade objetiva e real, tão cara a um modo positivista de pesquisar. (SAMPAIO, 2003, p. 17-18).

No decorrer da história de nossa sociedade e principalmente no cotidiano acadêmico, fomos ensinadas/os a produzir ciência de maneira quantitativa, partindo de uma lógica da Modernidade Positivista, coletando dados e analisando os mesmos, sendo influenciadas/os pela cultura ocidental dominante e globalizada¹⁹. Contudo, a narrativa verbal é anterior ao movimento de escrita. Nossos antepassados se comunicavam através da palavra oralizada e sentavam também em roda para (com)partilhar suas experiências e costumes culturalmente aprendidos em família e na vida cotidiana. Cabe dizer que a narrativa está no gesto, no olhar, na fala, na escuta, na ação, na reação e nos corpos. Por mais que a sociedade evolua em termos tecnológicos, o ato de narrar perpassa e influencia a nossa história humana. Francisco Gregório (2011) me/nos diz:

*Mesmo antes da escrita, o homem lia.
Lia o mundo com o seu olhar,
com suas experiências sensoriais e,
utilizando-se da linguagem oral e das imagens,
trocava idéias, refletindo tudo que o cercava.
E, mesmo com a escrita, continua se utilizando da palavra oral
para fazer suas observações e, principalmente, argumentar...*

Ainda que a narrativa não remeta aos padrões científicos e quantitativos impostos, a conversa cotidiana também pode provocar conflito, sem a pretensão de ferir, e, contribuir para

¹⁷ Professora vinculada ao Departamento de Didática (Escola de Educação/UNIRIO) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu/UNIRIO). É coordenadora da Rede de Formação Docente: Experiências & Narrativas (Rede Formad).

¹⁸ A saber: alteridade e escuta (SKLIAR, 2019), autonomia, contato, oralidade e circularidade (TRINDADE, 2006); dentre outros que serão pensados ao longo desta pesquisa.

¹⁹ Essa lógica moderna, dominante e globalizada privilegia a escrita grafocêntrica. Ou seja, implica na valorização de uma sociedade centrada na escrita.

a transformação social. Ao argumentar, articulamos o pensamento e nos formamos, nem sempre em concordância, porém, percebendo que justamente nessa diferença nos constituímos e reaprendemos o princípio da solidariedade. O que me faz concordar e relacionar com o que Skliar (2018) diz:

Uma conversa é um conglomerado de rostos, gestos, vozes e silêncios. É o corpo quem conversa, não o conhecimento prévio. Uma pergunta arca o corpo e uma possível resposta inclina-o para a frente. As palavras inesperadas sacodem, despertam, acendem, ofendem, desesperam, revolvem. (SKLIAR, 2018, p. 12).

À vista disso, rememoro como foi a experiência de pesquisa monográfica. A professora Marcela Fernandez me provocou a escrever em primeira pessoa. Inicialmente estranhei, visto que, não estava habituada a me colocar nos textos e trabalhos durante a graduação. Sempre me posicionava pautada nas/nos autoras/res estudados com ar de criticidade e não imprimia a minha autoria, pois não sabia que era possível. E então, escrevi toda a monografia em primeira pessoa, notando agora que construí uma pesquisa narrativa, todavia, com metodologias outras, já que realizei entrevistas com perguntas previamente formuladas e analisei os registros escritos das folhas de sentidos.

Imersa neste cotidiano acadêmico e de formação, pergunto: Como pensar uma pesquisa no cotidiano com o cotidiano? Nos estudos com o GPPF, venho entendendo que nossas pesquisas não estão preocupadas em comprovar, explicar e exigir respostas prontas, mas em pensar juntas/os, conversar e criar perguntas, interrogando, confirmando e ampliando. Seres relacionais que somos, cada qual com sua bagagem histórica, cultural e social de vida, nos formamos nesse diálogo:

Pesquisando o cotidiano, no cotidiano, aprendemos com os nossos parceiros de pesquisa, incorporamos às nossas “variáveis” elementos da vida de todos que, se não servem para a construção de um modelo explicativo das ações pedagógicas empreendidas por eles, nos ajudam a ingressar na rede de valores, crenças e conhecimentos que nelas interferem. (OLIVEIRA, 2001a, p.41).

Entretanto, sentir, questionar, escrever e pesquisar narrativamente, movimentando e dando forma às nossas experiências é um trabalho desafiador, diferentemente das crenças positivistas de se pensar a investigação. Narrar histórias singulares e coletivas não é apenas contar historinhas. Significa que a partir da prática, preciso teorizar. Para tal, nesse trajeto, necessito também me abrir e mergulhar na realidade do cotidiano da formação de

professoras/es, indo para além do que observo. E, por vezes, sinto-me perdida, preocupando-me em como vou conseguir contar o que me/nos acontece, sem ilustrar com os chamados dados levantados²⁰ para depois analisá-los. “Ao lidar com o cotidiano preciso, portanto, ir além dos modos de produzir conhecimento do pensamento herdado, me dedicando a buscar outras fontes, todas as fontes, na tessitura de novos saberes necessários.” (ALVES, 2001, p. 27).

Na busca por outras fontes, nesse caminho que vai se dando passo a passo e sem nenhuma linearidade, pois há (des)encontros e (re)encontros; encantos e desencantos; concordâncias e conflitos; com as turmas que eu, a equipe do círculo de leitura e as parcerias²¹ originadas desse trabalho ao longo dos anos letivos de 2019 e 2020, lanço-me à outras perguntas: Lemos literatura nos cursos de formação? Qual a relação da literatura com as/os professoras/es de crianças e/ou da Educação básica? O círculo de leitura e/ou encontros literários possibilitam viver experiências?

Ao emaranhar os fios investigativos, narro a minha própria formação, em diálogo com o processo formativo das/dos colegas. No decorrer dos encontros regados de literatura, elas/eles escrevem suas impressões e expressões acerca das leituras realizadas. Assim como, vão se colocando criticamente, baseadas/os principalmente, em suas opiniões pessoais. Nesta dissertação, algumas das narrativas escritas (*folhas de sentidos*) e orais que anotei no caderno de campo, essas que também estão eternizadas em minha memória, conversarão comigo/conosco. “Na verdade, há uma sondagem em uma conversa, uma conversa profunda, mas é feita em uma situação de confiança mútua, de escuta e de solidariedade com a experiência descrita pelo outro.” (CLANDININ; CONNELLY 2015, p. 153).

Por isso, intento aprender na pesquisa e com a pesquisa, vivendo, convivendo, escutando e cooperando. O escritor espanhol Antonio Machado, no trecho do poema *Caminante* (Ed. 2006)²², ressalta: “[...] Caminhante, não há caminho, faz-se caminho ao andar”. Em cada chão percorrido, em cada rampa ou degrau com subidas e descidas, em cada buraco que desviar, em cada trajeto que retornar, avisto a paisagem do sonhar. O sonho do saber, o sonho da vida, o sonho da palavra sentida, o sonho da poesia, o sonho da leitura com democracia e o sonho desta escrita, fluída no próprio ato de escrever-viver.

²⁰ Esses dados levantados referem-se aos dados quantitativos. Entendendo, então, as narrativas como modos de se investigar qualitativamente.

²¹ Encontros nas turmas de Alfabetização, leitura e escrita (tarde/noite), círculo com a presença de autor homenageado e participação virtual do Clube de Leitura Luso-Brasileiro (Açores – Portugal).

²² A primeira edição do poema na obra *Campos de Castilla* foi publicada no período de 1912-1917. A edição compartilhada e referenciada é do ano de 2006.

2.2 TRAJETOS DO CÍRCULO LER E COMPARTILHAR: TECENDO PARCERIAS E TRAVESSIAS

*Compreendendo a literatura como capaz de abrir
um diálogo subjetivo entre o leitor e a obra,
entre o vivido e o sonhado,
entre o conhecido e o ainda por conhecer;
considerando que este diálogo das diferenças –
inerente à literatura –
nos confirma como redes de relações...*

(Bartolomeu Campos de Queirós, 2009)

O Projeto de Extensão *Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária*²³ foi pensado, criado e organizado pela Professora Marcela Fernandez no 2º semestre de 2014, onde submeteu a proposta documentada à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE/UNIRIO). Num primeiro momento, as suas atividades iniciaram sem a presença de um/a estudante-participante-bolsista. Os encontros aconteciam semanalmente na Biblioteca InfantoJuvenil – BIJU (Biblioteca Central da UNIRIO), às quintas-feiras, das 17h às 18h, horário intermediário dos turnos vespertino e noturno²⁴.

No primeiro semestre de 2015, o projeto recebeu uma bolsista que não pôde dar continuidade, por motivos pessoais. E então, duas colegas de curso que já participavam ativamente dos encontros conversaram comigo, comunicando a existência da vaga. Nesse momento, o meu interesse em conhecer a dinâmica do círculo despertou e eu entrei imediatamente em contato com a Prof^a. Marcela. Experimentei um encontro e em seguida, ela me apresentou as intenções do projeto, realizando o meu ingresso como Bolsista de Incentivo Acadêmico em Maio de 2015. Como soube em Novembro de 2015 que não podia acumular esta bolsa com a de Iniciação à Docência (PIBID – ingresso em 2013), passei a atuar como voluntária.

Nossos encontros ocorreram na BIJU durante alguns meses do ano de 2015, recebendo em torno de oito estudantes a cada círculo, que majoritariamente eram licenciandas/os em Pedagogia. Com a greve dos técnicos-administrativos²⁵ e a suspensão das atividades na

²³ O Projeto possui páginas no Facebook e Instagram, onde divulgamos atividades do mesmo, eventos literários no Estado do Rio de Janeiro e virtuais. Disponível em: < <https://www.facebook.com/lerecompartilhar/> > e < <https://www.instagram.com/lerecompartilhar/> >. Acesso em: 02/12/2019.

²⁴ Os turnos no curso de Pedagogia ocorrem de 13h às 17h no vespertino e de 18h às 22h no noturno.

²⁵ Essa greve teve início no dia 28 de Maio de 2015. Os técnicos reivindicaram melhorias na categoria, exigindo o cumprimento do acordo firmado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2012. Disponível em:

Biblioteca Central, passamos a combinar as leituras em roda na sala de aula, porém, permanecendo no mesmo dia e horário, até a o final do ano. No primeiro semestre de 2016, voltamos a nos encontrar na BIJU.

Uma das teorias norteadoras do trabalho realizado em círculo, também nomeado e teorizado como roda é a experiência conscientizadora *Círculo de Cultura*, desenvolvida por Paulo Freire (1967). Ainda que voltada para o público da Educação de Jovens e Adultos – EJA, compreendo que esta prática se expanda para os demais públicos do cotidiano educativo. Já que, se propõe e dedica a valorizar o papel crítico e criativo do sujeito, não mais dentro de uma lógica moderna de objeto de conhecimento. Como também, a cultura resultante da própria existência humana.

Em diálogo, outra teoria é a *Círculo de Leitura*, “uma atividade de leitura independente em que grupos de alunos se reúnem para discutir a leitura de uma obra.” (COSSON, 2014, p. 140). Impregnada de olhares e escutas voltadas/os para a formação, proporciona “[...] uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento de leituras e do diálogo em torno da obra selecionada.” (ibidem, p. 139). Assim, pautadas nesses estudos, seguimos realizando essa atividade com estudantes da UNIRIO, ainda que seja um projeto aberto ao público e comunidade em geral e o horário muitas vezes não viabilize essa participação, sobretudo, para quem trabalha.

Os repertórios dos círculos são, desde o início, construídos por meio da interação com as/os participantes. Narramos em voz alta obras de distintos gêneros e matrizes culturais, conversando com as diferentes artes que nos abrem à intertextualidade e interdisciplinaridade. Por meio do desejo coletivo e como posicionamento político e afirmativo do *Ler e Compartilhar*, trabalhamos com textos de origens africanas e afro-brasileiras. A partida em direção ao encontro com outras tradições mudou positivamente nossa rota literária. Começamos a realizá-la em parceria com o Espaço Cultural do Consulado de Angola no Rio de Janeiro durante o ano de 2017, uma vez ao mês. Susana Fernandes²⁶, amiga escritora que também participa dos encontros, nos apresentou à Maria Fátima Moniz, Diplomata e Diretora deste espaço.

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2015-06/greve-de-professores-paralisa-25-das-63-universidades-federais-diz>>. Acesso em: 21/08/2020.

²⁶ Susana Maria Fernandes é formada em Jornalismo pela Faculdade Integrada Hélio Alonso (2001), Mestra em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ e escritora de dois livros infanto-juvenis pela editora Abacatte.

Imersas num ambiente acolhedor e com pessoas dessa naturalidade, vivemos círculos essenciais para a formação. Por meio desse contato e ação mútua, foram possibilitadas viagens imaginárias pela cultura Angolana e até mesmo locais, pois eram relatadas e conversadas as expressões e costumes que desconhecíamos. Aprendemos, sobretudo, a hospitalidade. Quando angolanas/os recebem visitas em suas casas, preparam um banquete. E, assim, nos receberam desde o primeiro dia em que visitamos o espaço com as/os leitoras/es.

Nesta perspectiva, nos desafiando e estudando, descobrimos que o *Ler e Compartilhar* pauta-se e assemelha-se com a filosofia africana *ubuntu*, que segundo Flor do Nascimento (2016, p. 209) significa: “[...] a existência de tudo o que há se dá de maneira dinâmica, articulada, coletiva, vinculando todos os existentes”. Portanto, dinamizadas/os em roda e conversando, tecemos um emaranhado de opiniões e afetações que me/nos tocam, que me/nos narram. A Diplomata retornou à Angola em 2018, mudando a direção do Espaço Cultural. Desde então, voltamos a trabalhar com os círculos na biblioteca, bem como, convidamos as/os participantes a experienciarem a leitura ao ar livre, no Espaço de Convivência da UNIRIO, conhecido como *Tendão* do Centro de Ciências Humanas e Sociais.

Em 2019, houve a minha entrada no curso de Mestrado e o ingresso de Yasmim Borges²⁷ como Bolsista de Extensão no projeto. Com a reivindicação das/os alunas/os para trabalharmos com os círculos em sala de aula, somada à vontade de traçarmos novos caminhos, encontramos-nos uma vez por mês, nas turmas de *Alfabetização, Leitura e Escrita* (disciplina obrigatória nos turnos vespertino e noturno) sob a responsabilidade da Prof^a. Carmen Sanches e *Literatura na formação do leitor* (disciplina optativa no turno vespertino) sob a responsabilidade da Prof^a. Marcela Fernandez, ambas de Licenciatura em Pedagogia.

No semestre 2019.1, vivemos encontros do círculo de leitura nas duas disciplinas. Num contato inicial, organizamos repertórios sem consultar previamente. Mas, ao final das primeiras rodas, realizamos sondagens em ambas as turmas, combinando a escolha dos textos de autoras/es a partir do interesse comum de todas/os. Na turma de *Alfabetização*, surgiu a oportunidade de vivenciarmos leituras em conjunto com o *Clube de Leitura Luso-Brasileiro*²⁸, mediado pela Mestranda Silvia Cristina Almeida Pereira Melo e pelo Professor Francisco José Rodrigues Sousa²⁹, da Universidade dos Açores (UAC) – Portugal. Em 2019.2, realizei o

²⁷ Estudante do curso de Pedagogia.

²⁸ Esse clube foi criado e desenvolvido virtualmente por Silvia Almeida (UAC), sob orientação do Prof. Francisco Sousa (UAC) e co-orientação da Prof^a Carmen Sanches (UNIRIO), como requisito para a conclusão de seu curso de Mestrado em Educação e Formação. As obras (contos, romances, etc.) estão anexadas e disponíveis para leitura e comentários. Disponível em: <<https://clubra.club/inicio>>. Acesso em: 21/08/2020.

²⁹ Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e membro do Centro Integrado – Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade dos Açores (UAC).

*Estágio em Docência*³⁰, também na turma de *Alfabetização, Leitura e Escrita* e prosseguimos em parceria internacional por via remota. Apesar de ambos os projetos apostarem na leitura como direito e prazer, as propostas de atuação são diferentes. Em interação, vejo a importância do movimento complexo de desorganizar, para organizar com outros modos, saberes e fazeres. Dado que, “a ideia de complexidade é uma aventura.” (MORIN, 2000, p. 48).

Levantamento – Círculos de Leitura de 2019.1	
<i>Literatura na Formação do Leitor (Vespertino)</i>	<i>Alfabetização, Leitura e Escrita (Noturno)</i>
16/04/2019 – Roteiro composto por obras de Luís Carlos Patraquim, Arnaldo Santos e Conceição Evaristo;	26/04/2019 - Roteiro composto por obras de Luís Carlos Patraquim, Arnaldo Santos e Conceição Evaristo;
26/05/2019 – Chimamanda, Poesia Slam, Ryane Leão e Clarice Lispector;	31/05/2019 – Poemas e Fragmentos de contos: Conceição Evaristo;
18/06/2019 –Bráulio Bessa, Daniel Munduruku e Lendas Indígenas.	28/06/2019 – Cora Coralina / Participação de Açores (Virtual).

Figura 1 – Tabela de encontros do primeiro semestre de 2019

³⁰ Atividade curricular obrigatória, enquanto Bolsista de Mestrado (pós-graduação stricto sensu) pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), participando das atividades de ensino sob a supervisão da orientadora (Prof^a Carmen Sanches) ao longo de um semestre na instituição.

Levantamento – Círculos de Leitura de 2019.2	
<i>Alfabetização, Leitura e Escrita (Vespertino)</i>	<i>Alfabetização, Leitura e Escrita (Noturno)</i>
14/08/2019 – Café com Literatura / Roteiro com trechos de Francisco Gregório Filho;	10/10/2019 – Resumo "Gente Feliz com Lágrimas" / Encontro com Açores;
11/09/2019 – Resumo "Gente Feliz com Lágrimas" / Encontro com Açores;	31/10/2019 – Resumo "Mau tempo no Canal" / Encontro com Açores.
09/10/2019 – Resumo "Mau tempo no Canal" / Encontro com Açores;	05/12/2019 – Mulheres feministas negras e autores angolanos (Conceição Evaristo, Manuel Rui, Djamilia Ribeiro, bell hooks, Chimamanda Adichie, Paulina Chiziane e Conto popular).
13/11/2019 – Resumo "A vida no Campo" / Encontro com Açores;	
04/12/2019 – Mulheres feministas negras e autores angolanos (Conceição Evaristo, Manuel Rui, Djamilia Ribeiro, bell hooks, Chimamanda Adichie, Paulina Chiziane e Conto popular).	

Figura 2 – Tabela de encontros do segundo semestre de 2019

Compreendendo a pesquisa no/com o cotidiano como um processo de vir a tornar-se, penso que o *Ler e Compartilhar* e a experiência com mediação de leitura também sejam. Ao longo desses anos, o seu trajeto vem sendo construído com mudanças e possibilidades outras. Todavia, seu foco direciona-se ao que Carlos Skliar (2019, p.100) chama de *alteridade na literatura*: “[...] ocorre que toda e qualquer conversa presente em um romance, em um conto ou em um relato tende à narração do gesto de diferir duas ou mais pessoas, duas ou mais consciências, duas ou mais idades, dois ou mais corpos.”

Ou seja, ao (com)partilharmos os mais diversos textos literários, interagindo com propostas distintas de mediação e com estudantes de diferentes idades e bagagens de vida,

narramos em voz alta esses contextos e oportunizamos a abertura para outras realidades, culturas e universos. Através da conversa com essas/esses participantes num momento posterior à leitura, presencio o desejo de silenciarem e/ou verbalizarem oralmente e até mesmo por escrito, com as cadeiras dispostas em formato de círculo o que ocorrem em suas mentes, corações e corpos (memórias, sentimentos, etc.) singulares e complexos.

Nestes trajetos entre lugares, silêncios corporificados e gestualizados, rostos, rastros e vozes ecoadas, o ano de 2020 chegou, trazendo desafios, demandas e dinâmicas outras para o *Ler e Compartilhar*. Antes do primeiro semestre iniciar, a intenção era dar continuidade ao trabalho desenvolvido nas turmas, com as/os professoras/es em formação. Porém, devido às fortes ventanias e perdas desse tempo pandêmico imprevisível que chocou, sacudiu e ainda faz parte dos dias atuais, refletimos enquanto equipe acerca da necessidade de abertura à mais uma mudança: a reinvenção da prática por via remota.

Impactadas e sem indícios de retorno para as atividades presenciais, eu, a Prof^a Marcela, a Yasmim e a Maria Luíza, estudante de Pedagogia recém-chegada como Bolsista de Incentivo Acadêmico (BIA) em Junho de 2020, tateamos e começamos a enviar e-mails para as/os leitoras/es que acompanharam os encontros no decorrer de 2019, convidando-as/os à participarem dos círculos virtuais mensais, ocorridos pela plataforma *Google Meet*, no sentido de resgatar vínculos e prazeres pela leitura, como também, fortalecer nossas existências durante a fragilidade do afastamento físico. Jorge Larrosa (2015) me/nos inspira ao pensar na *desescolarização* de leituras, escritas e conversações:

Por isso, trata-se de inventar formas de desdisciplinar as disciplinas, de desescolarizar as palavras, os textos, as formas de ler e de escrever, as formas de conversar, para que possam recuperar sua capacidade de encarnação, sua viagem, malograda, sua potência de vida. (LARROSA, 2015, p. 134-135).

Assim, nos lançamos e experienciamos os encontros no quadrado tecnológico da sala virtual, habitadas por faces nas câmeras e fotos de perfis, microfones fechados e em alguns momentos abertos e roteiros de leituras projetados nas telas de celulares e computadores, na oscilação entre a timidez e ousadia das palavras sentidas de cada participante e na instabilidade não apenas das quedas de conexão, mas dos atravessamentos cotidianos e das narrativas ditas e não ditas.

Levantamento – Círculos de Leitura de 2020
<i>Sala Google Meet – Estudantes de Pedagogia e público em geral</i>
17/06/2020 – Tema: Nas Asas da Poesia;
21/07/2020 – Tema: Janelas de Esperança;
25/08/2020 – Autor homenageado: Mia Couto, poeta da terra;
29/09/2020 – Tema: Sopros Poéticos;
27/10/2020 – Tema: Infâncias;
24/11/2020 – Autora homenageada: Ao encontro de Clarice Lispector.

Figura 3 – Tabela de encontros do ano de 2020

Nessa rede trançada e enlaçada com estudantes oriundas/os das turmas que desejaram continuar e migrar conosco para esta ação remota, noto a importância de narrar um dos círculos vividos no projeto durante a Pandemia, repensando o papel da/do professor/a como formador/a e formanda/o em meio às transformações que provocam e deslocam para a inovação de travessias outras nas práticas educativas. A coletividade pode ser experienciada no isolamento dos corpos? Que narrativas são tecidas na roda virtual?

3. LITERATURIZAR PARA INVESTIGAR A COMPLEXIDADE NO/COM O COTIDIANO DA FORMAÇÃO DOCENTE

*“Escuta”, diz a África milenar.
Tudo fala. Tudo é palavra. Tudo busca
nos transmitir um estado de ser
misteriosamente enriquecedor. Aprende
a escutar o silêncio e descobrirás
que é música.*

(Amadou Hampâté Bâ, 1993)

O que se chama silêncio atravessou a minha vida, atravessou o Menino que escrevia versos ao não ser compreendido pela família que o levou ao médico no conto de Mia Couto (2003), atravessou e atravessam centenas de pessoas em nossa sociedade. Percebo que os silêncios podem ecoar efeitos sonoros. Sim! Sons esses, que escutados dentro de nós emanam palavras vividas, palavras sentidas e palavras pensadas. Palavras que pulsam nas veias, palavras que bombeiam corações e percorrem o papel, na medida em que damos leitura e escrita aos fatos.

Durante um tempo não me vi no lugar de quem pergunta. Era muito mais confortável não entrar em conflito e não me expor. Aliás, eu fugia dos conflitos para não quebrar ou afrontar regras e hierarquias. Eu não conseguia enxergá-los como constitutivos da vida. Eu não questionava, mas sempre me senti na obrigação de justificar e explicar em reflexões e atitudes. Quando comecei a viver este curso de Mestrado, passei a entender que a partir da minha dúvida é possível construir a pesquisa. E que é ilusória, por vezes impossível, a ideia de se obter respostas para muitos dos questionamentos.

Cientificamente, há pilares que sustentam as metodologias investigativas. Em seus fundamentos clássicos, há pontos que iniciam e terminam, legislam, disjuntam, reduzem, regulam e ordenam, ignorando o singular. Portanto, os acasos, as incertezas e confusões significam desordens. (MORIN, 2000). Para investigar, o mais importante seria introduzir, fundamentar e concluir? Onde fica o meio do caminho? O processo é ignorado? Temos um grupo com pessoas iguais? Uma pesquisa se finda na conclusão?

A *complexidade* significa, para Morin (2000, p. 47) “uma noção a ser explorada, a ser definida.” Contrapondo o autor, mergulhada na investigação de Najmanovich (2008, p. 16, tradução nossa), “[...] a complexidade nos dá a oportunidade de fazer sentido em nossas

práticas sociais, em nosso modo de conhecer, de legitimar e compartilhar o saber, o dizer, de enriquecer nossos territórios existenciais em múltiplas dimensões.” Um princípio a ser vivido. Um princípio do saber que não tem fim. Um princípio que não se interrompe. Um princípio que busca interações e acontecimentos. Um princípio que se movimenta. Um princípio que se dispõe a conhecer o singular que nutre o plural. Dessa fonte, a pesquisa com o cotidiano se aprofunda, apostando em ações e práticas que tecem os conhecimentos. Saberes esses que levam em conta as diferenças. Nilda Alves (2001) me/nos atenta acerca dessa questão:

[...] para comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos e novos achados é indispensável uma nova maneira de escrever, que remete a mudanças muito mais profundas. A esse movimento talvez pudesse chamar narrar a vida e literaturizar a ciência. (ALVES, 2001, p.15-16).

Literaturizar me remete novamente à palavra. E me leva à viagem por meio da imaginação, transportando-me às aldeias. A natureza, repleta de tanta beleza comunica e avisa, dando sinais. Pessoas que nela habitam leem os ventos, raios, trovões, as folhas e os frutos que caem das árvores e as luzes solares e lunares. Pessoas que quiçá, não saibam ler as letras, códigos e leis. Mas, oralizam a existência que me/nos vincula ao mundo. Mía Couto (2009) narra no ensaio *E se Obama fosse africano?* :

Sou biólogo e viajo pela Savana do meu país. Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o mundo. Nesse Universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler sinais da terra, das árvores e dos bichos. Não sei ler nuvens, nem o prenúncio das chuvas. Não sei falar com os mortos, perdi contacto com os antepassados que nos concedem o sentido da eternidade. Nessas visitas que faço à Savana, vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e a afastar-me das minhas certezas. Nesse território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável.

Neste texto, noto a importância de valorizarmos as sabedorias populares. Como também, os aprendizados que são tecidos em tempos não cronometrados, em circunstâncias não analisadas e em locais não limitados apenas por paredes. Desenvolver a pesquisa no cotidiano da formação me ajuda no sentido de questionar a epistemologia que ainda predomina. Faz-me compreender o real significado de *sentir o mundo* (ALVES, 2001). Para tal, sei que necessito me aproximar do campo, olhando de perto, escutando cada fala e som, presenciando cada gesto, cada ato, cada opinião, reconhecendo cada cor, cada cheiro, cada textura e cada sabor.

“Educar a leitura poderia significar fazer presente, tornar presente, advertir a presença de mundos inalcançáveis, de mundos inimagináveis, de mundos que nunca estarão ao alcance dos arquivos incolores, inodores e insípidos dos motores de busca.” (SKLIAR, 2019, p. 107). Pensar numa formação com presença é possível? Através da literatura, os valores e princípios construídos por diferentes culturas são resgatados? A relação entre arte-educação desagua na conversa entre poesia e vida?

Ao longo de minha trajetória pautei-me na crença de que ter razão era primordial. Não conseguia ver a dicotomia: razão-emoção. Apesar de escrever os sentimentos que me visitavam, não via a escrita como expressão do meu corpo aprisionado pela ausência da fala oral. Não entendia a escrita como corpo, a escrita como vida, a escrita como ação, a escrita como movimento e a escrita com potencial liberta(dor). No passo a passo dessa investigação, escrevo, me inscrevo, habito e por ela sou habitada. Adrienne Guedes & Tiago Ribeiro (2019) atentam para a pesquisa educativa na ação de se revelar, narrando:

Sim, uma ação investigativa que nos é e no qual nós somos, com face, sangue, corpo e ossos: experimentação, sensibilidade, presença, atenção, escuta, acompanhamento e uma sorte de gestos que conformam uma pesquisa que tenha, ela mesma, a autoria como marca e modo de caminhada, de habitar o fazer da investigação. (GUEDES; RIBEIRO, 2019, p.28).

Contudo, ao sentir e pesquisar a formação docente é necessário deslocar(mos) o pensamento para onde viemos e pelo o que passamos, nos colocando também criticamente em relação ao que me/nos é imposto, reconstruindo as visões que temos acerca de nossos corpos, num sistema que tende a rotular e aprisionar. Ezequiel Theodoro (2009) colabora com essa intenção, ao pensar na/no professor(a) enquanto pessoa leitora-escritora:

Antes de tudo, o professor é uma pessoa e, por isso mesmo, um ser social, com necessidades semelhantes às dos seres humanos. Um ser que nasce, cresce e morre como todos os demais. Um ser dotado de corporeidade, razão e emoção. Um ser que, para ter uma vida digna e feliz, precisa de trabalho e ócio ao longo da sua existência. Um ser com sexualidade, desejos e aspirações. (SILVA, 2009, p. 24)

Ócio, uma palavra que cada vez mais não parece ser cumprida e/ou exigida no meio social. Um direito que não se associa à lógica da produtividade. Um momento de liberdade que não necessariamente está ligado apenas ao lazer. O ócio adentra e se emaranha com a palavra grega *scholé*, que representa um tempo livre de obrigações, um tempo de suspensão

(MARTINS, 2016). Porém, esse momento dá abertura para as criatividades, para o movimentar das sensibilidades, reduzindo, quem sabe, os excessos de racionalidades.

De volta ao passado, penso nos aprendizados compartilhados nas beiras de fogueiras, no luar das noites com histórias contadas aos mais novos pelos mais velhos, no simples ato de falar na mesa do jantar o que ocorreu num dia de trabalho, num dia com tarefas domésticas e até mesmo, num dia de escola e universidade nas relações mãe-filhas(os), pai-filhas(os), tia(o)-sobrinhas(os), avó(ô)-netas(os) e daí, por diante.

Saberes cotidianamente plantados e que são suprimidos pelas obrigações. Ou que não se é possível reconhecer, já que o tempo cronológico continua a ser contabilizado. O relógio permanece marcando e girando, sem parar. O dia aparenta passar rapidamente e no piloto automático. Quaisquer conversas que surgem dentro e/ou fora de instituições não são reconhecidas e legitimadas. Afinal, as narrativas podem viabilizar teorias? No conto *O Passado e o Futuro*, Héli Chatelain (1967) me/nos traz uma reflexão:

Dois homens caminhavam numa estrada quando encontraram um vendedor de vinho de palma. Os viajantes pediram-lhe vinho e o homem prometeu satisfazê-los, mas com uma condição: de lhe dizerem os seus nomes. Um deles falou: Chamo-me De onde venho. O outro: - Para onde vou. O homem aplaudiu o primeiro nome e reprovou o segundo, negando a Para onde vou o vinho de palma. Começou uma grande discussão e dali, saíram à procura do juiz, que ditou logo a sentença. O vendedor de vinho de palma perdeu. "Para onde vou" é quem tinha razão, porque de onde viemos já nada se pode obter e, pelo contrário, o que se pode encontrar está Para onde vou (p.465).

Nas literaturas africanas, as pessoas idosas assim como as jovens são apresentadas e simbolizadas como as duas pontas do saber. Acredita-se que apesar da maioria das vezes as mais velhas sejam exaltadas por toda a bagagem vivida, por meio do contato entre ambas, as heranças ancestrais permanecem e são ressignificadas nas gerações futuras. A juventude carrega o ar da novidade e os anciões, a tradição. Esse fato me provoca a retomar o conceito de *alteridade* proposto por Skliar (2019), no intuito de entender que cada ser, independente da idade, independente da localidade em que vive e independente da aparência, tem algo a ensinar e algo a aprender na relação com o outro.

O conto me desloca ao pensamento de que o *De Onde Venho* não ganhou o direito à sentença por haver resistência da sociedade no que se refere aos princípios de outras matrizes culturais. Concomitantemente, mostra a esperança nos caminhos que serão percorridos pela figura *Para Onde Vou*. Nesse processo, questiono: Para onde essa pesquisa me/nos levará? A

educação amplia o diálogo ao desenvolver práticas voltadas ao encontro e aproximação de existências diferentes e singulares?

Nos estudos de Larrosa (2002), a experiência possibilita o acontecimento, o toque da realidade e o sentir. Uma situação que suspende as horas ao permitir o mergulho no agora, ou seja, neste instante. Uma pausa com demoras, sem preocupações. Uma pausa para viver de corpo, mente e alma presentes. Uma pausa sem razões ou certezas. Uma pausa sem medo de errar. Uma pausa que semeia o encontro de vozes e silêncios, de olhares e escutas. Uma pausa que acalenta o coração com paciência, esquecendo as ventanias e pressas do mundo afora.

Partindo de uma ideia com simplicidade, que é contrária à ideia de simplificação e redução dos sujeitos que envolvem a investigação, concordo com Morin (2000) ao defender o conhecimento como ação conjunta, num movimento circular que nunca se finda. Nesse caminhar, abraça como pressuposto o ato de explorar sem ordens pré-definidas, desconstruindo objetividades, controles, totalidades e generalizações. A singularidade me remete à subjetividade, bem como à criatividade. No lócus da criação, me vem à memória a arte que faz parte do dia a dia.

A arte que não está somente exposta nas galerias. A arte que eu enxergo expressa na paisagem ao abrir a janela de casa e que eu vejo pela janela do ônibus ou do carro. A arte que eu não escuto apenas em shows, mas ouço pelo celular, nas rádios ou por alguma pessoa que toca e/ou canta na rua, no metrô e no trem. A arte que eu leio principalmente nos livros, bem como nas redes sociais e até, nos papéis colados nos postes ou muros pichados. A arte que amplia os meus sentidos e no fluir do tempo me/nos acompanha na vida.

A poesia que denuncia a dor que por hora sentimos. A poesia que anuncia as alegrias. A poesia que talvez não a escrevamos e sim, a experimentamos. A poesia que fecunda ao encontrarmos e conversarmos com alguém. A poesia intrínseca nas vozes que ecoam pelos lugares por onde passamos: sejam escolas, universidades, clínicas, bares, supermercados, farmácias, etc. A poesia que acalenta e/ou afronta mediante essas relações. A poesia que atravessa universos interiores e exteriores a nós. A poesia que também é fruto do silêncio. Gaston Bachelard (2001) afirma:

A poesia é verdadeiramente o primeiro fenômeno do silêncio. Ela deixa vivo, sob as imagens, o silêncio atento. Constrói o poema sobre o tempo silencioso, sobre um tempo que nada martela, que nada pressiona, que nada comanda, sobre um tempo pronto para todas as espiritualidades, sobre o tempo da nossa liberdade. (BACHELARD, 2001, p. 256).

Poesia e Pedagogia. A poesia que narra o viver. A poesia que narra o saber. A poesia oral. A poesia escrita. A poesia que Francisco Gregório (2011) dá o nome de oratura: a costura de oralidade e escritura. A poesia que surge silenciosamente e me/nos forma no mesmo momento em que dá forma à palavra. Um caminho que se direciona ao que não se é proposto de antemão. Que se movimenta no próprio ato de caminhar e experienciar. E traça uma aposta no decorrer da própria ação (MORIN, 2000). Falando em poesia, partilho novamente Mia Couto (2009):

*O que o poeta faz é mais do que dar nome às coisas.
O que ele faz é converter as coisas em aparência pura.
O que poeta faz é iluminar as coisas.
Toda coisa tem peso:
uma noite em seu centro.
O poema é uma coisa
que não tem nada dentro,
a não ser o ressoar
de uma imprecisa voz
que não quer se apagar
— essa voz somos nós.*

No encontro do eu com o nós, das singularidades e pluralidades, do outro como semelhante e diferente, vou desenvolvendo esta aposta e investigação, tendo como opção teórico-metodológica a tessitura entre as complexidades que me/nos abarcam enquanto seres de conhecimento e cultura imersos no cotidiano, dando mãos às narrativas que permeiam e rodeiam as histórias e encontros da vida. Dedico-me à esta pesquisa, não debruçada apenas com a dimensão acadêmica, mas poética, literária, ética e política. Por isso, *literaturizada* no próprio processo de criação (ALVES, 2001).

3.1 SEMEADURA DE PRINCÍPIOS EDUCATIVOS

Contar histórias é uma possibilidade de dar-se a ler e de ouvir e ser ouvido. Contar histórias é deixar soar uma voz comumente reprimida em nossa escola, seja de nível básico ou superior: a voz do sujeito praticante, aquele que vive o cotidiano da escola, que o produz na tessitura com outros. Escutar e afirmar as vozes pulsantes nas nossas experiências e saberes, é, portanto, agir no sentido de valorizar nossas trajetórias, compreender nossos percursos.

(Adrienne Guedes; Tiago Ribeiro, 2019)

Ao tecer esta ação investigativa, venho narrando sentimentos, desafios, acontecimentos e emaranhamentos com modos outros de se pensar, convidando ao saber, estando, sendo e expandindo horizontes. Na pesquisa com os cotidianos, a narrativa vinculava-se como opção prática e teórica no sentido de interrogar-se acerca das experiências que perpassam autorias, cooperando para a invenção, recuperação e interpretação de diferentes histórias (RIBEIRO; SAMPAIO; SOUZA, 2016). Assim sendo, o que tenho defendido até o momento como formação? Por que apostar no círculo de leitura no curso de Pedagogia?

No retorno às minhas memórias, lembro do primeiro encontro com as cadeiras em círculo que participei: estava no 4º período da graduação, cursando a disciplina *Literatura na formação do leitor*. A Prof^ª Marcela Fernandez realizava as práticas de leituras orais semelhantes às do *Ler e Compartilhar* toda semana na sala de aula e, cada estudante ficava responsável pela escolha e narração do dia. Então, chegou a minha vez... Nunca havia me exposto de forma a apresentar algo que não fosse avaliado, já que estava habituada com seminários e outras atividades afins.

Escolhi compartilhar com as/os colegas de turma o texto *Idealizei* do primeiro livro de poesias que tive acesso – *Lugar comum: um pouco abaixo do nada* (2006), escrito e presenteado pela minha irmã, Julia Pastore. Apesar de termos crescido distanciadas, a literatura foi e continua sendo o fio condutor que nos enlaçou/enlaça. Mesmo com a voz baixa pela timidez e a ansiedade por viver algo novo, depois de anos quietinha e sem me expor, não tinha ideia dos sentidos que estas linhas trariam na junção que aproxima o passado com o presente:

IDEALIZEI

*a cada verso
a cada tempo
um pulso
um ritmo comum de vida.
em meio a tanto caos
adapte
cada novo semblante
ao contexto morto
ilusório
Parei. Respirei.
Contei cada moeda
e deixei crer,
o que me trouxe certezas.
Não me adapto mais
e cada curva
cada som que ouço
cada cor
estufa
percepções.
De ilusório não restou nada
e o que manifesto
me completa
e me faz gente.
Muito mais que ser
simplesmente uma mulher.*

Ler e ver nos olhos de cada pessoa a surpresa da partilha me encorajou a seguir nesta jornada imprevisível, mas cheia de possibilidades. A formação não está pronta, não se finda, ela se movimenta, muda e transforma. Um tempo atrás, mesmo animada, pensava: Por que ler no tempo da aula? Por que ler bem no meio da discussão teórica? Questionamentos esses que também apareceram nas falas das/dos estudantes aos quais convivi em turmas de *Alfabetização, Leitura e Escrita* (2019.1 / 2019.2), desenvolvendo os círculos de leitura. Afinal, que percepções tenho/temos da educação?

Sigo trilhando com a desordem, instabilidade e o caos como aliados no cotidiano, no campo do acontecimento, da errante busca, da atenção às coisas mínimas e desimportantes, num estado perto-longe inconstante que permite o navegar pelo já e ainda escutado, percebido, sentido, degustado, reconstruindo memórias do eu com o nós, juntas/os. Carlos Skliar (2016) colabora em seus estudos com essa intenção:

Educar é pôr no meio a escrita e a leitura. Fazer coisas, juntos, entre nós e entre outros. Pôr a escrita e a leitura no meio é pensar algo distinto do registro, do arquivo, o retorno do aprendido ou como um código fechado para a avaliação. (SKLIAR, 2016, p. 16).

- O que pode vir a acontecer no *espaçotempo* entre?

Num abrir e fechar de olhos, e nas anotações de caderno de campo, retorno ao dia 14 de Agosto 2019, uma quarta-feira fria e chuvosa no Rio de Janeiro. O primeiro encontro da turma *Alfabetização, Leitura e Escrita*, no turno Vespertino, a qual, experienciei o Estágio em Docência. Na ocasião, a Prof^a Carmen Sanches combinou as leituras iniciais da disciplina, e depois, conversou, contando que o escritor e amigo querido Francisco Gregório Filho³¹ estaria presente em seguida.

Eu, Carmen, Marcela, Yasmim e Anna Beatriz³² arrumamos a sala do 4º andar do Prédio de Ciências Humanas e Sociais (CCH) da UNIRIO, com as mesas e cadeiras dispostas, formando rodas. Preparamos o café e colocamos quitutes (biscoitos, bolo) numa linda toalha estampada, com um girassol simbolizando resistência, (re)existências e a gentileza. O clima chuvoso em nossa tarde deu lugar ao acolhimento e refúgio de diferentes vidas, gestos, aromas e sabores.



Figura 4 – Organizadoras e Escritor Convidado (Café Literário)

³¹ Contador de histórias, graduado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

³² Anna Beatriz Vecchia, Mestranda em Educação (PPGEdu/UNIRIO), colega de turma e parceira de grupo de pesquisa (GPPF), também em Estágio Docente durante o período (2019.2).



Figura 5 – Recepção ao Escritor (Café Literário)

- Por que iniciar o semestre com café e literatura?

Francisco chegou, foi recepcionado pela turma e nós, que estávamos na organização do círculo. Enquanto integrantes do *Ler e Compartilhar*, ecoamos nossas vozes, mergulhando nas leituras de trechos em homenagem ao autor. E então, Gregório se levantou ao final da escuta, enquanto o silêncio pairava no ar e os olhares das/dos participantes denunciavam a imprevisibilidade “O que está por vir?”.

Através de sua narrativa de frente para a mesa quitutes, escutamos seu *Nomear*:

Francisco. Escolha de minha avó. Meu pai nasceu Francisco, nome frequente na família. Tio-avô, tios, primos, compadres e afilhados. Admiração da família por São Francisco de Assis. Nenhum dos Franciscos da família nascido em 4 de Outubro. Nenhum. Nascesse em qualquer data: Francisco. Também os que ainda vão nascer: netos, bisnetos... Descendência holandesa. Espalhados, a partir de Recife, pelas cidades do Nordeste, os holandeses chegaram ao Vale do Açu, Rio Grande do Norte, e por lá construíram famílias em parcerias com os “nativos” (caboclos, índios, negros).

o Gregório da Silva Filho, disse minha mãe quando eu nasci. Meu pai ainda argumentou: é muita herança! Minha mãe teimou: uma homenagem de seu amor por meu pai. Essa é a história de meu nome. História que me anunciou. História pela qual nasci sujeito, sujeito a essa história do meu nome. Minha mãe celebrava seu amor por meu pai dando-me seu nome. Acrescentando Filho. Eu, primeiro Filho. Cabe a mim construir uma história como sujeito em Francisco. Diariamente me construo sujeito da história desse Francisco de nome, desse Gregório referência familiar, desse da Silva do repertório comunitário e do Filho dos acervos pessoais de meu pai e de minha mãe. Francisco Gregório da Silva Neto é o nome de meu filho.

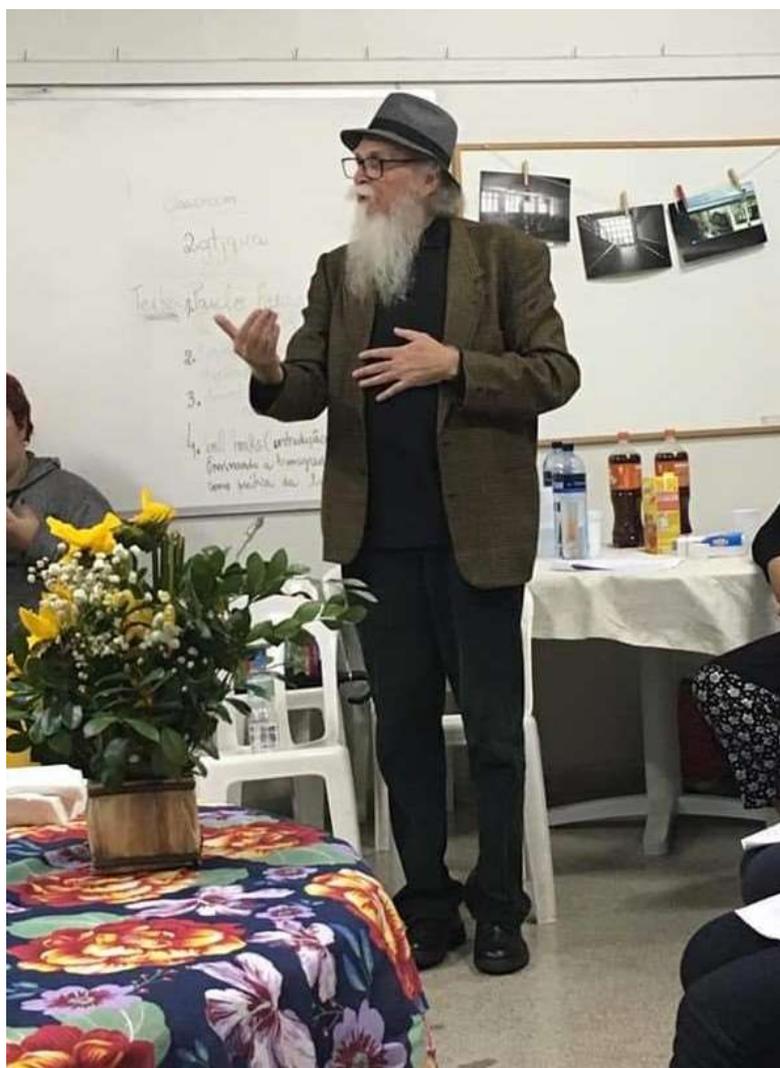


Figura 6 – Escritor Narrando

Durante a narração oral, curiosidades eram despertadas e sorrisos entreabertos. No ressoar de uma pergunta e outra, mesmo numa sala com 20 pessoas, Francisco ia abrindo seu livro da vida, na caixa das lembranças, valorizando seu nome e sobrenome, mantidos no

resgate ancestral do seio de sua família. Neste partilhar, busco e bebo nas fontes dos estudos com os cotidianos novamente, pois, “narrar histórias é, então, uma vasta experiência humana.” (ALVES, 2001, p.34).

Contar histórias transporta para a flexibilidade entre subjetividades, e nelas, não há espaço para a rigidez. Evoco e convoco as reflexões de Azoilda Trindade (2013), atentando para a importância de experienciar uma vida que está sendo, no presente e com presença(s) no instante e lugar em que nossos corpos estejam. Na gestualidade de investigar a própria formação docente, contribui ao semear *Valores culturais afro-civilizatórios*³³ (idem, 2006), dando boas vindas à sabedoria popular.

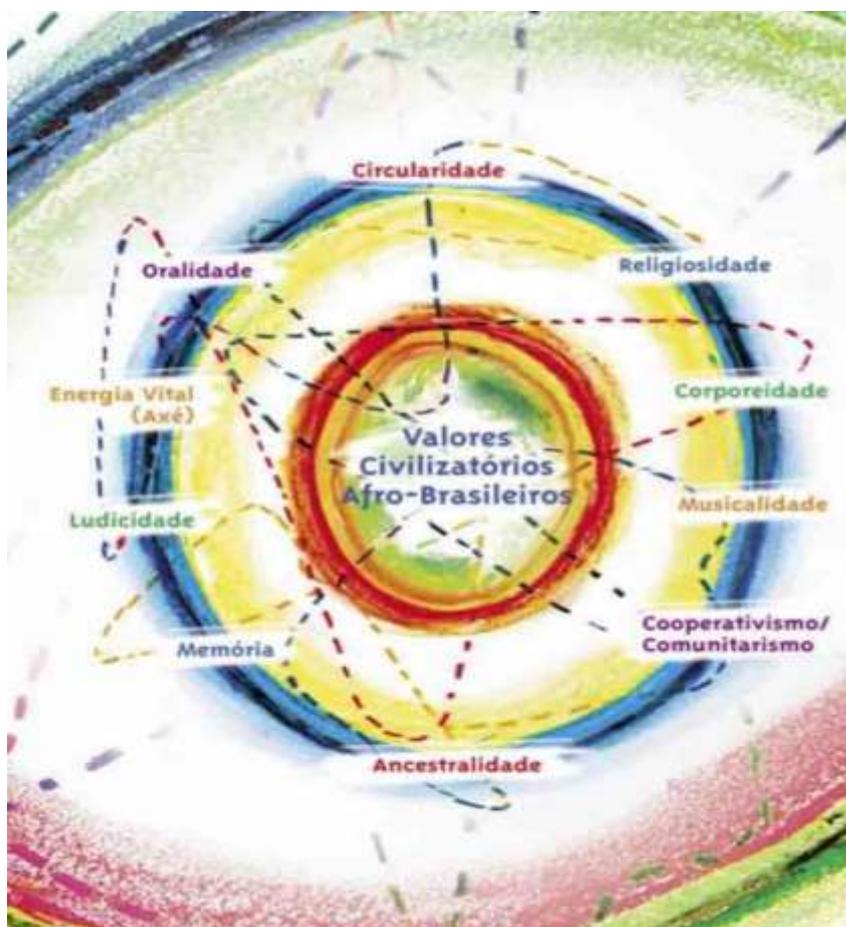


Figura 7 – Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros

Nas minúcias e pegadas experimentadas, pela história automeada, penso no princípio da *circularidade* – a partir da aposta de encontro no/com o coletivo da turma, com as mesas e cadeiras em roda, desconstruindo a percepção da/do professor/a como a figura

³³ Azoilda Trindade fez parte da organização do caderno *A cor da cultura* (2006), um material voltado para professoras/es, com referências de atividades e ações a serem desenvolvidas na escola.

central ou principal, já que também é aprendiz. A palavra-ação³⁴ *autonomia* se une a esse movimento circular infundável, enveredando pelo caminho da criticidade e liberdade que abarca as diferentes visões de ser e estar, interagindo e dialogando no/com mundo.

Mesmo não havendo narrativas escritas do café, a ação de *contato* associa o encontro e a comunhão de expressões e sentidos – o barulho da chuva que caía, os rostos que se atravessavam pelo olhar, o aroma e paladar ao ler e degustar. E, ao escutar Gregório, imediatamente revivi através da preservação da *memória*, a fala de uma estudante (Turma de *Literatura na Formação do Leitor*): “Muitas histórias indígenas não são conhecidas, é importante estar compartilhando em sala de aula. Inclusive, o conto lido sobre a criação³⁵ que apresenta uma outra verdade, distinta do Cristianismo. Ou seja, não é uma verdade imposta”.

A questão ocorreu no círculo do dia 18 de Junho de 2019, com textos de matrizes culturais indígenas sugeridas pela turma, as quais, não partindo do mesmo lugar que as africanas, assemelham-se na reconstrução das narrativas através da *ancestralidade* - nomes que são passados de geração em geração, valores e histórias que são ressignificadas/os na atual condição, no *movimento* de questionar o que ainda predomina no meio social e o papel da educação.

Movimentar nutre a mudança, abre caminhos para a reinvenção da própria prática formativa. “É preciso fazer um esforço de troca e de partilha de experiências de formação, realizadas pelas escolas e pelas instituições de ensino superior, criando progressivamente uma nova *cultura da formação de professores*.” (NÓVOA, 1992, p.30).

- O que temos praticado no curso de Pedagogia?

Nos desvios e desobediências, numa tessitura imperfeita e errante, sem verdades absolutas, no processo de idas e vindas às anotações/imagens e na conexão de um encontro com outros encontros, enredo mais uma recordação do vivido: Sexta-feira, dia 28 de Junho de 2019, eu e a equipe do *Ler e Compartilhar* realizamos a roda literária com textos de Cora Coralina³⁶, autora escolhida pelo gosto da turma de *Alfabetização, Leitura e Escrita (2019.1 / Noite)*.

³⁴ As palavras-ações também foram praticadas e estudadas por Azoilda Trindade (2013;2006), vinculadas aos Valores Afro-civilizatórios.

³⁵ O conto que o estudante se refere na fala é “A Criação do Mundo – O Gênese Mawé”, de Yaguarê Yamã. Disponível em <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/a-genese-maragua-e-a-origem-do-mundo/>> Acesso em: 12/05/2021.

³⁶ Cora Coralina, mulher Goiana, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Bretas (1889 – 1985) começou a publicar e contribuir com suas poesias na Literatura Brasileira aos 76 anos. Mas, escrevia desde a adolescência. Mesmo não tendo formação acadêmica, seus textos continuam sendo partilhados, em memória de sua trajetória vivida.

A escolha, inclusive, se deu num momento anterior (31/05/2019), onde compartilhamos textos e conversas, mas acerca de Conceição Evaristo³⁷, também proposta e indicada pela turma. Ao final, perguntamos o que e quem as/os estudantes desejavam ler. Ambas as mulheres e figuras representativas do feminino (Cora e Evaristo) – são reconhecidas por seus versos potentes na Literatura Brasileira, cooperando para a recuperação de suas e outras histórias.

No encontro pelos mundos subterrâneos de Cora, os parceiros do Clube Luso-Brasileiro vinculados à Universidade de Açores (Prof. Francisco e Mestranda Silvia) estiveram conosco através da tela projetada, de forma virtual, para conhecerem a dinâmica do círculo e estarem juntas/os, contribuindo no diálogo entre culturas diversas. E, com as cadeiras em círculo, lemos os versos simples que estavam no roteiro. Entre corpos com posturas atentas e silenciosas, ao término da leitura, surgiu uma conversação, “um ler e escrever, um ensinar e aprender que acontece conversando.” (LARROSA, 2015, p. 141).



Figura 8 – Partilha com Açores

³⁷ Maria da Conceição Evaristo de Brito, mulher negra, Mineira e residente do Rio de Janeiro, possui formação em Letras pela Universidade do Rio de Janeiro – UFRJ. É Mestra em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica – PUC RJ e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

O *Estudante A (2019.1)* e outras/os estudantes começaram a relacionar a vida difícil no campo de Cora, nos tempos rudes, às *escrevivências*³⁸ de Conceição Evaristo, que denunciam as marcas coloniais e opressoras na sua história de vida ancestral, repercutindo em outras histórias de vida. Francisco e Silvia comentaram de um vídeo que assistiram de Cora Coralina, chamado *Todas as vidas*³⁹, onde a autora fala das escritas denunciantes e anunciantes de si. Num momento posterior, também projetamos para a turma.

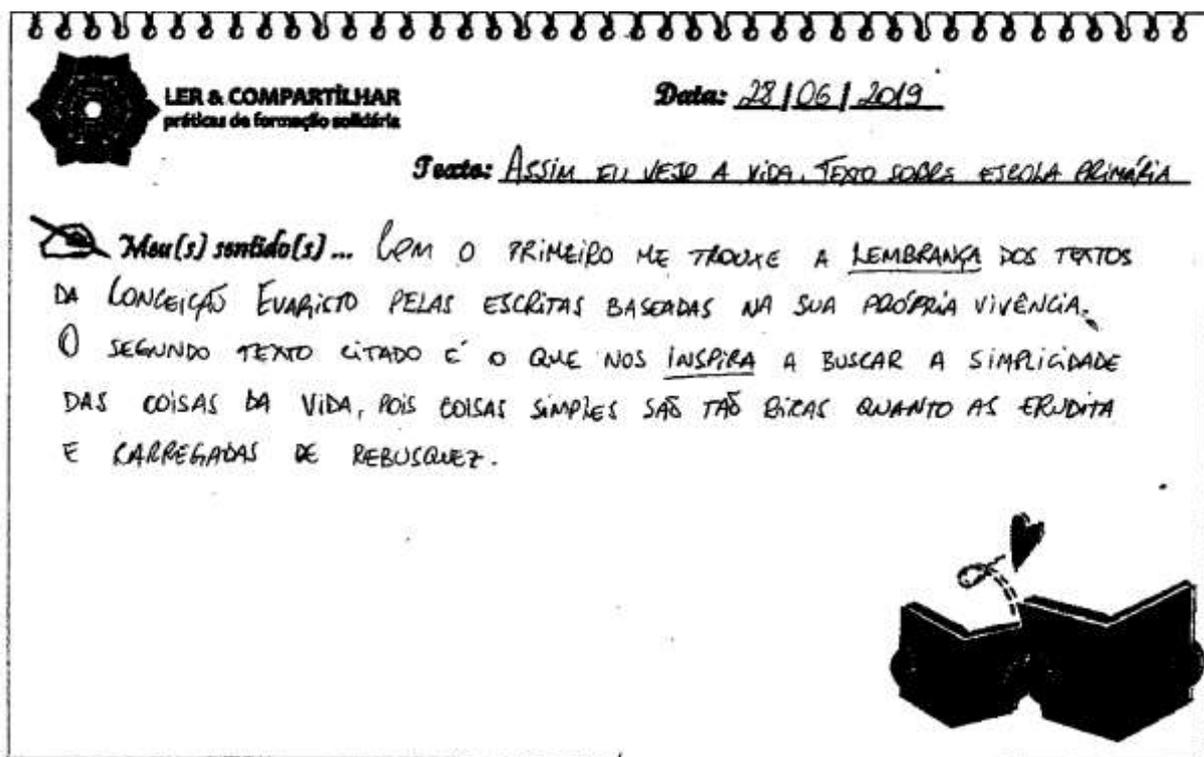


Figura 9 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante A, 2019.1)

Legenda: Com o primeiro me trouxe a lembrança dos textos de Conceição Evaristo pelas escritas baseadas na sua própria vivência. O segundo texto citado é o que nos inspira a buscar a simplicidade das coisas da vida, pois coisas simples são tão ricas quanto as eruditas e carregadas de rebusquez.

Não demorou muito e, um estudante (*in memoriam*⁴⁰) que sempre andava com seu violão, ecoou sua voz e pediu para cantarmos com ele a canção *Maria, Maria*, de Milton Nascimento e Fernando Brant:

³⁸ Nos seus estudos em Literatura, Evaristo criou o termo *escrevivência* no sentido de unir a escrita com as vivências. Ou seja, a escrita do cotidiano, das memórias e da suas experiências de vida.

³⁹ O vídeo pode ser encontrado em < <https://www.youtube.com/watch?v=zSECOdMGHzM>>. Acesso em 12/05/2021.

⁴⁰ Este estudante sempre participativo e querido pelas/os professoras/es e colegas de turma veio a falecer, vítima de Covid-19 em Maio de 2021.

*Maria, Maria, é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta*

*Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta*

*Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria*

*Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca possui
A estranha mania de ter fé na vida.*

Musicalidade – o princípio que cultua a arte de cantar, dançar e sorrir numa troca mútua e potencializadora do patrimônio cultural, da música popular (TRINDADE, 2006). O atravessamento entre poesia, vida e canto vinculado(s), numa rede de conexões entre as narrativas de Cora e Evaristo e as vozes presentes.



Figura 10 – Estudante cantando e encantando todas/os no Círculo de Leitura (Cora Coralina)

Cooperatividade – a participação coletiva nas falas e na música relembram o viver em comunidade da matriz africana, relacionado à expansão e recriação de saberes, abraçando a cultura plural e a diversidade (TRINDADE, 2006), até mesmo aliada com Portugal, conforme a narrativa da/do *Estudante B* (2019.1), abaixo.

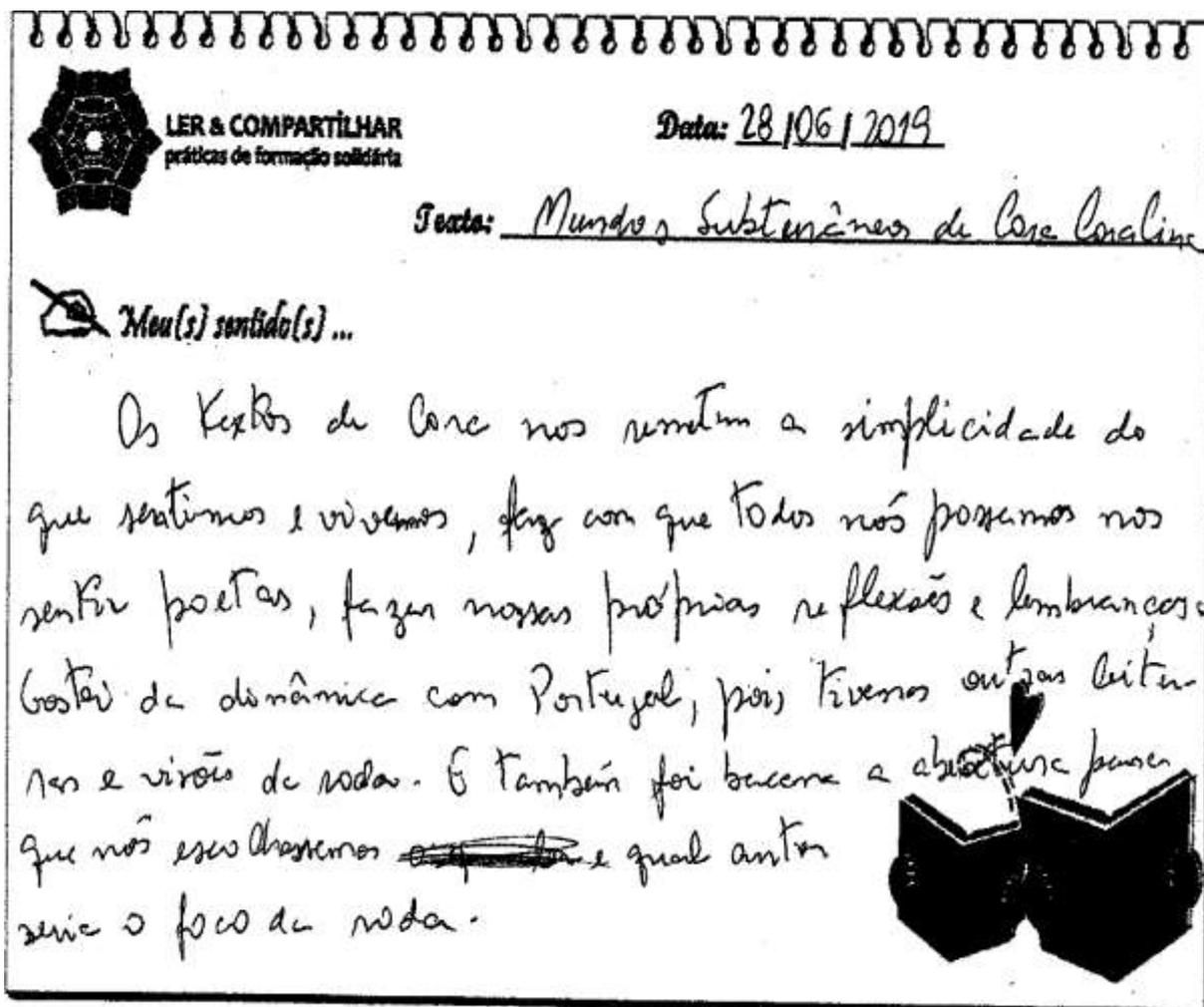


Figura 11 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante B, 2019.1)

Legenda: Os textos de Cora nos remetem a simplicidade do que sentimos e vivemos, faz com que todos nós possamos nos sentir poetas, fazer nossas próprias reflexões e lembranças. Gostei da dinâmica com Portugal, pois tivemos outras leituras e visões de roda. E também foi bacana a abertura para que nós escolhêssemos qual autor seria o foco da roda.

Ludicidade – apesar da derradeira realidade, as linhas poéticas evocam a celebração, a autoria, o brincar infantil e o prazer cultivado pelo desejo de aprender (idem, 2006), como na música cantada e nos simples versos de Cora, vibrando o resgate da fé no viver, da potência e superação pessoal fortalecida no (com)partilhar, juntas/os.

Nessa junção entre presenças, ações e canções, a *corporalidade* descarta a racionalidade e quaisquer formas de imposição e alienação dos corpos, pulsando o instante com existências inteiras e atuantes, sejam nas lembranças escritas (como a da/do *Estudante C / 2019.1*), sejam nas faladas e dançadas por um corpo no comunicar e chocar com outros corpos (TRINDADE, 2006), desconstruindo iniciativas e leituras solitárias.

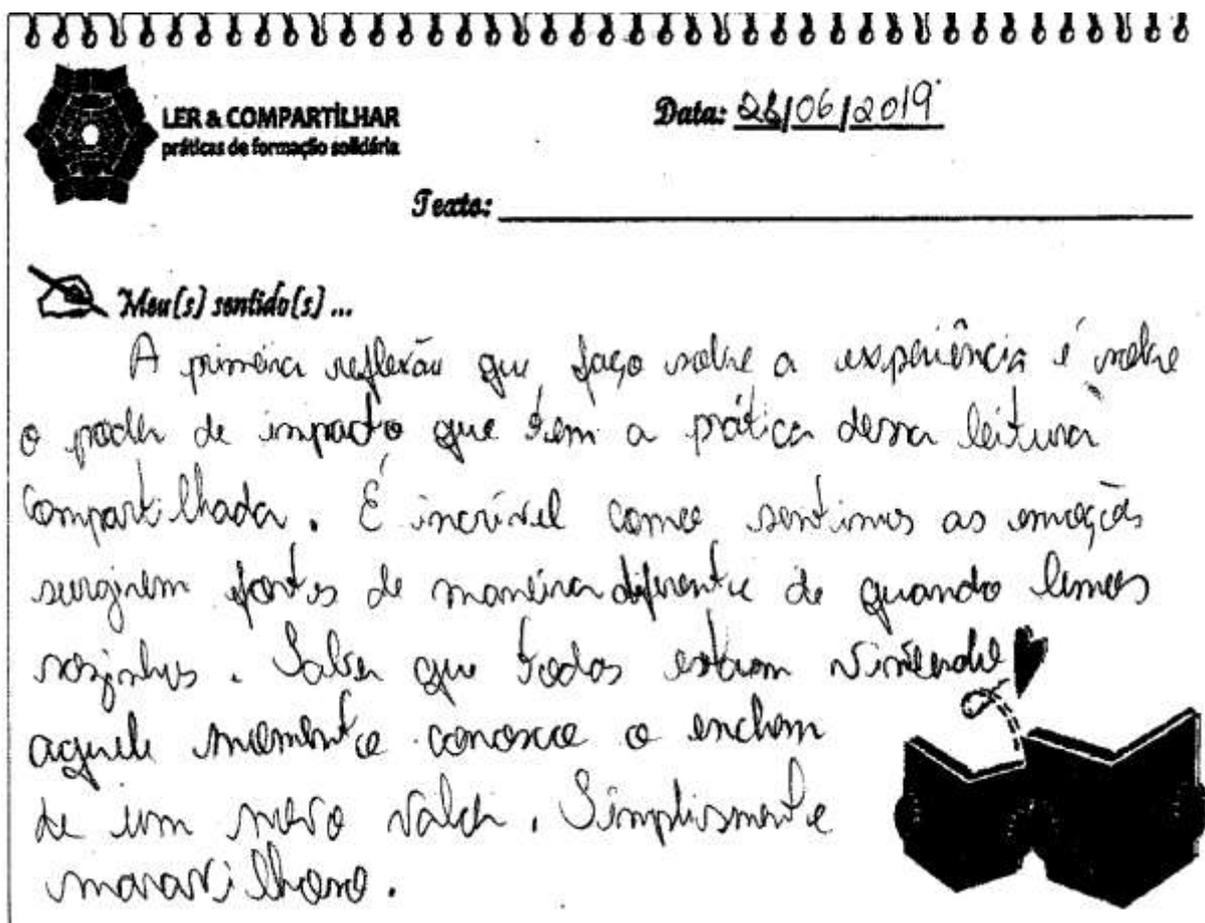


Figura 12 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante C, 2019.1)

Legenda: A primeira reflexão que faço sobre a experiência é sobre o poder de impacto que vem a prática dessa leitura compartilhada. É incrível como sentimos as emoções surgirem fortes de maneira diferente de quando lemos sozinhos. Saber que todos estão vivendo aquele momento conosco enchem de um novo valor. Simplesmente maravilhoso.

Oralidade – valorização da expressão oral, retomando costumes ancestrais alicerçados na contação de histórias e na afirmação de independência. A palavra-ação *diálogo* inclui as diferentes falas, alertando para à posição de escuta ao outro como legítimo. Recupera a conversação e compartilhamento de experiências (TRINDADE, 2013; 2006).

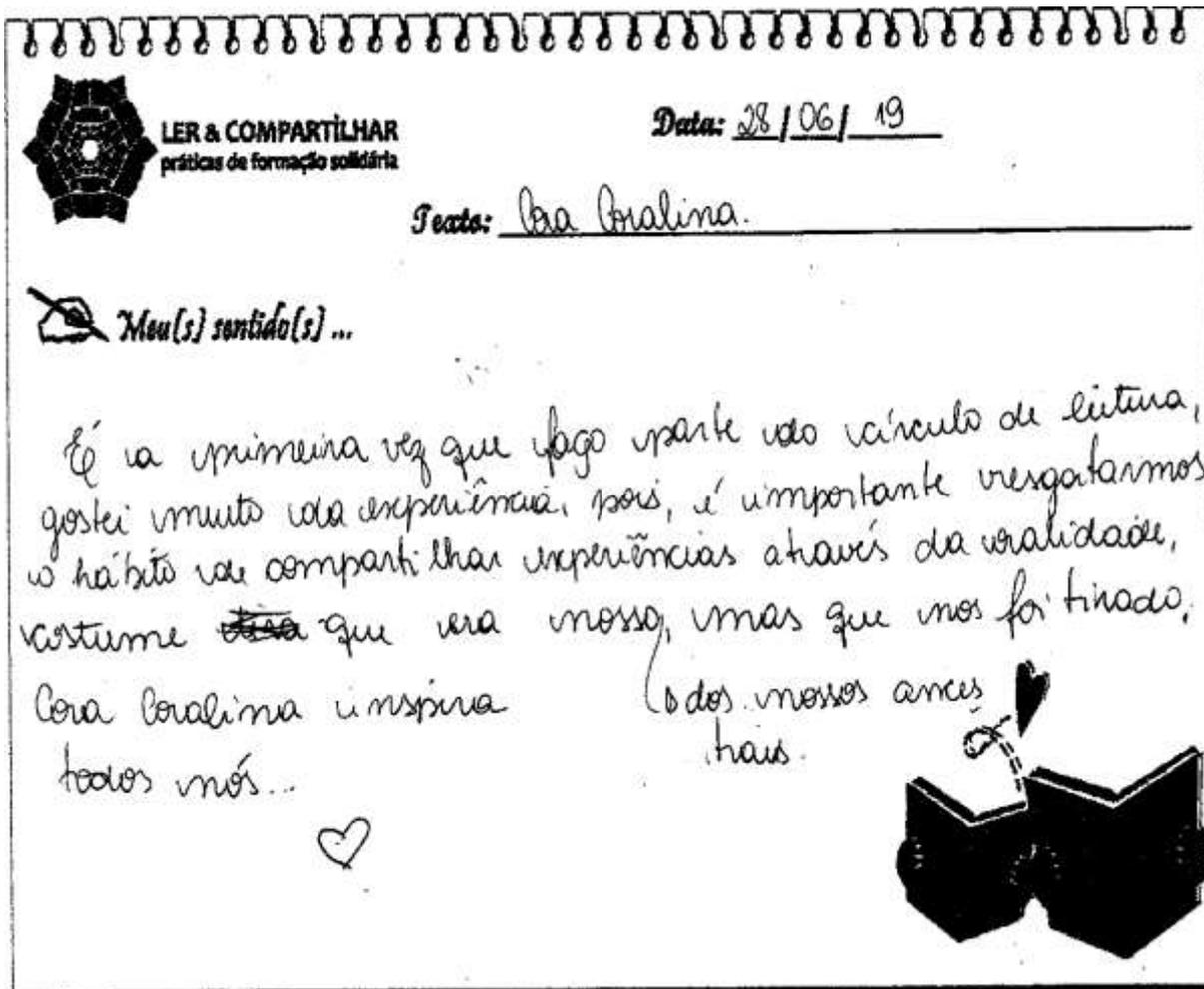


Figura 13 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante D, 2019.1)

Legenda: É a primeira vez que faço parte do círculo de leitura, gostei muito da experiência, pois, é importante resgatarmos o hábito de compartilhar experiências através da oralidade, costume que era nosso (dos nosso ancestrais), mas que nos foi tirado. Cora Coralina inspira todos nós.

Religiosidade – reconhecimento da vida como dom divino transcendental, um convite ao semear do cuidado de si e para com o outro, a atenção para a gentileza da saudação, do louvor e o redescobrir da paz, mergulhando nas alteridades e ultrapassando as barreiras impostas pela religião (TRINDADE, 2006). A criação regada pelo acolhimento ao subjetivo, à tessitura poética na liga com a imagética, como no *caligrama* a seguir – poema em desenho da/do *Estudante E (2019.1)*, conduzido pela memória, pelo jogo de palavras e seus fios singulares, quiçá, afetivos (AMORIM, 2003).



Figura 14 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante E, 2019.1)

As pistas e palavras do instante experimentado me mobilizam ao pensamento filosófico educativo necessário de *indisciplinar as disciplinas* do curso universitário e a *desescolarização da escola* (LARROSA, 2015). Ao final do encontro, vi sorrisos no rosto e voltei para casa com a sensação do coração estar acalentado, quentinho, esperançoso com as múltiplas linguagens e possibilidades compartilhadas. A leitura e os livros, como escreve o mesmo autor, inspirado pelos acontecimentos na sua prática docente, têm potência de vida:

E o que acontece, o que me acontece, é que, quando sugiro ler algum desses livros, desses que me parecem dizer alguma coisa, me custa muitíssimo que se não se faça deles uma leitura escolar, que não sejam lidos como um texto informativo, explicador, opinador ou doutrinador, que não seja privado, em suma, de sua potência de vida. (LARROSA, 2015, p. 132).

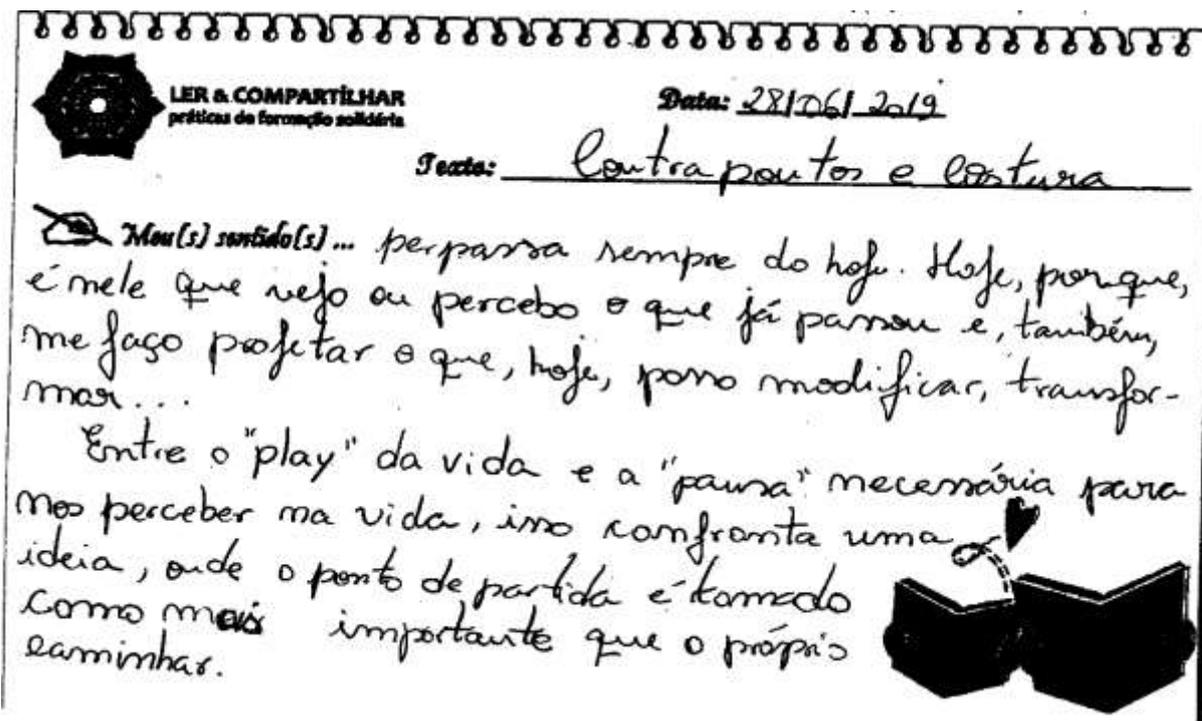


Figura 15 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante F, 2019.1)

Legenda: Perpassa sempre do hoje. Hoje, porque, é nele eu vejo ou percebo o que já passou e, também, me faço projetar o que, hoje, posso modificar, transformar... Entre o “play” da vida e “pausa” necessária para nos perceber na vida, isso confronta uma ideia, onde o ponto de partida é tomado como mais importante que o próprio caminhar.

Assim, me aproximo do princípio da *energia vital* – o *axé* que se irmana à *filosofia ubuntu*, sincronizando nossa existência integrada à natureza, pois o que é vivo e existe carrega vida. Aprofunda-se na amorosidade e no fluxo, no vigor do dia a dia, no desejo de (re)existir, de saber e saborear o presente (TRINDADE, 2006). Um dos versos lidos no roteiro subterrâneo e camponês de Cora, citado no sentido escrito da/do *Estudante F*, dizia: “O que vale na vida não é ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher”⁴¹.

A escolha de narrativas e palavras-vidas não teve um critério pré-estabelecido, apesar das/dos estudantes saberem da existência e terem consentido a participação delas/es na pesquisa e nos encontros em círculo. Quiçá, nos acontecimentos, as narrativas tenham me escolhido e pulsado no coração bons sentimentos... O final dessa colheita investigativa ainda não é visível e previsível, tampouco contada e regada apenas pelas assertividades e encantos. Mas, os conflitos e tensões demarcam erros e desencantos? E se essa trilha também tiver espinhos? Que invenções e transformações são possíveis no/com cotidiano da formação?

⁴¹ Esse trecho da fala da autora está disponível em: < <https://www.pensador.com/frase/MTA2Nw/> > Acesso em: 20/05/2021.

Saber é Amar – Composição de Arlindo Paixão (Mongol)⁴²

*Você não sabe o que será o amanhã
Por isso não deixe passar
Um abraço de um amigo
E se você ama não tem hora pra se dizer
Que tudo pode acontecer
Sem nenhum aviso
E não se envergonhe se aquela saudade bater
Você não precisa esconder
Deixa o pranto cair
E se engana quem pensa que choro é sinal de fraqueza
A lágrima é a beleza
Que não cabe em si
Não tem uma placa na vida que mostra o final
Se você não estiver atento
Não vai ver a vida passar
São pequenas coisas que fazem a felicidade
Que ficam guardadas no tempo
Pra a gente lembrar
A hora é agora da gente pedir a desculpa
Não importa de quem foi a culpa
Se a gente ama
Se tem uma chance não deixa ficar desse jeito
Queimando a amargura no peito
Apague essa chama
Se lembra de quando a gente era criança
Brigava e logo depois
Já ficava de bem
Não tem o porquê de não ser desse jeito de novo
Só se fica velho e mais bobo
Não melhor que ninguém
Se não tem palavras então basta dar um sorriso
Não mais do que isso é preciso
Pra recomeçar
A sabedoria não é o seu conhecimento
A gente conhece e não sente
Saber é amar.*

⁴² A música está disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=cWE5YTEloU8> > Acesso em: 27/05/2021.

3.2 DIÁLOGOS LUSO-BRASILEIROS: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS CULTURAIS

O que ainda conservo, isso sim, apesar de tudo, é o amor. O amor aos livros, o amor à vida e o amor, por que não dizê-lo, aos Jovens, aos que começam, aos que chegam às aulas universitárias com vontade de aprender, de ler, de escrever, de conversar, de pensar, com vontade de viver.

(Jorge Larrosa, 2015)

Nas sementes lançadas através dos caminhos até aqui percorridos e narrados pelo vivido, busquei memórias e jornadas no choque com a realidade e, ao mesmo tempo, o pulsar que renova a vontade de existir, de mudar, de transformar. Recordo mais uma vez a época em que cursei Pedagogia, e principalmente, o momento investigativo da monografia. Estava inquieta pelo fato de ter experimentado raras vezes o diálogo dos artigos científicos lidos nas disciplinas com textos literários, mesmo quando questionei a presença deles no instante da aula.

Ao conviver, ler e participar da organização dos círculos de leitura fui lançando de mão algumas certezas e verdades, até então, absolutas e inquestionáveis. Porém, ao aprender, *dando-me conta* (SKLIAR, 2019), percebo que alguns desses alicerces ainda habitavam, e talvez, ainda habitem em mim. Sejam na acomodação submetida no não posicionamento, no silenciamento e não apenas, na timidez. Sejam por ter me familiarizado e respaldado com a prática-teoria e dinâmica do próprio círculo no decorrer dos anos vividos até o Mestrado.

Quando comecei a frequentar as turmas de *Alfabetização, Leitura e Escrita* em 2019, houve sim, estranhamentos inegáveis no deparar-me com infinitas e múltiplas possibilidades e complexidades do cotidiano formativo. Senti a necessidade de sair da caixa e me abrir para as novidades, até no não saber captar com riqueza de detalhes nas anotações de campo, na escuta e no olhar, o que ocorria à volta e me ocorria.

A vista expandiu e também contraiu. Assim como as/os estudantes, notei-me ainda e sempre aprendiz, mas na inconstância e perseverança. Escutei e questionei junto:

- “Encontro com Açores no meio da aula?”, “Por quê?”.

Quiçá, para viver... Então vivi e tinha a sensação de não dar conta, ainda que estivesse dando-me conta no processo, no semear, no próprio indagar e estranhar.

- Afinal, que conversas são possibilitadas entre a Literatura Portuguesa e a Brasileira, sem abandonar as Africanas?

Viajo nas tessituras da memória e volto para o Encontro Luso-Brasileiro no dia 09 de Outubro de 2019. Diferentemente do círculo, o Clube de Leitura pautava-se na proposta de divulgar pela internet sugestões, resenhas e sinopses de obras, com o intuito de nutrir a curiosidade e o desejo por conhecer e ler outros textos. Como também, favorecer a interação nos espaços deixados para comentários, dúvidas e recomendações.

Silvia, pesquisadora engajada nessa intenção com o apoio, orientação e encorajamento do Prof. Francisco e co-orientação da Prof^a Carmen, lançou-se a mudar as rotas do Clube, experienciando mesmo que à distância, o contato com as turmas (Vespertino e Noturno). Antes do dia marcado, incluía no site pequenos resumos e vídeos do livro escolhido previamente, para ser compartilhado e debatido.

Para o encontro de Outubro/2019, inseriu no *Google Classroom* da turma dias antes da aula, o link⁴³ de acesso ao pequenino trecho introdutório que escreveu do Romance *Mau tempo no Canal* (1944), do autor Vitorino Nemésio. Em poucas linhas, Silvia retratou o cenário e contexto político da época e as belezas das pequenas Ilhas do Pico, Faial e São Jorge, de Açores, presentes nos muitos momentos da trama romancista.

Após as primeiras duas horas com conteúdos e conversas alfabetizadoras, eu e Carmen preparamos os equipamentos naquela tarde chuvosa do Rio de Janeiro, aparentando uma sintonia com as tempestades do enredo a ser lido. Lembro as dificuldades enfrentadas cada vez que tínhamos transmissões online para projetar, por conta dos problemas e desafios com a infraestrutura da UNIRIO (computador, data show, caixa de som, conexão, etc.).

Nesse resistir, vivemos o encontro com a chegada cortês de Silvia e a tessitura de comentários e curiosidades acerca de sua terra natal, alinhados/as à obra: Margarida, personagem principal, era uma mulher jovem e apaixonada pelo João Garcia, também jovem, mas sem poder aquisitivo. Num passado não tão distante, as famílias casavam as sobrinhas para evitarem a falência e manterem a honra e aparência perante a sociedade portuguesa.

Apesar dos obstáculos e temporais ilustrados, corajosamente Margarida encontrava seu amado. Mas, sofrendo repressão por parte de sua família que era rival à família de João. Consequentemente, recebeu a obrigação de casar-se com seu tio mais velho, numa série de angústias financeiras também enfrentadas e os desejos impossibilitados de ser livre, atuante, feliz e responsável por seu sustento.

⁴³ Link de acesso à dados da obra no Clube de Leitura Online, disponível em < <https://clubra.club/inicio/?q=node/57> > Acesso em: 27/05/2021.



Figura 16 – Encontro Luso-Brasileiro com Silvia

Portanto, após as falas de Silvia, as/os estudantes que estavam à vontade, trouxeram conversas e atravessamentos, como: “Me chamou atenção o comportamento de Margarida ao que lhe era imposto. Ela fazia da sua fragilidade, uma força para seguir e existir. Mesmo sofrendo e tendo que casar com quem não amava”. Essa lembrança convoca novamente à poesia de Upile Chisala (2020) que me/nos diz:

*Eu ainda estou aprendendo a fazer uma língua da minha dor,
a escrever tudo o que dói.
Eu ainda estou ensinando ao meu lado frágil
e ao meu lado forte
que eles podem coexistir.*

Diante das dores, potências e denúncias nada ilusórias que a arte neste encontro ecoou, Silvia deixou uma pergunta para a turma desenvolver. Pensei: “Tarefa?”; “Interpretação de texto?”; “Perguntas e respostas?”; “Pergunta direcionada?”; “Atividade para casa?”. No círculo de leitura caminhamos na fluidez de deixar em aberto, ainda que o silêncio muitas vezes tenha se manifestado... Fiquei chocada inicialmente e não percebia os desdobramentos que poderiam ser criados.

Construir a pesquisa e por ela, me desconstruir e reconstruir, entre fissuras e autoquestionamentos, possibilita o repensar da própria prática docente. Nas entrelinhas, estudando, convido Cecilia Bajour (2012) para esta *conversa*ção:

É um exercício estimulante esboçar perguntas que instiguem a discussão sobre os livros: nessa prática, relemos nossas próprias teorias sobre esses livros e achamos possíveis modos de destacar aquilo que nos interessa que os leitores carreguem consigo como conhecimento ou como pergunta. (BAJOUR, 2012, p. 28).

A intenção de Silvia, a meu ver, não era uma atividade obrigatória, mas opcional para expandir o diálogo que se limitava pelo tempo e distância entre países e culturas. Neste atravessar, perpasso mais uma vez a língua da arte, a língua de um corpo com outros corpos, a língua que se equivoca, que brinca, que arrisca, que desequilibra e instabiliza, sem previsão de antemão (SKLIAR, 2019). No *Classroom* da turma, ela perguntou:

- Como seria o romance e todo o seu enredo, pensando nos dias de hoje?

Em minha opinião, contaria a história de dois homens que se apaixonaram em um momento de passeatas, rebeliões, de uma conjuntura política conturbada em que o Brasil vive. Um, de família burguesa, era a favor de algumas propostas do atual Presidente, já que este, de nada afetava o trabalho de seus pais e, com isso, seu status social. O outro, de uma família de classe baixa, era contra as propostas deste, já que estava vendo toda sua conquista indo embora, com os cortes de verba das Universidades públicas.

O que os dois não esperavam, é que teriam que lutar e aprender a conviver com suas divergências, mesmo que toda sociedade achasse impossível esse romance dar certo.

(Narrativa Escrita extraída do Classroom, Estudante A, 2019.2)

Se esse romance acontecesse nos dias atuais, tenho minhas dúvidas se assim não o fariam da mesma forma. Apesar de os pensamentos terem evoluído em muitas questões, quando se trata de dinheiro, não há muita evolução, pois há uma inclinação a se querer sempre mais. Hoje em dia quase não se vê mais casamentos arranjados, no entanto, vemos a ambição se expandindo, e com isso, mais vale se casar por dinheiro do que por amor. O amor em todos os sentidos está sendo banalizado, ou melhor, está em segundo plano, as pessoas se tornaram muito mais egoístas pensando em si próprias. O que vê, é uma busca incansável pelo sucesso e pelo dinheiro. Para avaliar se a atitude de uma pessoa nas mesmas condições de Margarida seria diferente, deveria se levar em conta vários fatores como: educação, visão de mundo, caráter, visão social e outras coisas mais e só assim concluir se o final seria diferente do que foi “Mau tempo no Canal”. Somente o caráter da pessoa revelaria sua atitude e os motivos de tomar tal decisão. Seus conceitos e crenças em relação à família e o significado que atribuem a ela.

(Narrativa Escrita extraída do Classroom, Estudante B, 2019.2)

Margarida é uma jovem nascida e criada na zonal sul do Rio de Janeiro. Filha de um político influente e conservador, vive confinada neste Universo antiquado e é constantemente vigiada pela família. Apesar do convívio com outros contextos e recortes sociais dentro da Universidade, existe uma retração e medo de romper essa fortaleza em que cresceu.

João estuda na mesma sala que Margarida, porém pertence a outro estrato social. Filho de um ex- operário que ascendeu socialmente devido às leis de incentivo de antigos governos progressistas, apoia movimentos pela luta de classes e é coordenador do Movimento Estudantil Antifascista da faculdade.

A conjuntura política no país e no estado está bastante delicada. Há forte movimentação da oposição nas ruas, onde João está muitas vezes a frente. Margarida assiste de sua casa as tensões diárias, e ouve calada as antiquadas e preconceituosas falas de seus pais, que não incentivam a autonomia e independência da filha e não possuem o menor senso de alteridade e consciência de classe.

Dentro da Universidade Margarida busca escutar e refletir sobre outras perspectivas. Em busca dessa emancipação, a jovem busca João e lhe relata sobre sua experiência limitante dentro de casa e de sua vida. É a partir deste contato que nasce entre os dois uma grande paixão, onde existe respeito às diferenças e ao desejo de conhecimento e subversão.

No entanto, a relação entre os dois passa a demandar novos posicionamentos de Margarida, que vive diversos conflitos internos entre ir contra tudo que cresceu escutando e acreditando e os discursos e práticas progressistas de João, os quais ela estava cada vez mais aprofundada e envolvida.

(Narrativa Escrita extraída do Classroom, Estudante C, 2019.2)

As narrativas transportam-me ao vaivém do passado com o presente, alinhavando emaranhados e memórias... No encontro de Cora Coralina enveredado também nas escrevivências de Conceição Evaristo, um estudante dialogou: “Existem forças nas obras das autoras, mas, forças que não estão associadas à masculinidade”. O que me mobiliza a desejar junto com a liberdade crítica, sensível e criativa das/dos *Estudantes A, B e C (2019.2)* a subversão dos autoritarismos, sexismos e relações de poder presentes. Mesmo que a literatura apresente cunhos ficcionais como o de *Mau tempo no Canal*, talvez, nem sempre seja, pois carrega questões, marcos e marcas da realidade social.

Questionamentos entre versos e vozes são levantados. Uma pergunta conduz à estrada com outras perguntas. Uma narrativa se inscreve e atreve com outras narrativas. Uma leitura convida à outras leituras. Um desvio encoraja outros redirecionamentos. Um sentimento provoca outros sentimentos. Se “educar é um ato amoroso” (KOHAN, 2019, p. 123), que ações e projetos temos plantado?

Vejo o desafio em mim encarnado e permeado nesta escrita, indagando: Que entrelaçamentos podem existir na obra compartilhada pelo Clube de Leitura com os textos que lemos nos Círculos de Leitura?

Num encontro posterior ao de Açores, no dia 04 de Dezembro de 2019, estive à frente círculo *Ler e Compartilhar* com a Yasmim, também na turma de *Alfabetização, leitura e escrita* (vespertino), realizando a leitura de textos angolanos e escritas de mulheres negras, feministas. Na ocasião, três estudantes falaram abertamente na roda, desabafando situações vividas no âmbito familiar, como: o acúmulo de tarefas e responsabilidades no lar apenas para

quem é mulher. Em seguida, um estudante, único homem presente, começou a tecer comentários: “Tive a felicidade de ter sido criado por mulheres e de hoje, perceber na fala de meu filho alguns traços machistas que me incomodam”.

O silêncio pairou na sala. E, eu não entendia o motivo de outras mulheres não se posicionarem, principalmente as estudantes que participavam e se engajavam no coletivo estudantil negro. Até porque, a leitura do roteiro com autoras negras, como: Conceição Evaristo, bell hooks e Chimamanda Adichie foi sugerida por elas no início do semestre. A conversação em si não fluiu e, confesso ter ficado desapontada, inquieta, sem saber ao certo como proceder.

No/com o cotidiano da formação, assumo riscos, desconstruindo a utopia da perfeição. Sinto os impactos e repenso. Não os consigo prever, nem traduzir, e mesmo assim, continuo na mudança, no explorar, no agir, no equivococar, no desconstruir. bell hooks (2017) me ajuda a refletir ao dizer que a educação libertadora é aquela onde as pessoas tomam posse dos saberes e se colocam à disposição para praticá-los, como um trabalho de plantação.

Nesta ação, segui apostando nas narrativas escritas, na expansão e, sobretudo, na *desordem dos sentidos* (SKLIAR, 2019):

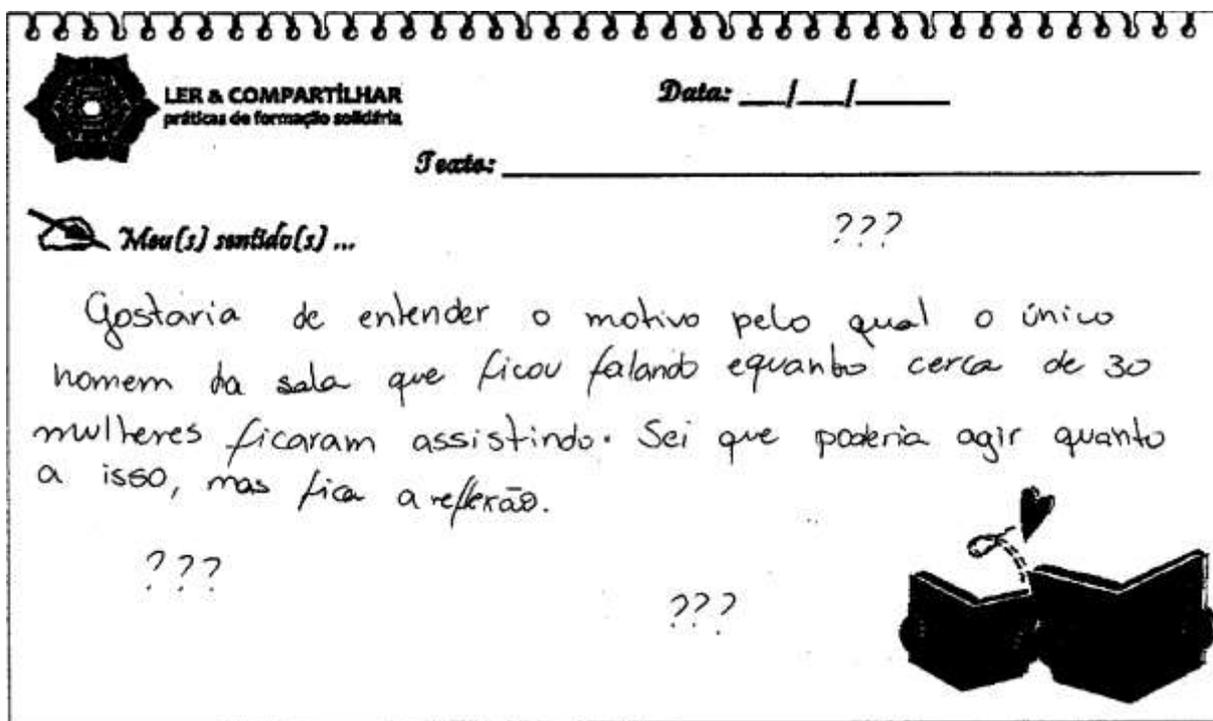


Figura 17 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante D, 2019.2)

Legenda: Gostaria de entender o motivo pelo qual o único homem da sala ficou falando enquanto cerca de 30 mulheres ficaram assistindo. Sei que poderia agir quanto a isso, mas fica a reflexão.

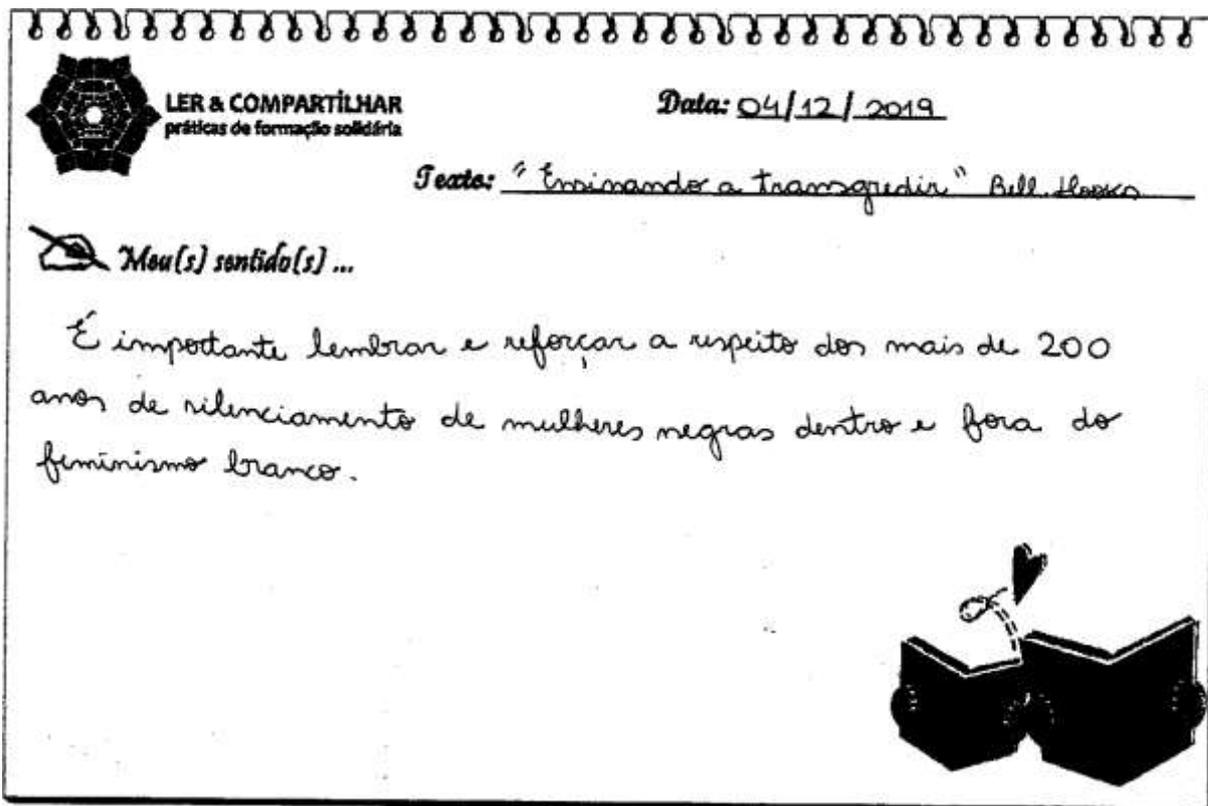


Figura 18 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante E, 2019.2)

Legenda: É importante lembrar e reforçar a respeito dos mais de 200 anos de silenciamento de mulheres negras dentro e fora do feminismo branco.

Ao me deparar as narrativas das *Estudantes D e E / 2019.2*, senti que estava sendo convidada a repensar um pouco mais a prática docente. Entre conflitos e indagações internas, refleti: “Se tivesse pedido para alguma participante ler o roteiro, será que o encontro teria outros desdobramentos?”, “E se eu parasse a posição da escuta por um momento e tecesse comentários ou perguntas entre as falas?”, “E se nesse dia o círculo fosse realizado com a presença de uma mulher negra?”. Nas aberturas para as possibilidades, ações, como também, passividades, Ribeiro & Sampaio (2020) afirmam:

Sim, as narrativas nos ensinam: ser é sendo; formar-se é formando-se; um horizonte sempre um pouco mais além cujo percurso não podemos fazer sem x outro, sem a presença incômoda e indigesta da alteridade radical, daqueles que destoam de nós em demasia, daqueles corpos com os quais não temos repertórios nem experiências prévias, que nos emudecem, põem em dúvida ou fazem ruir em pedaços nossas convicções: a formação não é algo solitário nem uma ação individual; tem um quê de pessoal, singular, único. (RIBEIRO; SAMPAIO, 2020, p.213).

 **LER & COMPARTILHAR**
práticas de formação solidária

Data: 04/12/2019

Tema: Para Educar Brancas Feministas (Chimam da Ngozi)

 Meu(s) sentido(s) ...

Destaco a frase Ensine-a a ler ... Os livros vão ajudá-la a entender e questionar o mundo, vão ajudá-la a se expressar. Vão ajudá-la em tudo o que ela quiser ser.

Achei muito importante, pois a educação, a leitura são ferramentas para se alcançar a consciência crítica, sem questionamentos, o ser humano torna-se passivo aceitando coisas e situações, que muitas vezes rejeita. Principalmente a mulher, num mundo tão machista.



Figura 19 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante F, 2019.2)

Legenda: Destaco a frase Ensine-a a ler... Os livros vão ajudá-la a entender e questionar o mundo, vão ajudá-la a se expressar. Vão ajudá-la em tudo o que quiser ser. Achei muito importante, pois a educação, a leitura são ferramentas para se alcançar a consciência crítica, sem questionamentos, o ser humano torna-se passivo aceitando coisas e situações, que muitas vezes rejeita. Principalmente a mulher, num mundo tão machista.

 **LER & COMPARTILHAR**
práticas de formação solidária

Data: 04/12/19

Tema: Sejamos Todos Feministas.

 Meu(s) sentido(s) ...

Acredito necessário uma conscientização das nossas crianças, para que elas rompam com esse machismo e saibam respeitar a cada um em sua individualidade seja homem, seja mulher, sabendo que não há superioridade, mas sim, igualdade.



Figura 20 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante G, 2019.2)

Legenda: Acredito necessário uma conscientização das nossas crianças, para que elas rompam com esse machismo e saibam respeitar a cada um em sua individualidade. Seja homem, seja mulher, sabendo que não há superioridade, mas sim, igualdade.

No roteiro lido e nas narrativas anteriores das/dos *Estudantes F e G (2019.2)* havia/há reflexões inspiradas nos trechos de Chimamanda Adichie em *Para Educar Crianças Feministas: um manifesto* (2017) e *Sejamos todos feministas* (2015). A autora me/nos convoca a questionar as estruturas pré-estabelecidas nas famílias, nas instituições que estão imersas na sociedade patriarcal e capitalista. Questiona a razão que oprime o sentimento, denuncia a maneira como as mulheres são subjugadas, coloca em pauta o caráter fundamental dos livros na constituição de si, inclusive na desmistificação da linguagem engessada por preconceitos que tornam mais difícil a sobrevivência num mundo repleto de diferenças.

Assim, percebo as formas de dominação da linguagem associada ao poder, ao homem que comumente tem abertura para falar e ser escutado, como também, às mulheres negras que sofrem na pele o silenciamento, o racismo e muitas vezes escutam pessoas brancas abordando assuntos e estudos relacionados à negritude. Carlos Skliar (2019) num gesto educativo e político, me/nos diz:

A linguagem da educação que queremos é aquela da amizade, da igualdade, do fraterno, da singularidade e da multiplicidade: a manifestação extrema do estar-junto que não admite cognição e nem autoritarismo; uma relação essencial onde o gesto de conhecer não é apenas uma opção entre várias, senão a própria vontade de renunciar ao conhecer, de declinar, de interpretar, traduzir ou explicar; uma relação, então, em que a voz de um e de outro se escutam mutuamente. (SKLIAR, 2019, p.54).

Vozes escritas, vozes oralizadas, vozes ditas, o importante é que elas sejam ouvidas. Não significa oferecer oportunidade, mas viver atentamente e escutar as presenças com intensidade. Nos versos do romance português, nos textos brasileiros e africanos, culturas foram cultuadas e narrativas-vidas, recriadas. Entre equívocos e instabilidades, na (re)descoberta errante e pulsante da jornada formativa, mais do que querer conectar conversas, é necessário compreender e enfrentar a divergência provocada por elas.

Literaturas denunciam a limitação vivida por mulheres no século passado numa transposição do presente, não muito diferente. E, mesmo com o tempo que não volta e parece se repetir, singularidades são oprimidas e as diferenças deveriam/devem nos unir. Que educação tenho/temos reproduzido? Que Universidade desejo/desejamos habitar?



Figura 21 – CCH/UNIRIO (Arquivo Pessoal)

Poema que escrevi em 14/05/2020:

*No fundo eu sabia
 A saudade que sentiria
 Sendo noite, tarde ou dia
 Com pressa ou na calma
 Fotografias e vídeos em cada detalhe do vivido
 Agora, ainda mais repletas/os de sentido
 Que bom ter captado
 Ótimo ter esse achado
 E poder valorizar aquilo que merece ser lembrado
 Vivência tão singular
 E sensível de quem aprende a amar
 E a ver cada possibilidade como experiência
 Hoje, a transformando em escrevivência (com licença poética, Conceição)
 Viva a existência
 Viva a ciência
 Um viva pro Rio
 Com sua incoerência e coerência
 Viva a UNIRIO!*

3.3 RACISMO INSTITUCIONAL EM QUESTÃO: NARRATIVAS QUE ANUNCIAM E DENUNCIAM

*porque vivem
num mundo racista
pessoas que não são negras
crescem com preconceito
ensinam a todos nós
que o mais claro é o certo*

- ruína

(Rupi Kaur, 2020)

Ao experienciar e alinhar os fios da pesquisa, no processo de retomada do diálogo com as diferenças, lembro-me do dia 26 de Abril de 2019: primeiro encontro em círculo na turma de *Alfabetização, Leitura e Escrita* (2019.1), numa noite fresca de Outono. Yasmim, eu e a professora Marcela previamente selecionamos um roteiro a ser conversado, lido e degustado, com textos de Conceição Evaristo, Arnaldo Santos (autor Angolano) e Luís Carlos Patraquim (autor Moçambicano).

Em semi-círculo por conta das mesas redondas que habitavam a sala de aula, Carmen pediu para que as carteiras estivessem mais próximas, formando uma roda. Nas presenças de nossos corpos com outros corpos, realizamos a leitura oralizada. Entre levantadas de sobrancelhas, os olhares demonstravam dúvidas. “Acreditamos, há muito, que a partilha da palavra e o exercício da igualdade ampliam nossas possibilidades de estranhamento, de aprendizagem e transformação.” (SAMPAIO; RIBEIRO; VENÂNCIO, 2017, p. 29).

No ressoar de vozes, as/os estudantes relataram que não conheciam as palavras “Kinaxixe”⁴⁴ e “Gajaja”⁴⁵, do conto *A menina Vitória* (1981). Como suporte e intenção de trazer curiosidades, preparamos um glossário com as palavras de cultura popular africanas, elencadas nos textos. Mediante a escuta, fomos interagindo e compartilhando-as. Segundos seguintes, um estudante sensivelmente percebeu o incômodo com a linguagem e suas variações ritmadas, trazendo o calor da troca e da *musicalidade*.

- Então, narrou: “Fui decorando e só depois fui saber o que significava a letra. Essa letra conta a história de um pássaro, *Humbi Yange*, que voa alto”. Dizendo também – “coitado do pássaro que voa baixo. É um mantra, que é mais ou menos assim...”

⁴⁴ Bairro de Luanda, onde o escritor Arnaldo Santos nasceu. O autor faz referências ao bairro em muitas de suas obras.

⁴⁵ Fruto da Gajajeira (no Brasil, Cajazeira).

Humbi Humbi – Composição de Dodó Miranda⁴⁶

*Humbiumbi Yange Yele la Tuende
Kakele Katchimamba⁴⁷ Osala Posi*

*Humbiumbi Yange Yele la Tuende
Kakele Katchimamba Osala Posi*

*Makuenle Vayelega Yele la Tuende
Kakele Katchimamba Osala Posi*

*Makuenle Vayelega Yele la Tuende
Kakele Katchimamba Osala Posi*

Pássaro Pássaro

*Voa, voa, vamos embora
Coitada da kacimbamba*

*Voa, voa, vamos embora
Coitada da kacimbamba*

*Os outros voam Voa tu também, vamos embora
Coitada da kacimbamba*

*Os outros voam Voa tu também, vamos embora
Coitada da kacimbamba*

A música embalou a noite e me/nos atravessou, possibilitando a conexão com a oralidade ressaltada em *A menina Vitória*. O conto retrata a história de Gigi na turma de 3ª série com as/os colegas e a professora Vitória. O menino de pele negra, transferido no meio do ano para a escola “Pucha Beatas”, frequentemente ficava envergonhado ao trocar as letras, escrevendo e/ou falando em quimbundo⁴⁸. Além de ser motivo de chacota, recebia severas correções gramaticais no seu caderno, mesmo tentando decorar os adjetivos e artigos na língua colonizadora permitida. No trecho do ensaio *Eu e o outro – o invasor*, Manuel Rui (1987), indignado, confessa:

⁴⁶ Composição em Umbundu – uma das línguas nacionais de Angola em uso restrito (nas montanhas centrais). Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/dodo-miranda/humbi-humbi-traducao.html>>. Acesso em: 30/07/2021.

⁴⁷ Avestruz.

⁴⁸ Língua falada no noroeste de Angola, como também, na província de Luanda.

A partir daí comecei a pensar que tu não eras tu, mas outro, por me parecer difícil aceitar que da tua identidade fazia parte esse projeto de chegar e bombardear o meu texto. Mais tarde viria a constatar que detinhas mais outra arma poderosa além do canhão: a escrita. E que também sistematicamente no texto que fazias escrito inventavas destruir o meu texto ouvido e visto. Eu sou eu e a minha identidade nunca havia pensado integrando a destruição do que não me pertence.

Apesar da riqueza ancestral enraizada no continente africano, a norma exigida e valorizada é advinda da metrópole lusa. Tanto a língua falada quanto a escrita determinam quem são os sujeitos e sujeitados. Nessa trilha, Luiz Silva Cuti (2010) denuncia e amplia, revelando o papel da literatura: “[...] os argumentos da exclusão racista persistem para impedir a partilha do poder em um país étnica e racialmente plural. E a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação.” (CUTI, 2010, p. 13).

- Após o momento musical, a/o *Estudante H* (2019.1) narrou na *folha de sentidos*:

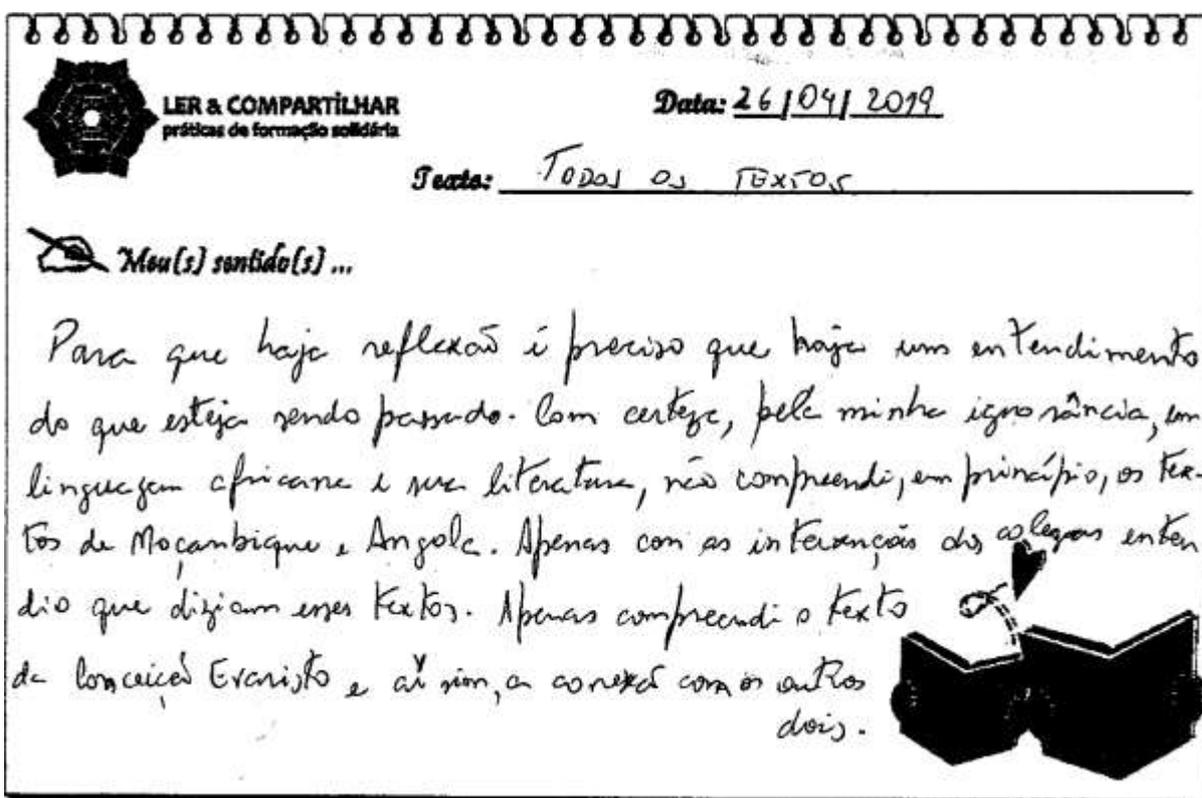


Figura 22 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante H, 2019.1)

Legenda: Para que haja reflexão é preciso que haja um entendimento do que esteja sendo passado. Com certeza, pela minha ignorância, em linguagem africana e sua literatura, não compreendi, em princípio, os termos de Moçambique e Angola. Apenas com as intervenções dos colegas entendi o que diziam esses textos. Apenas compreendi o texto de Conceição Evaristo e assim, a conexão com os outros dois.

A narrativa anterior me conduz a indagar: Temos lido no cotidiano da universidade somente textos e obras com linguagens referentes à norma culta e padrão? Precisamos ler apenas o que me/nos é conhecido e semelhante? Que intervenções podem ser realizadas em sala de aula, para além de glossários e traduções? Lembro que no decorrer da partilha de sentidos orais e escritos, Carmen retomou a conversa acerca da introdução e dos capítulos iniciais de bell hooks (2017), no livro *Ensinando a transgredir*.

- Ela falava acerca das questões: Por que lemos bell para pensar a *Alfabetização*? Por que realizamos círculos de leitura na disciplina de *Alfabetização*? Nas entrelinhas, declinando do traduzir e decodificar, pulsou no meu coração a alusão de hooks à profissão docente na proposta de uma pedagogia do engajamento e de interação com outras culturas, assim como, a leitura crítica e criativa, pautada no bem estar de cada um/a.

Repensando a linguagem e o *espaçotempo* educativo com vozes diversificadas, a autora me/nos ajuda, propondo:

[...] proponho que não necessariamente tenhamos de ouvir e conhecer tudo o que é dito, que não precisássemos ‘dominar’ ou conquistar a narrativa como um todo, que possamos conhecer em fragmentos. Proponho que possamos aprender não só com os espaços de fala, mas também com os espaços de silêncio; que, no ato de ouvir pacientemente outra língua, possamos subverter a cultura do frenesi e do consumo capitalistas que exigem que todos os desejos sejam satisfeitos imediatamente... (hooks, 2017, p. 232).

- Nesse caminhar, convoco Manuel Rui (1987) novamente:

Assim na minha oratura para além das estórias antigas na memória do tempo eu vou passar a incluir-te. Vou inventar novas histórias. Por exemplo o espantalho silencioso que coloco na lavra para os pássaros não me comerem com massambala⁴⁹ passa a ser o outro que não fazia parte do meu texto. [...] O texto são bocas negras na escrita quase redundam num mutismo sobre a folha branca. O texto oral tem vezes que só pode ser falado por alguns de nós. E há palavras que só alguns de nós podem ouvir. No escrito posso liquidar este código aglutinador. Outra arma secreta para combater o outro e impedir que ele me descodifique para depois me destruir.

Num ato mobilizador, rememoro os aspectos e as variantes da língua no próprio estilo oral africano. O arcabouço herdado pela *ancestralidade* em vocabulários e ritmos pode ser recriado a partir dos princípios de improvisação (interpretar e transmitir) e memorização, no movimento de recordar saberes e viveres anteriormente compartilhados (CALVET, 2006).

⁴⁹ Cereal parecido com milho, utilizado para alimentar aves, fazer pão e até mesmo, pasto.

Assim como nas cirandas e na arte ritualística de narrar *missosso* repleta de seu jogo teatral, os mantras e canções sofrem alterações na maneira de conta-los e canta-los, de acordo com o fragmento e contexto.

Logo, “a literatura oral é uma forma particular de tratar a herança cultural própria da tradição oral, que diz respeito à sociedade como um todo: a tradição oral engloba, portanto, a literatura oral, mas não poderia se limitar a ela.” (CALVET, 2006, p. 47). Ainda no enredar da trama *A menina Vitória* e principalmente, na partilha de sentidos orais em roda, transportados para a escrita, estudantes demonstraram o impacto no deparo com Gigi na ficção, não muito distante da realidade.

O menino, além de ser caçoado pelo vocabulário, era também desprezado por sua aparência física e pelas roupas que usava. Sua professora negra chamada Vitória passava pó branco no próprio rosto, apreciava e acariciava cabelos alourados das crianças brancas. Quando percebeu os traços e feições aos quais ignorava e não queria se ver e reconhecer, decidiu submeter Gigi à um teste que o destinou a sentar no fundo da sala, invisibilizado e não pertencente, como na sensação exposta pela/o *Estudante I* (2019.1).

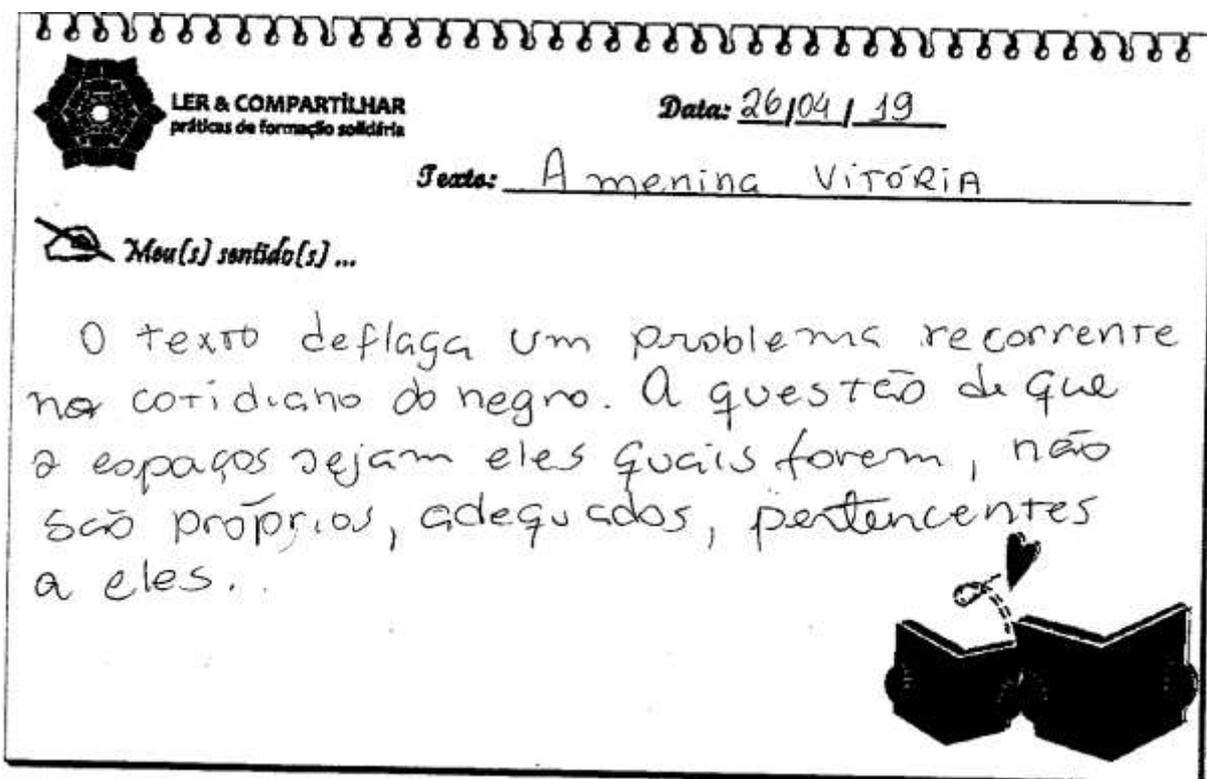


Figura 23 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante I, 2019.1)

Legenda: O texto deflaga um problema recorrente no cotidiano negro. A questão de que os espaços sejam eles quais forem, não são próprios, adequados, pertencentes a eles.

Ausentar e colocar às margens me parece uma forma de centralizar e demarcar a hegemonia branca em termos estruturais da sociedade, bem como, institucionais e cotidianos. A pele negra, associada à escravização e coisificação vem sendo negada de complexidade e humanização. Crenças, palavras, expressões e hábitos culturais sofrem folclorização, a qual, exotiza e esvazia possíveis conteúdos vivenciais de transformação (CUTI, 2010). No mesmo sentimento e reflexão, Grada Kilomba (2019) me/nos declara:

No racismo, corpos *negros* são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão ‘fora do lugar’ e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, “em casa”, corpos que sempre pertencem. (KILOMBA, 2019, p. 56).

- Semelhantemente à história de Gigi, a/o *Estudante J* (2019.1) recordou:

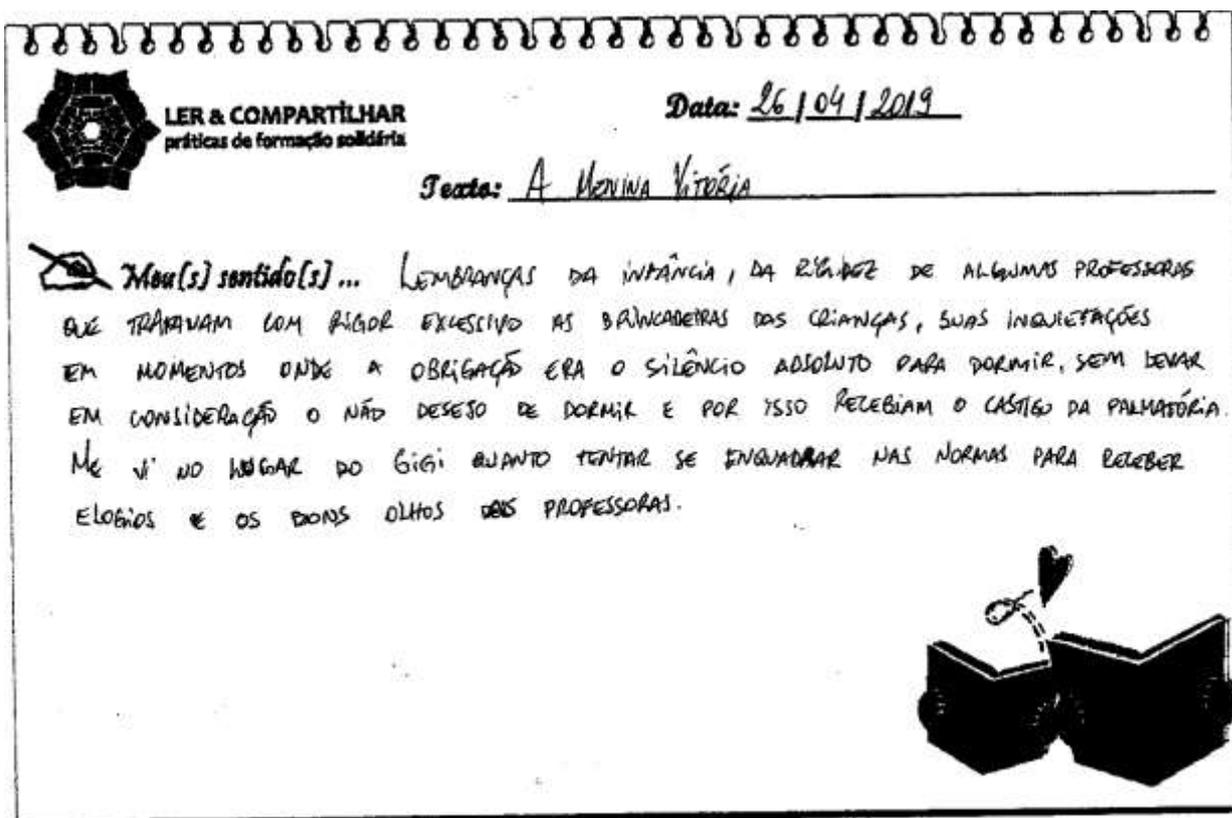


Figura 24 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante J, 2019.1)

Legenda: Lembranças da infância, da rigidez de algumas professoras que tratavam com rigor excessivo as brincadeiras das crianças, suas inquietações em momentos onde a obrigação era o silêncio absoluto para dormir, sem levar em consideração o não desejo de dormir e por isso recebiam o castigo da palmatória. Me vi no lugar do Gigi quanto a tentar se enquadrar nas normas para receber elogios e os bons olhos das professoras.

Em *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, bell hooks (2020) conta as experiências enfrentadas, principalmente no âmbito educativo. Através das situações as quais viveu, se dispôs a refletir com/na prática docente, criticando as imagens que são veiculadas na sociedade, incitando a violência. O que é tido como diferente, torna-se marginal e induz ao medo. Por isso, a ética amorosa se faz necessária numa sociedade de separação estereotipada, onde o amor é apresentado como ato de dominação.

A postura da professora de Gigi, assim como, a lembrança na narrativa da/do estudante conversam com a estrutura hierárquica de subserviência. A palmatória, seja na repreensão gramatical ou no silenciamento dos corpos na obediência, no bater, colocar no canto, esconder e oprimir, denota a representação construída de quem pertence ou não, de quem é aceita/o ou não, de quem é bela/o ou não, de quem aprisiona e é a/o aprisionada/o. Até no fato de não assumir e reconhecer a própria negritude. Cuti (2010), afirma:

Assim, é no corpo que tendemos a buscar a identidade imediata (empatia, desejo de aproximação, oferecimento do medo ao primeiro contato, etc.). A imagem é o mais importante elemento de decodificação do outro. E decodificamos o outro com o que aprendemos em nossa vida até o momento do contato. (CUTI, 2010, p.23-24).

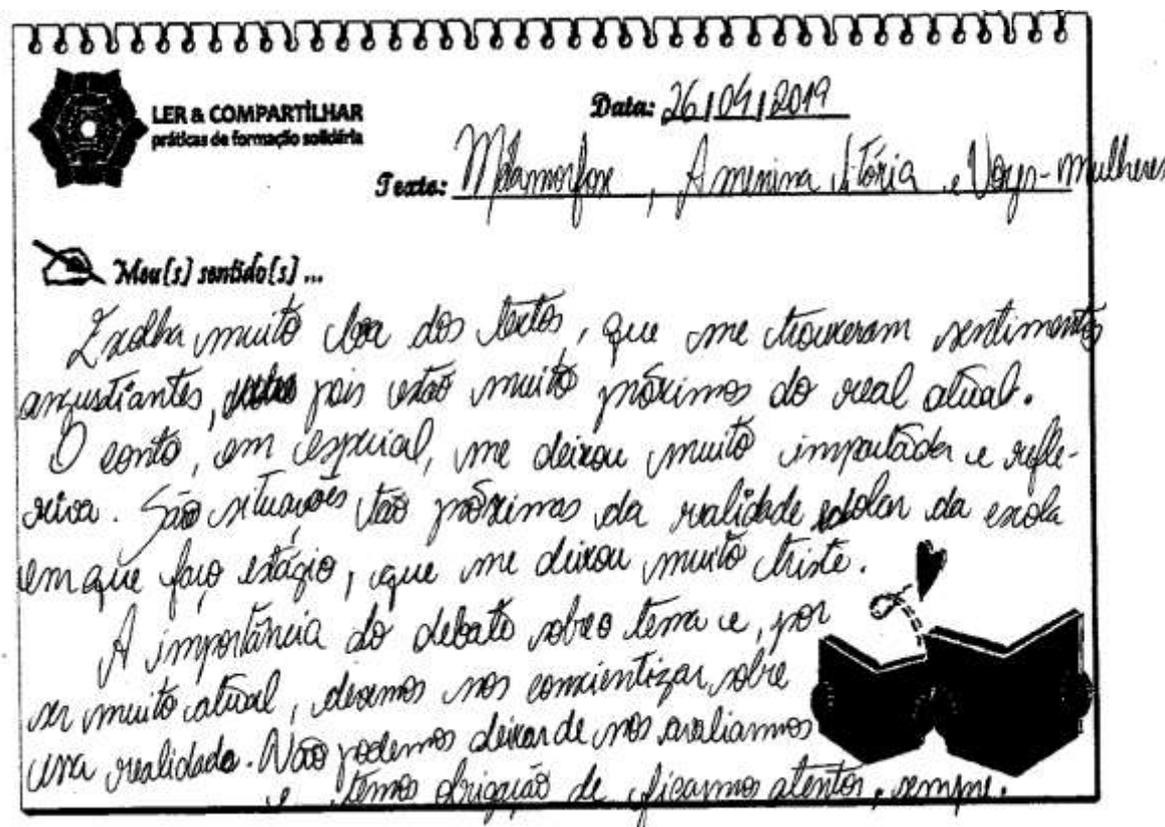


Figura 25 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante K, 2019.1)

Legenda: Escolha muito boa dos textos, que me trouxeram sentimentos angustiantes, pois estão muito próximos do real atual. O conto, em especial, me deixou muito impactada e reflexiva. São situações tão próximas da realidade escolar da escola em que faço estágio, que me deixou muito triste. A importância do debate sobre o tema e, por ser muito atual, devemos nos conscientizar sobre essa realidade. Não podemos deixar de nos avaliarmos e temos obrigação de ficarmos atentos, sempre.

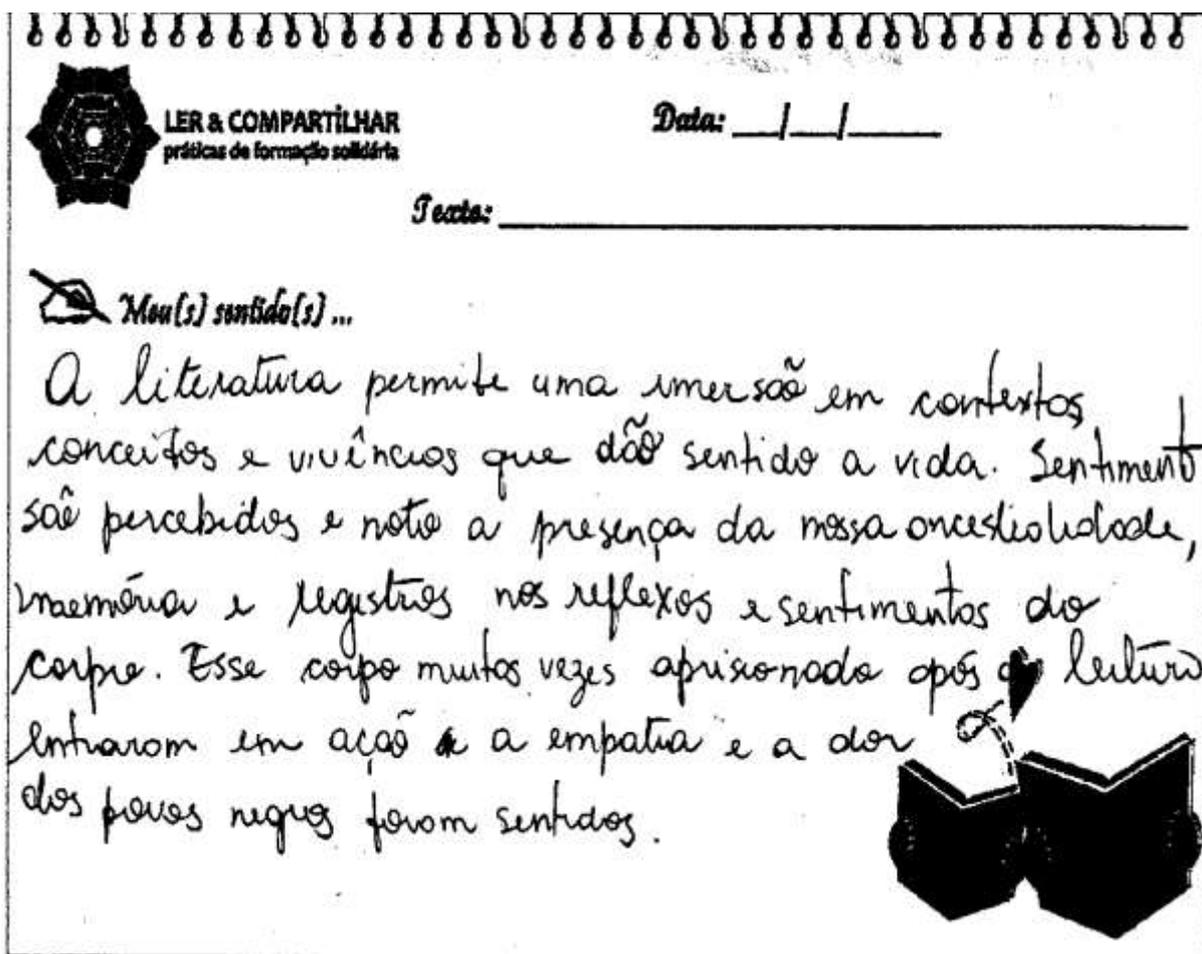


Figura 26 – Sentido Escrito (Narrativa – Estudante L, 2019.1)

Legenda: A literatura permite uma imersão em contextos, conceitos e vivências que dão sentido a vida. Sentimentos são percebidos e noto a presença da nossa ancestralidade, memórias e registros nos reflexos e sentimentos do corpo. Esse corpo muitas vezes aprisionado após a leitura entraram em ação, a empatia e a dor dos povos negros foram sentidos.

- Quais ações podem ser realizadas na sala de aula? Qual é a minha/nossa responsabilidade enquanto professoras/es em constante formação? Que debates são promovidos pela universidade, num curso que forma professoras/es?

Nas sementes até aqui lançadas, convidadas, percorridas e entremeadas pela rede da memória, revisito mais um momento referente à época da graduação: No final de 2015 e no 6º

período de Pedagogia. Como bolsista do *PIBID*, estava eu, numa manhã, com um grupo de 8 estudantes do 4º ano. Neste dia, havia planejado trabalhar com o jogo sopa de letrinhas.

Dois estudantes tiveram um conflito na hora do intervalo e no meio da oficina, retomaram a discussão. Me senti sacudida ao escutar o menino dizer para a menina – “sua macaca!”. Naquele mesmo instante, resolvi parar a atividade lúdica e perguntei – “O que está acontecendo? Por que a chamou de macaca?”. Como resposta, escutei que a garota o estava estressando, mas que ele não a ofendeu, afinal, era filho de mãe negra.

Aparentemente de mãos e pés atadas/os como estagiária/bolsista, decidi levar o caso à professora regente e à direção da Escola. Resultado – suspensão dos dois na mesma hora e a mãe do estudante ainda queria tirar satisfações comigo. Considerei injusto o veredito de suspensão vindo da diretora, na tentativa de “dar um cala boca” na mãe do menino...

Pensei que precisava fazer alguma coisa, trabalhando a questão de forma coletiva para que não acontecesse mais. Apesar do lugar de estagiária na escola, refiz o planejamento da oficina seguinte, convidando as crianças a refletirem acerca da diversidade étnico-racial e da cultura afro-brasileira. Inspirada pelas discussões na disciplina *Ciências Sociais I*⁵⁰, em torno da *Lei 10.639/2003* e pautada nos estudos de Nilma Lino Gomes⁵¹, o único livro infanto-juvenil que conhecia e achava possível de ser compartilhado naquele momento era *Menina bonita do laço de fita* (2000), de Ana Maria Machado.

Apesar das críticas na atualidade em torno da obra, a história retratava/retrata uma bela garota negra, sem nomeá-la, mas com o seu laço no cabelo enrolado e trançado em diálogo com um coelho branco que desejava ficar pretinho e ter filhotes pretinhos/coloridos. Meu intuito era de trazer a personagem como protagonista e com senso de humanidade para desconstruir a visão associada à animalização. Assim como, para retomar o diálogo do ocorrido e tentar impedir outro episódio de racismo em sala de aula, possibilitando a recriação da história em massa de modelar e deixando como exposição artística na sala destinada para as oficinas do *PIBID*.

Não imaginava que o retorno seria positivo e que teria desdobramentos não-planejados... Na semana seguinte, a história e as criações continuaram se reverberando. E hoje, na/com a investigação, me pergunto: Os sentidos imagéticos são potencializados através do contato com a literatura? As imagens e identidades podem ser (re)construídas nos textos

⁵⁰ Componente curricular do curso de Pedagogia da UNIRIO.

⁵¹ Pedagogia, Mestra em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), Professora da Faculdade de Educação da UFMG e integrante da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN).

literários? Quais imagens e conceitos estão sendo compartilhadas/os por meio das leituras realizadas nas práticas educativas? Literaturizando, Manuel Rui (1987) me/nos diz:

Só que agora porque o meu espaço e tempo foi agredido, para defender por vezes dessituo do espaço e o tempo mais total. O mundo não sou eu só. O mundo somos nós e os outros. E quando a minha literatura transborda a minha identidade é arma de luta e deve ser ação de intervir no mundo total para que se conquiste então o mundo universal. Escrever então é viver. Escrever assim é lutar. Literatura e identidade. Princípio e fim. Transformador. Dinâmico. Nunca estático para que além da defesa de mim me reconheça sempre que sou eu a partir de nós também para a desalienação do outro até que um dia e virá “os portos do mundo sejam portos de todo o mundo”. Até lá não se espantem. É quase natural que eu escreva também ódio por amor ao amor!

Por falar em amor, (re)convido bell hooks (2020) para lançar mais sementes nesta *conversa*ção:

O medo é a força primária que mantém as estruturas de dominação. Ele promove o desejo de separação, o desejo de não ser conhecido. Quando somos ensinados que a segurança está na semelhança, qualquer tipo de diferença parece uma ameaça. Quando escolhemos amar, escolhemos nos mover contra o medo – contra a alienação e a separação. A escolha por conectar – por nos encontrarmos no outro. (hooks, 2020, p.129).

Encontrar com o outro, semear o saber no *estar junto* com o outro e ser semeada/o também pelo outro, me intenciona a deslocar sentires e pensares às possíveis representações das diferenças dinamizadas com/na prática docente. A literatura negro-brasileira me/nos ajuda a compreender a emanção da narrativa como demarcação do lugar de fala de quem escreve, colocando a própria discriminação como ponto de discussão (CUTI, 2010).

Nessa perspectiva, Kilomba (2019) convoca a dor corporificada, evocando experiências e vozes afro-diaspóricas no/com o discurso. Não para adotar uma postura egocêntrica, não para reclamar. E sim, para plantar novas perspectivas teórico-metodológicas e subverter ciências hegemônicas. Na busca por denunciar e anunciar dores distintas, sentidas na pele, no ficcional e no real, me alio, perguntando: As ementas curriculares das licenciaturas têm ecoado diferentes culturas? Estou/estamos sendo e lutando pela universidade que queremos? Que histórias contamos e/ou desejamos contar?

Mufete - Composição de Emicida⁵²

Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois
Marçal, Sambizanga, Calemba 2
Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois
Marçal, Sambizanga, Calemba 2

One luv, amor pu cêis, sério
Djavan me disse uma vez
Que a terra cantaria ao tocar meus pés
Tanta alegria fez brilhar minha tês
Que arte é fazer parte, não ser dono
Nobreza mora em nóiz, não num trono
Logo, somos reis e rainhas, somos
Mesmo entre leis mesquinhas vamos
Gente, só é feliz
Quem realmente sabe, que a África não é um país
Esquece o que o livro diz, ele mente
Ligue a pele preta a um riso contente
Respeito sua fé, sua cruz
Mas temos duzentos e cinquenta e seis Odus
Todos feitos de sombra e luz, bela
Sensíveis como a luz das velas
(Tendeu?)

Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois
Marçal, Sambizanga, Calemba 2
Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois
Marçal, Sambizanga, Calemba 2

Aí, tá na cintura das mina de Cabo Verde
E nos olhares do povo em Luanda
Nem em sonho eu ia saber que
Cada lugar que eu pisasse daria um samba
Numa realidade que mói
Junta com uma saudade que é mansinha, mas dói
Tanta desigualdade, a favela, os boy
Atrás de um salário, uma pá de super herói
Louco tantos Orfeus, trancados
Nos 'contrato' de quem criou o pecado
Dorme igual flor num gramado
E um vira-lata magrinho de aliado
Brusco pick o cantar de pneus
Dizem que o diabo veio nos barcos dos europeus
Desde então o povo esqueceu
Que entre os meus, todo mundo era Deus

Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois
Marçal, Sambizanga, Calemba 2
Rangel, Viana, Golfo, Cazenga pois
Marçal, Sambizanga, Calemba 2

(Já dizia o poeta: "A África está nas crianças, e o mundo está por fora." – Nelson Mandela).

⁵² Mufete é um prato típico de Luanda – Angola, preparado com peixe grelhado.

A letra da música está disponível em: < <https://www.letras.mus.br/emicida/mufete/>>. Acesso em: 05/08/2021.

3.4 O CÍRCULO PRESENCIAL VIROU RODA VIRTUAL: EMARANHAR DE INFÂNCIAS NA DISTÂNCIA DA PANDEMIA

[...] *Educar exige cuidar.
Um tempo de sentimentos.
O tempo do amor.
O tempo da filosofia, do amor pelo saber –
mas, antes de mais nada, do saber amar.*

(Walter Kohan, 2019)

- Ah, o tempo! Tempo que passa, tempo que gira, tempo que marca, tempo marcado, tempo alargado por uma Pandemia... E agora, o que faremos? Como faremos? Perguntas frequentemente levantadas durante as reuniões do *Projeto Ler e Compartilhar*, desde o caos da *COVID-19*, amplamente divulgado e instalado.

- É possível fazer uma universidade em casa, mesmo na distância provocada pelo isolamento dos corpos?

Pensar na instituição me remete ao tempo *scholé* como liberação e suspensão social, como tempo de formação (formar e promover ação), como tempo de experiência, como tempo de presença. Ou seja, um tempo que pausa o que está fora e atenta para o que está dentro. *Chrónos*, seu aliado, demarca a história, a ciência, o calendário, as horas do relógio e a linha que liga o passado com o futuro, delimitando o presente entre os dois (KOHAN, 2019).

Numa pausa forçada, na busca por viver momentos de pausa vitalizada, eu, Marcela, Yasmim e Maria Luíza tivemos a ideia de escrever e-mails para as/os estudantes-participantes do círculo das turmas presenciais de 2019. Nesse primeiro envio e contato no mês de Junho/2020, fizemos um convite para o reencontro virtual com um tema gerador previamente escolhido por nós, equipe organizadora, intitulado: *Nas asas da poesia*.

Pelas asas poéticas que a literatura me/nos abriu/abre, num movimento interno-externo, passamos, por meio da prática, a atentar para possibilidades outras, enredadas por temporalidades e sensibilidades distintas, vindas de cada morada-corpo e cada lar-abrigo de corpos isolados, porém, conectados. Nessa tessitura, a *complexidade* me/nos vincula:

As redes dinâmicas, como o rizoma, atravessam fronteiras, criam novos domínios de experiência, perfuram os estratos, provêm múltiplos itinerários. As redes não têm centro, nem hierarquias prefixadas, o que tem é um ou vários *nós*, onde uma maior quantidade de interconexões convergem. (NAJMANOVICH, 2008, p. 24, tradução nossa).

- Que conexões foram realizadas?

A partir do primeiro encontro (17 de Junho de 2020), tivemos a grata surpresa de conversar acerca da vida e também, dos trechos lidos em poesia. Cerca de 10 estudantes da turma *Alfabetização, Leitura e Escrita* passaram a habitar as telas dos celulares e computadores, nos reencontros agendados e promovidos na sala *Google Meet*. Desde então, as narrativas colhidas nas *folhas de sentidos* se transformaram em narrativas compartilhadas no questionário da plataforma *Google Drive*.

O questionamento, anteriormente temido por mim, durante boa parte de minha trajetória, tornou-se o fio condutor não apenas desta investigação, mas da própria ação na roda virtual. Afinal, as perguntas direcionam? Ou, as perguntas me/nos atravessam? Perguntas rodeiam o incerto, o imprevisível, o incompleto, o inquieto. A dúvida se enlaça ao tempo atual, permeado, talvez, pelo invisível e sensível. E, ao mesmo tempo, pelo imaginário, onde o futuro é esperado e representado pelas paisagens das janelas no presente.

Janela eletrônica, janela arquitetônica, janela sopro de vida, janela escape que ventila o ar de dentro pra fora e de fora pra dentro, janela brisa da calma que acalma a alma, janela que brinda a esperança e brinca como na infância. Janela de aula sem ser jaula, janela acontecimento e emaranhamento, janela porto e ponte para/com o mundo, janela que apazigua a tormenta, janela que me/nos alimenta, janela significado e significante, janela semente de poesia...

Poema autoral – escrito em 23/04/2020

*Amanhã será um novo dia
De poder escrever ou ouvir uma nova melodia
Talvez, uma canção da esperança
Pois quem espera e “acredita, sempre alcança”
Que o azul do céu, o canto
dos pássaros e tantos outros sons
Tragam também para o nosso viver
os mais diferentes tons
Que o abrir das portas e janelas
expressem a paisagem
O despertar de uma noite
e de uma manhã,
não é apenas uma miragem
Vivemos num mundo plural
Façamos o nosso melhor possível
Neste momento atual
Regar a flor
Transbordar amor
Trilhar o caminho do bem
E inevitavelmente,
o que plantamos vem...*



Figura 27 – Janela de Casa (Arquivo Pessoal)

Janelas de esperança, sopros poéticos e autoras/es homenageadas/os povoaram repertórios projetados e ecoados na roda virtual, a qual, instabilizava, juntava e inquietava mensalmente – nas quedas de conexões, nos barulhos cotidianos, nas pessoas representadas pelas fotos de perfis dos e-mails, na ausência da fala nos áudios silenciados e nas câmeras, às vezes, abertas. Como também, nas partilhas interativas do chat, convocando presenças:

O que parecia impossível, se torna respiro e refúgio: um círculo de leitura numa sala virtual. Às vezes, entrecortada por quedas de conexão, latidos, sirenes, vozes outras, migramos para uma rede composta de telinhas, num fluxo longe-perto contínuo que conecta presenças. A literatura segue abrindo picadas, sendo passaporte para o dentro e, paralelamente, vínculo com o todo, em sinergia. (FERNANDEZ *et al.*, 2021, p. 513).

Vinculadas no/com o grupo, com os temas, as conversas e leituras experienciadas na arte do encontro – Marcela, eu, Yasmim e Maria Luíza passamos a refletir com a necessidade de trabalhar questões em torno das diferentes facetas e realidades da infância. Pois, é impossível pensar a formação docente sem atentar para o nosso *espaçotempo* e das crianças.

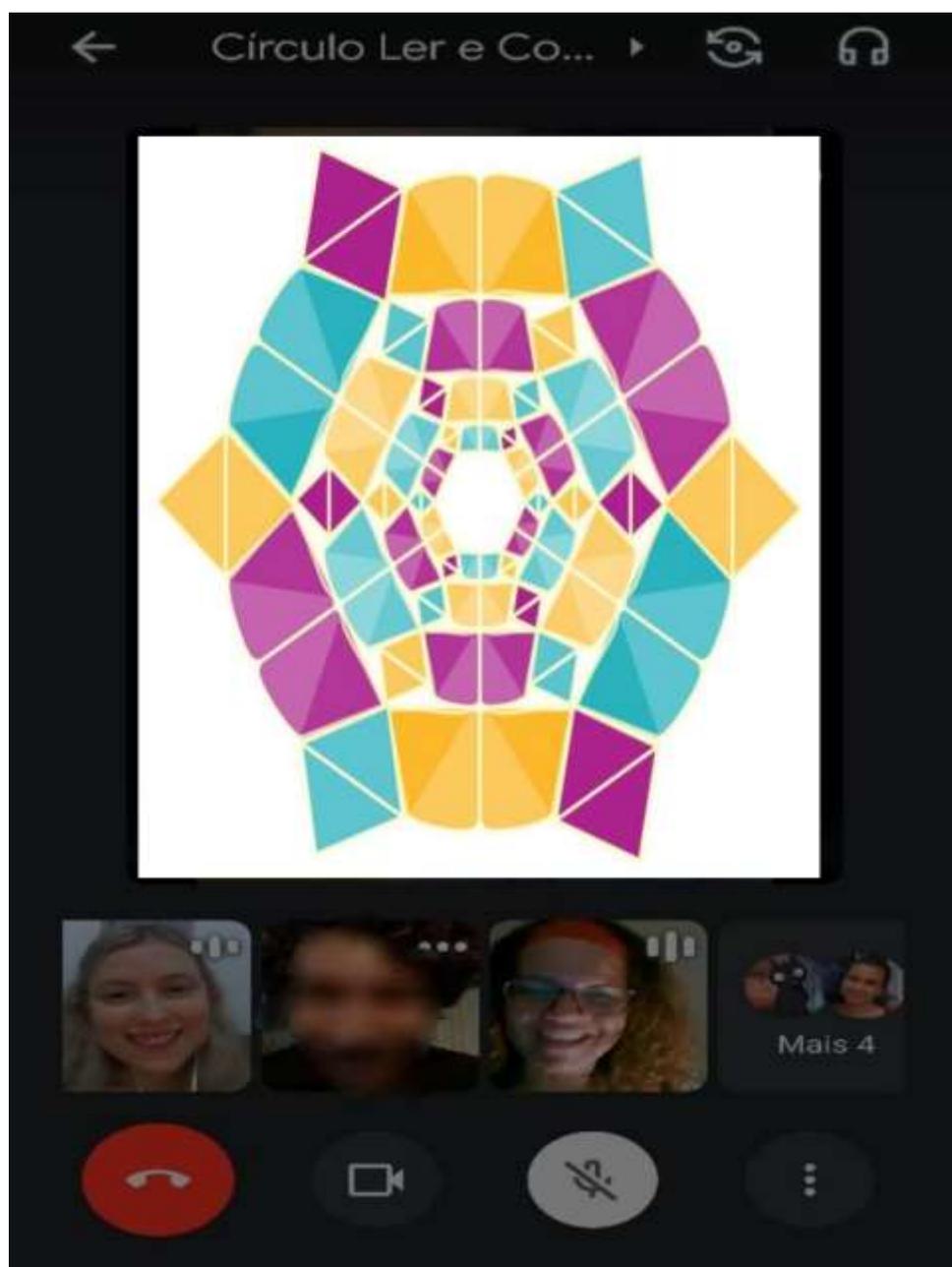


Figura 28 – Roda de leitura virtual (Infâncias/2020)

Dia 27 de Outubro de 2020, num fim de tarde de terça-feira, nos reunimos por volta de duas horas, nutridas e nutrindo através do roteiro cultivado. A composição escolhida entre nós, equipe do projeto, trazia narrativas poéticas de crianças em seus múltiplos aspectos e

condições sociais. Algumas, retratadas por sonhos e fantasias. Outras, por dores e dramas. O enredo, não só do mês de Outubro como dos demais, contava com as mais diversas linguagens no decorrer do andamento e dos respiros entre falas e silêncios: fotografias, pinturas, músicas, vídeos e desenhos.

Ainda que planejássemos a partilha, mantínhamos um posicionamento aberto ao desconhecido, ao que poderia vir a acontecer, à multiplicidade de emoções... O círculo *Infâncias* foi o que mais se estendeu, pois estudantes ecoaram suas vozes e textos lidos com abordagens relacionadas às crianças – até do ponto de vista de autoras/es adultos (Cecília Meireles, Clarice Lispector, Mia Couto, Ruth Rocha, Ninfa Parreiras, dentre outras/os). A tensão pairava no ar, ora pelo imprevisível, ora pela escuta sensível de histórias tristes. Havia a mistura de comoção e alegria no contato com o coração infantil. Nesse pulsar, Sampaio, Ribeiro e Venâncio (2017), em rede, repensam:

No encontro com o outro e com o(s) outro(s), formamo-nos – estudantes e professoras – permanentemente, no movimento de falar, conversar, perguntar, concordar, discordar, silenciar, escutar, pesquisar, ler, escrever... Mas, sobretudo, o que nos mobiliza é a aposta em processos formativos que possam comover e semear inquietação. (SAMPAIO; RIBEIRO; VENÂNCIO, 2017, p. 33).

- Quais ideias e/ou sentidos o círculo de leitura *Infâncias* te despertou?

O poder de criar, imaginar é algo maravilhoso e a criança o faz com muita maestria e simplicidade.

(Narrativa extraída formulário *Google Drive*, Estudante A, 2020)

A importância da escuta e a realidade diversa da infância.

(Narrativa extraída do formulário *Google Drive*, Estudante B, 2020)

Primeiro, compartilhar um pouco da preocupação sobre a ideia de infância. Segundo, ficar atento as leituras e literaturas que possam resgatar o nosso tempo de infância. E, nesse momento lembrei de mim enquanto menino, que subi em uma amendoeira e vi todo o mundo! Os textos selecionados me dão uma indicação do vasto universo que é o da literatura, mas ao ouvi-los pude conhecer, contemplar e sentir a realidade tão de perto da gente através de palavras navalhas que atravessam a nossa alma. É, estou vivo.

(Narrativa extraída do formulário *Google Drive*, Estudante C, 2020)

As infâncias e as narrativas (*Estudantes A, B e C / 2020*) convocam *aión*, um tempo presente e com presenças. O tempo da arte, do brincar, pensar e recriar. Um tempo de amar com entrega (KOHAN, 2019). Crianças me remetem à *energia vital*, ao sinônimo de potência, espontaneidade, curiosidade e sonho constante. Desejo esse nem sempre concedido, porém, na mais dura e fria realidade, acreditado, suspirado e dito. Crianças realizam brincadeiras no/com o tempo, suspendem juízos, inventam e contam outras histórias, apostam em novas possibilidades. Crianças são sensíveis e sensibilizam, fazendo de pequenos momentos os grandes instantes e de simples terras, enormes castelos...

- Será que tenho/temos nutrido *aión* em minhas/nossas ações educativas?

A figura infantil e não infantilizada me inclina a ver a importância do erro como constitutivo da formação humana. Meninas e meninos normalmente não tem medo de errar, nem de cair. Arriscam, pulam, agem, movimentam-se. A prática docente, numa perspectiva não controladora, acompanha e é acolhedora. Compreende que educar eticamente: “[...] é também dar espaço e tempo ao outro, é reconhecer ao outro o direito de cometer seus próprios erros, por grandes que sejam.” (MÈLICH, 2006, p.33, tradução nossa).

Ressaltar o erro não significa romantizar quaisquer atos que venham a prejudicar. Mas, significa abraçar uma ótica de meninice que não coloca a razão como ponto primordial. Uma meninice no sentido de acordar a criança interior que me/nos habita, pulsando vida. Uma meninice de disponibilidade para interagir no/com o mundo e as pessoas. Uma meninice de professoras/es que sonham, recriam e transformam. Seja com o piloto do quadro, com o lápis ou o computador em mãos. Uma meninice sem temer o fluir do tempo, e se tiver medo, fluir com o tempo mesmo assim.

“Seguindo essa possibilidade, a educação poderia deixar de se preocupar em fazer da meninice outra coisa que ela não é para se ocupar de cultivá-la e atendê-la para que ela continue sempre viva, sendo o que é, em todas as idades.” (KOHAN, 2019, p. 187). Na fluidez das trocas do *círculo infâncias*, um estudante demonstrou a vontade e começou a recitar o poema *Qualquer tempo* (2015), de Carlos Drummond de Andrade:

*Qualquer tempo é tempo.
A hora mesma da morte
é hora de nascer.
Nenhum tempo é tempo
bastante para a ciência
de ver, rever.
Tempo, contratempo
anulam-se, mas o sonho
resta, de viver.*

- Imediatamente, o mesmo estudante conversou que deixaria escrito no formulário mais uma reflexão, expondo a sua visão em relação ao vivido em roda, na possibilidade virtual:

De um modo geral, é importante esse vínculo que o círculo pode nos proporcionar na universidade. A frieza do academicismo, pode vir “água a baixo” quando nos voltamos para o prazer da leitura que, também fala de realidade, de vida, de gente, etc. Os textos acadêmicos podem ser poéticos, uma vez que, “poeta é alguém que descobriu alguma coisa”⁵³.

(Narrativa extraída do formulário *Google Drive* (continuação – Estudante C, 2020)

A leitura e partilha no coletivo arrancou sorrisos, desconstruindo o engessamento acadêmico denunciado pelo *Estudante C (2020)*, injetando a vacina poética de vida. Na imprevisibilidade do retorno presencial, apostar na sensibilidade infantil ainda é um caminho viável? E quando a Pandemia passar, ela será? Na inquietude habitada pela incerteza geradora de perguntas, quiçá, estejamos convidando minhas/nossas crianças interiores para lançar sementes de sonho, autoria e amor, no/com o tempo...

⁵³ A narrativa do estudante faz referência à uma escrita infantil, compartilhada no roteiro. A frase poética é de autoria de Nelson Fernando Londoño, de 9 anos, no livro *Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças* (2013) – organizado por Javier Naranjo.

Infantil – Manoel de Barros⁵⁴

O menino ia no mato

E a onça comeu ele.

Depois o caminhão passou por dentro do corpo do menino.

E ele foi contar para a mãe.

*A mãe disse: Mas se a onça comeu você, como é que
o caminhão só passou por dentro do seu corpo?*

É que o caminhão só passou renteando meu corpo

E eu desviei depressa.

Olha, mãe, eu só queria inventar uma poesia.

Eu não preciso de fazer razão.

⁵⁴ Poema presente na obra *Tratado geral das grandezas do ínfimo* (2001).

4. (IN)CONCLUSÕES DO (TRANS)FORMAR-ME AO PESQUISAR PRATICANDO

Ao traçar os fios de nossas trajetórias no difícil, mas também instigante processo de busca de assunção da autoria, havemos de afirmar a presença potente e poética do encontro com o outro.

(Carmen Sampaio; Tiago Ribeiro & Ana Paula Venâncio, 2017)

“Nada termina, tudo começa!”.

- Essas foram algumas das palavras que escutei na palestra com o professor Walter Kohan⁵⁵, em 04 de Julho de 2019, no *X Seminário Redes*, promovido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Palavras que me marcaram, palavras que me enredaram, palavras que tocaram no profundo da alma... Na ocasião, estava caminhando rumo ao segundo semestre deste curso de Mestrado em Educação, com pouco menos de um ano do falecimento do meu querido pai.

Ao mesmo tempo em que as palavras acalentam, elas podem ferir. No decorrer da trajetória de vida, muitas vezes me senti machucada, até mesmo quando eu não retrucava. Não digo isso no sentido da violência, mas, de compreender hoje a importância da voz, seja ela escrita ou oral. Escrever era e é uma válvula de escape, um refúgio onde encontro as raízes fecundas, que me abrem de dentro para fora. E, não poderia deixar de convocar a poesia de Upile Chisala (2020) para esta *conversa*ção:

*Lute.
Mesmo que sua luta seja a mais vã.
Lute como uma poeta, como uma estrangeira
num outro país, como uma mulher negra,
como alguém que ainda não sabe bem o que é.
Lute com suas palavras.
Elas são uma arma poderosa,
de transformação, de mudança.
Então transforme a si mesma e o mundo à sua volta.
As palavras são armas mas não fazem o sangue jorrar.
Elas colorem tudo, como a melanina
impregnada em sua pele, como o mel
que você não pode esquecer que
existe dentro de você, apesar de todas as batalhas.*

⁵⁵ Professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e membro do Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI).

Lutar com a palavra e pela palavra, não é uma luta só minha. Narrar o vivido, passo a passo, atravessando o desconhecido, me fez encontrar com histórias distintas, com dores múltiplas, humanamente sentidas e com o outro – diferente de mim. Com a presença do outro que me conduz a refletir, causando tensões. Com a instabilidade que chacoalha, vira do avesso e gera transformações. Com a educação que é impossível de ser praticada-investigada, sem as relações.

Nilda Alves (2010, p. 6), me/nos diz: “[...] todo praticante é um pensador, pois, articula, a partir de suas práticas, propostas para modificá-las, produzindo metodologias, ideias e valores, a cujo conjunto poderíamos chamar ‘teorias’.”. Experienciar a prática do *círculo de leitura*, mediante seus desdobramentos, fios trançados nas parcerias e distintas conexões, me movimentou ao enlace com a teoria.

Uma investigação narrativa sentida com o corpo, gestada pelo coração infantil que sonha, sendo e estando como (in)constante aprendiz. Uma escrita marcada pelo acontecimento da sala de aula e do *espaçotempo* virtual, como também, pela imprevisibilidade do momento pandêmico atual. Uma pesquisa não controlada a qual me desestruturou, provocando uma nova abordagem, o abandono de minhas e outras certezas e verdades.

“[...] Nada é definitivo, cada fragmento o é; a cada instante parece mudar de pele, mudar o rosto, apontar o gesto para outra direção.” (SKLIAR, 2016, p.26). Andar, caminhar, fluir, agir... Nessa ação, desvendar e ser desvendada, (trans)formar e ser (trans)formada, percebendo a possibilidade de uma pesquisa inventada, poética.

Na narrativa me vi e inscrevo autora, pesquisadora, poeta. No trabalho com literatura e educação, vejo estudantes se percebendo autoras/es, recriando histórias. Estudantes que questionam as estruturas institucionais e sociais e me ensinam a questionar. Que se assumem como são e me motivam a desnudar camadas por camadas, repletas de dores e alegrias. A ver também, que há por aí, muitas *Marias*... Na ficção e no real! Inclusive, as mulheres pretas, pesquisadoras, com seus estudos vinculados à memória e ao desejo de subversão da hegemonia, em prol da libertação de cada um/a.

A vida nutre a teoria e a ciência. As cores, aromas, sabores e múltiplas linguagens passam a ser apostas na/com a pesquisa, unida por ensino e extensão. O discurso ganha corpo e forma de potência, *axé*, *musicalidade* e convite à experienciar uma vida que está sendo, aqui e agora (TRINDADE, 2006; 2013). A viver, ser e estar na fluidez, como um instante-rio. “Assim, a educação é um trabalho artístico, musical, filosófico com os sentimentos: escutar a voz na palavra, criar as condições para que todos consigamos compor nossa própria melodia,

para que possamos sentir a música que nos faz ser realmente aquilo que somos.” (KOHAN, 2019, p.132).

Trechos do poema que escrevi em 19/02/2021:

*É tempo de aprender com a maré
De tudo o que é
De tudo o que há
De tudo o que está
Deixar as águas lavarem a alma
Levando o que deve ir
Trazendo o que deve vir
Com a espontânea emoção
Permitir o coração florir...*

- Tempo... De reconciliar o passado e colher flores, anunciando uma nova estação na educação. Tempo de mudança, de abertura às infinitas possibilidades, ainda que existam fatores externos que não devo/devemos dominar. Sendo que é importante não desistir de lutar. Tempo de abraçar *aión*, convocando a meninice do coração, espalhando o amor suspirado ao contemplar uma simples estrela, transformando-a em constelação. Eu, você, nós, somos parte, juntas/os!

Narrativas se misturam na arte do encontro com a literatura, na escuta das diferentes vozes, na atenção às convergências, às divergências, aos conflitos, aos escritos. O falado compartilhado na escrita. A escrita compondo e demarcando a fala. E, os silêncios não silenciados? E os silêncios, silenciados? Quiçá, estejam corporificados e gestualizados. No decorrer da pesquisa, o silêncio por vezes surgiu e foi emanado. Tenho/temos escutado nossos silêncios? Como lidamos com o silêncio na universidade, sem ausentar o outro?

“A configuração surge do encontro dos seres humanos com o mundo ao qual pertencem, encontro múltiplo e mediado, no qual emergem simultaneamente o sujeito e o mundo em seu mútuo fazer e desfazer, em um devir sem fim.” (NAJMANOVICH, 2008, p. 153, tradução nossa). *Estar junto* com o outro, aprender na *coletividade* cirandada – sentir e pensar a partir do que o outro me/nos traz, apostar no princípio complexo da ação, e por meio dele repensar, sempre em movimento.

Na *circularidade* do discurso e na *ancestralidade* vinculada à investigação narrativa, o caminho vem sendo germinado por idas e vindas, pelas perguntas e por muitas dúvidas, refletidas. Um pesquisar – pesquisando, sentir – sentindo e escrever – escrevendo, a partir da prática. Uma escrita inesperada, inacabada e até aqui, habitada. Propondo um novo começo...

- Que narrativas e sons tenho/temos ecoado? Educação é sinônimo de libertação?

**Canção da Redenção
(Tradução de Redemption Song⁵⁶) – Bob Marley**

Velhos piratas, é, eles me roubaram
Me venderam para os navios mercantes
Minutos depois deles
Me tirarem do porão sem fundo
Mas minha mão foi feita forte
Pela mão do Todo-Poderoso
Seguimos nessa geração
Triunfantemente

Você não vai ajudar a cantar
Essas canções de liberdade?
Pois tudo que já tive
Canções de redenção
Canções de redenção

Emancipem-se da escravidão mental
Ninguém além de nós mesmos pode libertar nossas mentes
Não tenha medo da energia atômica
Porque nenhum deles pode parar o tempo
Por quanto tempo vão matar nossos profetas
Enquanto ficamos parados olhando? uh!
É, alguns dizem que é só uma parte disso
Temos que completar o livro

Você não vai ajudar a cantar
Essas canções de liberdade?
Pois tudo que já tive
Canções de redenção
Canções de redenção
Canções de redenção

⁵⁶ A letra da música está disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/bob-marley/redemption-songs-traducao.html>> Acesso em: 17/08/2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2017.

_____. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Companhia das Letras: 2015.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.13-38.

_____. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: Regina Leite Garcia. (Org.). *Diálogos cotidianos*. 1ed. Petrópolis e Rio de Janeiro: DP et Alii e Faperj, 2010, v. 1, p. 67-82.

AMORIM, Silvana Vieira da Silva. *Guillaume Apollinaire: fábula e lírica*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond. Qualquer tempo. In: *A falta que ama*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BÂ HAMPÂTÉ, Amadou. Palavra africana. In: *O correio da Unesco*. Paris, Rio, Ano 21, nº 11, nov. 1993, pp. 160.

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BARROS, Manoel de. Infantil. In: *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume I, São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CALVET, Louis-Jean. Estilo oral. In: QUEIROZ, Sonia (org.). *A tradição oral*. Belo Horizonte: FALE, UFMG, 2006.

CHATELAIN, Héli. O Passado e o Futuro. In: *Contos populares de Angola: cinquenta contos em quimbundo*. Lisboa: Agência geral do Ultramar, 1964.

CHISALA, Upile. *Eu destilo melanina e mel*. Tradução de Izabel Aleixo. São Paulo: LeYa, 2020.

CORALINA, Cora. *Melhores poemas: Cora Coralina*. In: DENÓFRIO, Darcy França (Org.). Global Editora, 2017.

COUTO, Mia. O menino que escrevia versos. In: *O Fio das Missangas*. Lisboa: Editora Caminho, 2003.

_____. *E se Obama fosse africano?*- Ensaaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COSSON, Rildo. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014. 192p.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. 2ª ed revisada. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAVIS, Angela. *Woman, race and class*. Londres: The Women's Press, 1983.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: BARROS, Nadilza Martins de; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005, p. 202.

_____. Vozes-mulheres. In: *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2008.

FERNANDEZ, Marcela Afonso; SOUZA, Bianca Dias de. Ler e compartilhar sentidos para formar estudantes-leitores. In: *Revista de Estudios e Investigación em Psicología y Educacion*. 2017, Vol. Extr, No. 06.

FERNANDEZ, M. *et al*. Ler, escutar e conversar: a literatura potencializando vidas. In: *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, v.7, n. 1, p. 511-521, jan/abril 2021: "Pedagogias Vitais: Corpo, Desejo e Educação".

FILHO, Fransico Gregório. *Ler e Contar, Contar e Ler: Cadernos de Histórias*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler – em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 46ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GUEDES, Adriane Ogêda; Ribeiro, Tiago. Revelar-se ou ocultar-se? Apontamentos para pensar uma pesquisa educativa. In: *Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas* (org.). Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

_____. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020. 272 p.

KAUR, Rupi. *Meu corpo, minha casa*. São Paulo: Planeta Estratégia, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOHAN, Walter. *Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica*. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência – notas sobre seu papel na formação. In: Zaccur, Edwiges (org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. 2002, n.19, pp.20-28.

_____. Fim de partida – ler, escrever, conversar (e talvez pensar) em uma Faculdade de Educação. In: *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LEÃO, Ryane. *Tudo nela brilha e queima*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

_____. *Jamais peço desculpas por me derramar: poemas de temporal e mansidão*. São Paulo, Planeta do Brasil, 2019.

MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

MACHADO, Antonio. Poema XXIX: Caminante. In: *Campos de Castilla: Proverbios y Cantares*. Cátedra: Letras Hispánicas. Ed. Geoffrey Ribbans, 2006.

MARTINS, Fabiana Fernandes Ribeiro. Torna-se professor: uma vida. In: SALAS, Ángel Alonso (org.). *La enseñanza de la filosofía com niños y adolescentes*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad Universitaria, Coyoacán, 2016.

MÈLICH, Joan-Carles. *Transformaciones: tres ensayos de filosofía de la educación*. Argentina: Miño y Dávila, 2006.

MORIN, Edgar. A epistemologia da complexidade. In: MORIN, Edgar & LE MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

NAJMANOVICH, Denise. *Mirar com nuevos ojos: nuevos paradigmas en la ciência y pensamiento complejo*. 2ª ed. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2008.

NARANJO, Javier. *Casa das estrelas – o universo contado pelas crianças*. Foz do Iguaçu: Editora Foz, 2013.

NASCIMENTO FLOR DO, Wanderson. Tecendo mundos entre uma educação antirracista e filosofias afro-diaspóricas da educação. In: *O ato de educar em uma língua ainda por ser escrita*. Rio de Janeiro: NEFI, 2016.

NEMÉSIO, Vitorino. *Mau tempo no Canal*. 1ª ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1944.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. In: *Formação de professores e profissão docente*. 2ª ed. Nova Enciclopédia 39, 1992.

OLIVEIRA, I. B. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: OLIVEIRA, I. B. e ALVES, N. (Orgs.). *Pesquisa no/do cotidiano nas escolas. Sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro. DP&A, 2001a.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. 2. ed. – Niterói: EdUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2011.

PASTORE, Julia. *Lugar comum: um pouco abaixo do nada*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2006.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Manifesto por um Brasil literário*. Disponível em: <<http://brasilliterário.org.br>> Acesso em: 09/07/2019.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, T; SAMPAIO, C.S.; SOUZA, R. Investigar narrativamente a formação docente: no encontro com o outro, experiências. *Roteiro*, v.41, n.1, 2016.

RIBEIRO, Tiago; SAMPAIO, Carmen Sanches. Conversa, partilha e formação docente: o Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita (FALE). *Rev. FAEEBA – Ed. E Contemp.*, Salvador, v.29, n.57, p.203-218, jan/mar. 2020.

RUI, Manoel. Encontro Perfil da Literatura Negra. In: MEDINA, Cremilda de Araújo. *Sonha Mamana África*. São Paulo: Ed. Epopéia; Secretaria do Estado de Cultura, 1987. P.p.308-310.

SAMPAIO, Carmen Sanches. Compreender o compreender das crianças em seus processos alfabetizadores. In: GARCIA, Regina Leite (Orgs.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; VENÂNCIO, Ana Paula. Formação em rede: a potencialidade do encontro com o outro no constitui-se professor(a). *Nodos y nudos*, v.5, n. 42, p. 27-36, jan/jun.2017.

SANTOS, Arnaldo. A Menina Vitória. In: *Kinaxixe e outras prosas*. SP: Ed. Ática, 1981.

SILVA, Ezequiel Theodoro. O professor leitor. In SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques; RÖSING, Tânia M. K. (orgs.). *Mediação de Leitura: Discussões e alternativas para formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

SKLIAR, Carlos. *A escuta das diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2019.

_____. Escrevendo e lendo sobre a identidade, a diferença e a solidão. In: *Leitura: teoria e prática*, Campinas, v.34, n. 66, p.13-29, 2016.

_____. Elogio à conversa (em forma de convite à leitura). In: RIBEIRO, Tiago.; SOUZA, Rafael de.; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). *Conversa como metodologia de pesquisa: por quê não?*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. 216p.

SOUZA, Maria Elena Viana. *Relações raciais no cotidiano escolar: diálogos com a Lei n.10.639/2003*. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.

TRINDADE, Azoilda. *Africanidades brasileiras e educação: salto para o futuro*. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013.

_____. A cor da cultura. In: *Saberes e fazeres – modos de interagir*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

WALSH, Catherine. Lo pedagógico y lo decolonial: Entretejiendo caminos. In: *Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Quito-Ecuador: Ediciones Aby-ala, 2013.

YUNES, Eliana. Práticas leitoras. In: *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymar, 2009.

ANEXOS

ANEXO A: TEXTOS CITADOS POR ESTUDANTES NO ROTEIRO DO DIA 26/06/2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Projeto de Extensão *Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária*

Trechos do roteiro citados por estudantes na folha de sentidos (Figuras 9, 11 e 14) – Círculo de
Leitura do dia 26/06/2019

Mundos subterrâneos de Cora Coralina

CORALINA, Cora. Assim eu vejo a vida. In: *Folha de São Paulo* — caderno Folha Ilustrada, edição de 04/07/2001.

Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0407200107.htm>> Acesso em: 20/08/2021.

Assim eu vejo a vida

A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras

como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.

Palavras de Cora...

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zSECOdMGHzM>> Acesso em: 20/08/2021.

Foi muito difícil para mim que só tive uma escola primária. Fui tomar conhecimento de uma gramática quando meus filhos foram fazer ginásio e trouxeram uma gramática para casa. Aí eu peguei, abri, folhee e li e cheguei à conclusão: se eu tivesse de escrever pela gramática, não escreveria coisa nenhuma. E desisti da gramática.

Eu nunca consegui formar uma quadra. Só depois que a poesia se libertou de rima e da métrica foi que eu também me libertei das minhas dificuldades. Mas como eu não podia escrever versos, eu passei para a prosa automaticamente.

CORALINA, Cora. Ainda não. In: *Meu livro de Cordel*. 1ª versão digital. São Paulo: Editora Global, 2012.

Disponível em: <<http://escola.semec.pmt.pi.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/Meu-Livro-de-Cordel-Cora-Coralina.pdf>> Acesso em: 20/08/2021.

Ainda não

I

Ainda não...
É a espera.
Afirmação
do tempo que vai chegar
no tempo que está passando.

II

Ainda não...
É a promessa.
Certeza
do tempo de querer
no tempo que vai chegando.

A mulher é a terra —
terra de semear.

III

Ainda não...
O tempo disse dormindo:
Por que esperar?
Plantar, colher
no amanhecer.
Não retardar o instante
maravilhoso da colheita.

IV

Veio o semeador,
semearam juntos
e colheram
o encantamento do fruto.
Lamentaram juntos
Retardamos tanto... no tempo.

**ANEXO B: TEXTOS CITADOS POR ESTUDANTES NO ROTEIRO DO DIA
04/12/2019**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Projeto de Extensão Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária

**Trechos do roteiro citados por estudantes na folha de sentidos (Figuras 18, 19 e 20) – Círculo
de Leitura do dia 04/12/2019**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Companhia das Letras: 2015.

Sejamos Todos Feministas (Fragmentos)

Chimamanda Ngozi Adichie

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente.

O modo como criamos nossos filhos homens é nocivo: nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente. Ensinaamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são — porque eles têm que ser, como se diz na Nigéria, homens duros.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2017.

Para Educar Crianças Feministas (Fragmentos)

Chimamanda Ngozi Adichie

1. Ensine-a a ler. [...] Os livros vão ajudá-la a entender e questionar o mundo, vão ajudá-la a se expressar, vão ajudá-la em tudo o que ela quiser ser. (p. 34)
2. Ensine-a a questionar a linguagem. A linguagem é o repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças, de nossos pressupostos. (p. 35)
3. Temos um mundo cheio de mulheres que não conseguem respirar livremente porque estão condicionadas demais a assumir formas que agradem aos outros. (p. 49)
4. Dê a ela um senso de identidade. [...] Esteja atenta também em lhe mostrar a constante beleza e a capacidade de resistência dos africanos e dos negros. (p. 52)
5. Ensine-a a questionar o uso seletivo da biologia como “razão” para normas sociais em nossa cultura. (p. 61)
6. Diga-lhe que o corpo dela pertence a ela e somente a ela, e que nunca deve sentir a necessidade de dizer “sim” a algo que não quer ou a algo que se sente pressionada a fazer. (p. 65)
7. Ao lhe ensinar opressão, tome cuidado para não transformar os oprimidos em santos. A santidade não é pré-requisito da dignidade. Pessoas más e desonestas continuam seres humanos e continuam a merecer dignidade. (p. 74)
8. Ensine-lhe sobre a diferença. Torne a diferença algo comum. Torne a diferença normal. [...] Ao lhe ensinar sobre a diferença, você a prepara para sobreviver num mundo diversificado. Ela precisa saber e entender que as pessoas percorrem caminhos diferentes no mundo e que esses caminhos, desde que não prejudiquem as outras pessoas, são válidos e ela deve respeitá-los (p. 76 – 77)

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade (Fragmentos)

bell hooks

A academia não é o paraíso, mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade... (P. 273)

Consciente de mim mesma como sujeito da história, membro de um grupo marginalizado e oprimido, vitimada pelo racismo, sexismo e elitismo de classe institucionalizados, eu tinha um medo terrível de que meu ensino viesse a reforçar essas hierarquias. (...) Tento mostrar em meus livros o quanto meu trabalho é influenciado pelo que os alunos dizem na sala de aula, pelo que eles fazem, pelo que me expressam. Cresço intelectualmente ao lado deles, desenvolvendo um entendimento mais nítido de como partilhar o conhecimento e do que fazer em meu papel participativo com os alunos. Essa é uma das principais diferenças entre a educação como prática da liberdade e o sistema conservador de educação bancária que encoraja os professores a acreditarem, do fundo de seu ser, que eles não têm nada a aprender com os alunos... Quando entro na sala no começo do semestre, cabe a mim estabelecer que nosso propósito deve ser o de criar *juntos*, embora por pouco tempo, uma comunidade de aprendizagem. (P.190 – 204)

**ANEXO C: TEXTOS CITADOS POR ESTUDANTES NO ROTEIRO DO DIA
26/04/2019**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Projeto de Extensão Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária

Trechos do roteiro citados por estudantes na folha de sentidos (Figuras 22, 23, 24 e 25)

– Círculo de Leitura do dia 26/04/2019

Navegando pelos textos literários de origem africana e afro-brasileira

Moçambique

PATRAQUIM, Luís Carlos. Metamorfose. In: Monção. Edições 70. Lisboa, 1980.

Metamorfose (Ao poeta José Craveirinha)

quando o medo puxava lustro à cidade

eu era pequeno

vê lá que nem casaco tinha

nem sentimento do mundo grave

ou lido Carlos Drummond de Andrade

os jacarandás explodiam na alegria secreta

de serem vagens e flores vermelhas

e nem lustro de cera havia

para que o soubesse

na madeira da infância

sobre a casa

a Mãe não era ainda mulher

que tu

clandestinamente plantaste

Aos Gritos

(Monção, p.27-28)

Glossário:

- Escorbuto: doença dos “marinheiros” que causa fadiga, hemorragia, etc.;
- Mambas: serpentes africanas venenosas;
- Satanhocos: diabos/sacanas;
- Gizando: riscando ao som de giz;
- Parnaso: onde viviam os poetas (arte poética);
- Tisana: medicamento.

Angola

SANTOS, Arnaldo. A Menina Vitória. In: *Kinaxixe e outras prosas*. SP: Ed. Ática, 1981.

A menina Vitória

Transferiram-no no meio do ano letivo para o colégio do Pucha Beatas, por causa dos piolhos da Escola 8 e da prosódia, em que os professores o achavam muito fraco.

O Sr. Sílvio Marques, embora pouco exigente consigo em relação à pronúncia – trocava amiúde os vv pelos BB - , era no entanto muito cuidadoso ao fechar as vogais. Ralhava severamente o Gigi sempre que lhe ouvisse algum desconchavo, ou então abria-lhe muito os olhos, o que significava o mesmo. Também os amigos dele, aos domingos, debaixo da mulambeira e entre uma ou outra jogada de sueca, comentavam as incorreções de Gigi. E sibilavam, (alguns eram da Beira Alta), lamentando que a pronúncia do garoto se estragava, concordavam que era pena, porque ele já se podia considerar como um branco, embora D. Angelina fosse mulata, mas enfim... era senhora de princípios. O Sr. Sílvio ouvia-os atento, e considerava conscienciosamente a crítica, porque afinal tratava-se do futuro de seu secretário, como dizia referindo-se ao filho.

Assim, embora com sacrifício, porque o colégio era caro, a transferência teve que se fazer. Mas valia a pena, anunciara a mãe às vizinhas. “Aqueles meninos muito arranjadinhos, levados pela mão dos criados, e alguns até de carro...! Que diferença!” – exclamava não escondendo a vaidade, no dia em que o levou ao colégio.

Gigi ganhou roupa nova, uma sacola bordada e muitos conselhos de D. Angelina, que se afligia com a sua aparência. Mas da mudança mesmo o que Gigi mais gostou foi dos passeios na moto com carro lateral, em que o pai o levava ao colégio. O assento era tão baixo que, pelo trajeto, ele podia apanhar pequenos tufos de capim. Isso passou a ser a sua única alegria, porque Gigi estranhou o colégio.

A professora da 3ª classe, a menina Vitória, era uma mulatinha fresca e muito empoada, que tinha tirado o curso na Metrópole. Renovava o pó - de - arroz nas faces sempre que tivesse um momento livre, e durante as aulas gostava de mergulhar os dedos nos cabelos alourados e sedosos de uns meninos que se sentavam nas primeiras filas.

Olhou-o com desconfiança e, depois do primeiro exame, mandou-o para uma carteira do fundo da aula, junto de um menino com cara de puco¹, a quem chamava cafuzo, por ser muito escuro. Mas o menino cafuzo chamava-se Matoso, o que, de início, pareceu ao Gigi insuficiente para justificar o seu mutismo. Vergado na cadeira, não tirava os olhos do livro, nem mesmo quando a menina Vitória se referia a ele, quase sempre com desprezo, ao recriminar outro aluno. “Pareces o Matoso a falar...”, “Sujas a bata como o Matoso...”, “Cheiras a Matoso...” – e ele grudava-se cada vez mais à carteira, transido por aqueles comentários impiedosos.

Fora também transferido da Escola 8, e mesmo no dia da apresentação a menina Vitória não escondera a sua má impressão, com alusões veladas à sua bata de brim grosso. Porém, o seu azedume cresceu quando, tempos depois, o Matoso lhe respondeu distraidamente em quimbundo “O quê, julgas que eu sou da tua laia...!?”. Daí por diante o seu nome era jogado pela aula com crueza, criando um símbolo maldito, que o Gigi mais tarde, atemorizado, reconheceu facilmente. Era uma imagem familiar. Estava muito perto de si e dos seus companheiros de Kinaxixe. Mas por que ele irritava tanto a professora e lhe merecia aquela troça? O Gigi retraiu-se.

Olhava para os colegas de soslaio, inseguro. Eles iriam troçar também dele, da sua bata modesta de brim, dos seus sapatos puídos, quase rotos? E não respondia quando a menina Vitória o chamava à lição, receando um despropósito que o identificasse com o Matoso. “Vem para aqui neste estado e querem milagres!” – suspirava a professora. Era com certeza do método de ensino da Escola 8, ou da sua influência pernicioso. Mas tolerava-o lá no fundo da aula. E o Gigi diminuía-se ainda mais para não ser notado, esforçando-se num mimetismo impotente por imitar os gestos dos meninos da baixa. Tenho que ser como eles, refletia no recreio, afastando-se dos alunos da 4ª classe, que eram, na maioria, os seus companheiros de vadiagem do Kinaxixe. Ficava então a jogar com os estames dos botões que caíam das acácias, e reprimia a vontade de trepar ao cimo delas, para colher os botões compridos de estames longos e curvos, que venciam todos os outros. Bocejava enquanto brincava com o balanceio das anteras e via-as cair sem entusiasmo. Depois submergia de novo na turma e só um ou outro desatino o fazia surgir à tona. “Muxixeiro na redação...que coisa é esta...?!” – alarmava-se a menina Vitória, considerando o neologismo inferior. E a menina da baixa ria e surriava, porque na baixa não tinha muxixeiro. Gigi torcia a cara; engonhava² com medo de explicar. Calava-se. Mas fixava prudentemente o reparo.

Nas suas redações vagueava então tímido sobre as coisas, com medo de poisar nelas, decorava os nomes das árvores, das aves, dos jogos descritos no seu livro de leitura. Procurava esquecer o colorido vivo das penas dos maracachões, dos gungos³, dos rabos- de - junco⁴ que ele perseguia na floresta e cujo canto escutava trêmulo atrás dos muxitos, o sabor ácido dos tambarinos que colhia sedento, o suor e o cansaço das longas caminhadas pelas barrocas, a emoção dos seus jogos de atreza e cassumbula. Imitava passivamente a prosa certinha do gosto da menina Vitória. Esvaziava-as das pequeninas realidades insignificantes que ele vivia, das suas emocionantes experiências de menino livre, agora proibidas e imprestáveis.

Quando o Matoso lia submisso a sua redação, onde pintassilgos gorjeavam e debicavam cerejas amarelas (o Matoso explicara-lhe num recreio que as cerejas eram as gajajas do puto), intimamente o Gigi perguntava-se onde é que ele tinha descoberto tudo aquilo. “Cada vez pior...!” – rezingava a menina Vitória, que não se compadecia com os enganos. E continuava a erguer à volta do Matoso, implacavelmente, um círculo intransponível de desprezo, onde ele já não se debatia, nem chorava. Apenas no rosto as suas feições endureciam sob a pressão dos maxilares contraídos. Exasperava-a.

Tenho que andar pouco com ele, pensava preocupado o Gigi. A professora pode virar-se contra mim. E fugia, afastava-se da sua companhia, deixando-o abatido, solitário, dentro das suas ruínas. Tinha medo de enfrentá-la. Precisava de esconder o segredo ilegítimo do seu passado igual. Precisava de o dissimular para que não fosse destruído. “ Mulatona, nem cabrita é...” – insultava-a furioso à tardinha quando regressava a casa. E até à noite, descalço, gritava pelo bairro junto de seus camaradas do Kinaxixe a sua juventude ameaçada, correndo, bassulando, assaltando as quitadeiras de quitetas.

“ Restos dos maus hábitos...” – lamentava-se D. Angelina. A gradual sisudez começava a animá-la e por isso não compreendia aquelas súbitas irrupções de revolta. “ ...mas o colégio leva-o à ordem!” – confiava. Realmente a menina Vitoria, como uma jiboia enlaçada em cima da árvore, vigiava-lhe os mais pequenos movimentos.

- Higino, a tua redação?

O Gigi naquele dia estava contente com o seu trabalho. O tema era sobre uma figura importante do Governo e ele não esquecera os adjetivos mais expressivos que na véspera a professora tinha proferido. Isso dar-lhe-ia com certeza satisfação. Os meninos da baixa, mais libertos da coação da professora, não tinham sido convincentes, limitando-se a referências distraídas, o que a tinha irritado.

Embora confiante, o Gigi estremeceu ao ouvir o seu nome. Que diria ela, pensava agitado, depois de lhe ter estendido timidamente o caderno. Enquanto a via ler atreveu-se a tentar decifrar-lhe no rosto algum indício revelador, mas a menina Vitória parecia de pedra. Reparou-lhe então nos lábios pintados e nas linhas muito definidas de seus contornos que pareciam emoldurar o *baton*. As sobrancelhas aparadas e finas afastavam-se das órbitas por um traço de carvão, e isolavam uns olhos castanhos barrentos como a água da lagoa do Kinaxixe. Mas subitamente eles abandonaram caderno e voltaram-se para si, perplexos. Apanhado em flagrante, o Gigi baixou a cabeça. A menina Vitória olhava-o silenciosamente e os alunos da classe, pressentindo algo de estranho, apagaram as conversas. Esperavam. Gigi esperou também e as comissuras dos lábios entreabriram-se num sorriso de confiança.

- Com que então pretendes brincar comigo...? – ela falava-lhe friamente...

Gigi empalideceu. Alguma coisa tinha falhado. Mas o que é que poderia ter sido? Estavam lá todos os louvores pelas pontes e estradas que ele construía. Ter-se-ia esquecido de algum fato importante? Olhou o caderno que ela lhe devolvera, aberto nas mãos, mas não distinguiu as letras subitamente misturadas. A acusação, porém, veio sem tardar, inexorável, imprevisível. Como é que ele se atrevera a tratá-lo por tu! Como é que ele tivera o arrojo de o nomear com um simples artigo definido?!

- Ouve lá... tu julgas que ele anda sujo e roto como tu, e come funje na senzala...?

- Não...não...não é... – gemia o Gigi, desnordeado, tentando estancar o fluxo daquelas insinuações que ele temia.

De repente exibia-se aos olhos dos colegas, deformado como uma caricatura, o compromisso irrecusável que circulava no seu sangue e que até ali inutilmente escondera. Uma vaga de calor inundou-lhe o rosto e invadiu-o levemente numa sensação entorpecente. Os seus ombros curvaram-se. Sentiu-se muito fraco. Já nada tinha que disfarçar, mas estava triste perante a luta que pressentia. Mas por que, por que, que ela, logo ela, o queria humilhar? Ela que tinha carapinha. Ela que era filha de uma negra, pensou com furor. Os seus músculos crispavam-se e o caderno começou a amarrotar-se-lhe nas mãos. Depois mal sentiu a violência da palmatória. Só nas faces a queimadura viva da humilhação, só nos ombros a responsabilidade da sua condição, de que ele não tinha culpa, mas que

queria aceitar mesmo dolorosa como as pulsações que lhe ressoavam nas palmas das mãos inchadas.

E na carteira chorou. Chorou de raiva, da dor, da dor que lhe nascia da piedade dos colegas e da vergonha de não poder esconder a sua angústia, com os olhos secos, enxutos, e orgulhosamente raiados de sangue, como os de Matoso.

Glossário:

- Puco: rato do campo;
- Engonhar: fazer cera, ganhar tempo;
- Gungo: pássaro canoro e de penas coloridas;
- Rabo-de-junco: pássaro frugívoro de cauda comprida, acastanhado;
- Atreza: jogo infantil;
- Kinaxixe: bairro de Luanda em que o escritor nasceu, presente em muitas de suas obras;
- Gajaja: fruto da gajajeira (no Brasil, cajazeira);
- Puto: português;
- Quiteta: marisco de concha bivalve.

Brasil

EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. In: *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2008.

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

ANEXO D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título: LITERATURA, NARRATIVA E FORMAÇÃO DOCENTE: AUTORIA SEMEADA NA EXPERIÊNCIA ANCESTRAL (COM)PARTILHADA

OBJETIVO DO ESTUDO: Por meio desta pesquisa, intentamos investigar as potencialidades da literatura nas histórias de vida e os impactos das práticas de leituras coletivas na formação docente, mediante as narrativas das/dos estudantes de Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO, no decorrer dos encontros realizados com o Projeto de Extensão *Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária* (período presencial – 2019 e virtual - 2020), bem como, dos círculos em parceria com o Clube de Leitura Luso-Brasileiro (semi-presencial/transmissão ao vivo - 2019). As questões principais do presente estudo são: *Através da leitura literária, é possível nutrir e potencializar a relação da/do professor/a com o outro e o saber? Quais os sentidos e narrativas que emergem através da prática círculo de leitura? Estudantes de licenciatura em Pedagogia conhecem e/ou leem textos literários de diferentes matrizes culturais? Quais as contribuições da literatura no cotidiano da formação docente? A narrativa é uma investigação-formação?*

PROCEDIMENTO DO ESTUDO: A abordagem teórico-metodológica realizada nesta pesquisa é a investigação narrativa. O estudo será realizado por meio da conversação e articulação com as narrativas escritas e orais das/dos estudantes de Pedagogia, vinculadas/os às turmas de *Alfabetização, Leitura e Escrita* (2019.1/2019.2) acerca das leituras literárias compartilhadas e experienciadas nos encontros do *Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária* em círculo, na sala de aula presencial e virtual, como também, na transmissão online com o Clube-Luso Brasileiro – parceria com a Universidade dos Açores (UAC). As narrativas escritas na *folha de sentidos*, no Google Classroom e formulário Google Drive serão apresentadas na dissertação sem identificação, citadas da seguinte maneira: “Estudante A, 2019.1”; “Estudante B, 2019.2”; “Estudante C, roda virtual, 2020”. Não há critérios pré-estabelecidos, tampouco correspondências aos nomes e identidades verídicas/os. Após o término deste estudo, as/os estudantes-participantes poderão solicitar o compartilhamento.

RISCOS: Qualquer temática de pesquisa envolve riscos às/aos participantes. Pois, determinadas questões e, sobretudo, os debates discutidos podem gerar incômodos ou tensões. As informações coletadas vão ao encontro das experiências pessoais vinculadas à formação docente em andamento. Logo, a/o participante possui o direito de escolher se deseja ou não, compartilhar quaisquer desses assuntos.

BENEFÍCIOS: A participação nesta investigação ajudará a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) a repensar práticas de formação docente, como também, o papel e os desdobramentos do Ensino e da Literatura aliado(s) à Extensão. Portanto, auxiliará no sentido de valorizar perspectivas em que a voz/escrita das/dos estudantes estejam ativas e atuantes no processo educativo.

CONFIDENCIALIDADE: No decorrer deste termo, tenho/temos garantido o sigilo no que se refere ao anonimato. Sua identidade não será revelada nas narrativas em *folhas de sentidos* e nem em formulários preenchidos. Não haverá nenhuma publicação futura com identificação

nominal, baseada nesses registros. As pesquisadoras envolvidas não utilizarão suas narrativas e nem as divulgarão sem o seu consentimento. Apenas os nomes/imagens vinculadas/os à equipe organizadora dos encontros e das parcerias envolvidas serão divulgadas/os.

ALTERNATIVA DE PARTICIPAÇÃO DE ESTUDO: As informações colhidas são para a pesquisa de Bianca Dias de Souza. Você pode decidir participar ou não deste estudo sem interferência na vida acadêmica e também, na participação dos encontros do *Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária* e do Clube-Luso Brasileiro com Ações.

DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES: A pesquisa está sendo realizada no Mestrado em Educação vinculado ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEdu/UNIRIO). Bianca Dias de Souza é a pesquisadora principal, sob orientação da Profa. Dra. Carmen Sanches Sampaio. Tanto a investigadora quanto a orientadora estão disponíveis para conversar acerca de dúvidas e informações que você desejar saber. Em eventual necessidade, favor contactar Bianca Dias pelo telefone **(21) 98291-3175**, ou por e-mail: **bidiasds@gmail.com** e até mesmo, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNIRIO), no telefone (21) 2542-7796 ou pelo e-mail: cep@unirio.br. Você terá acesso à este termo através do envio realizado por *correio eletrônico* ou *Whatsapp*. Se desejar a retirada de sua participação nesta pesquisa, entre em contato diretamente com a pesquisadora.

Estou de acordo com minha participação neste estudo/pesquisa de Mestrado?

Sim () ou Não ()

Nome: _____

Endereço de e-mail: _____

Telefone de contato: _____

Assinatura: _____

Inserir Cidade e Data ____/____/____

Bianca Dias de Souza

Setembro/2021

ANEXO E: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____, CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos de estudo, abordagens teórico-metodológicas, riscos e benefícios da pesquisa, estou ciente da necessidade do uso de minha imagem/identificação enquanto colaborador/a, convidada/o e/ou parceira/o do Projeto de Extensão *Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária*, especificada no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Portanto, autorizo, mediante o presente termo, que as pesquisadoras (Bianca Dias de Souza – Mestranda em Educação pelo PPGEdU/UNIRIO, orientada pela Profa. Dra. Carmen Sanches Sampaio) da dissertação intitulada *Literatura, narrativa e formação docente: autoria semeada na experiência ancestral (com)partilhada* realizem e utilizem fotos que se façam primordiais, sem qualquer ônus financeiro à nenhuma das partes. Esta autorização foi concedida a partir do compromisso com as pesquisadoras acima citadas, garantindo-me os seguintes direitos:

1. Poderei ter acesso às minhas imagens;
2. Os dados coletados serão utilizados e divulgados para fins científicos e de estudos (dissertação, artigos, slides, livros), em favor das pesquisadoras supracitadas, indo ao encontro do atendimento da legislação vigente que resguarda os aspectos éticos em pesquisa com seres humanos;
3. As assinaturas e imagens serão guardadas por 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora e após esse período, serão descartadas.
4. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Estou ciente de que este estudo respeita a legislação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei N.º 8.069/1990), como também, dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003).

Telefone: _____

Endereço de e-mail: _____

Assinatura: _____

Cidade, Data ____/____/____

ANEXO F: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO NARRATIVO

Eu, _____, permito que as pesquisadoras (Bianca Dias de Souza, orientada pela Profa. Dra. Carmen Sanches Sampaio) obtenham narrativas/depoimentos escritos de minha pessoa para fins de investigação da dissertação intitulada *Literatura, narrativa e formação docente: autoria semeada na experiência ancestral (com)partilhada*.

Concordo que o material e as informações obtidas em relação à mim, possam ser publicados e/ou divulgados em aulas, congressos, eventos científicos, periódicos científicos, etc. Porém, desde que o meu nome não seja identificado. Sendo, portanto, garantido o anonimato e a possível nomenclatura: “Estudante A, B ou C”.

As narrativas e depoimentos escritos ficarão sob a responsabilidade do grupo de pesquisadoras pertinentes ao estudo, respeitando os aspectos éticos em pesquisa com seres humanos, respaldados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Logo,

1. Poderei ter acesso aos meus depoimentos;
2. Os dados coletados serão utilizados apenas para fins científicos e de estudos;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma via de publicações;
4. As assinaturas serão guardadas por 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora envolvida e, após esse período, descartadas;
5. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento.

Telefone: _____

Endereço de e-mail: _____

Assinatura: _____

Cidade, Data ____/____/_____